



ORGANIZAÇÃO
Eliane Vasconcellos
Ivette Maria Savelli
Moema Mendes

ILUSTRAÇÃO DO BRAZIL

CRÔNICAS DE CORINA COARACI



Fundação  Casa de Rui Barbosa

ILLUSTRAÇÃO DO BRAZIL

CRÔNICAS DE CORINA COARACI



ORGANIZAÇÃO
Eliane Vasconcellos
Ivette Maria Savelli
Moema Mendes

ILUSTRAÇÃO DO BRASIL

CRÔNICAS DE CORINA COARACI



Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente
Alezandre Santini

Diretor Executivo
Ricardo Calmon

Diretora do Centro de Memória e Informação
Lucia Maria Velloso de Oliveira

Diretor do Centro de Pesquisa
Fábio Kerche

Chefe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira
Maria de Andrade

Chefe do Setor de Pesquisa em Filologia, História e Direito
José Almino de Alencar

Chefe do Setor de Editoração
Benjamin Albagli Neto

Projeto Gráfico do Miolo e da Capa: Tikinet

Preparação e Revisão: Giovanna Macedo | Tikinet

Produção Editorial: Lívia Loureiro e Reinaldo Junior | Tikinet

Estagiária de Produção Editorial: Barbara Souza (FCRB)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C652p Coaraci, Corina, 1858-1892.
 Ilustração do Brasil [recurso eletrônico] : crônicas de Corina Coaraci /
 organização Eliane Vasconcellos, Ivette Maria Savelli, Moema Mendes.
 — Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2026.
 1,68 MB; PDF (194p.)

ISBN 978-65-88295-55-7

1. Crônica – Coletânea. I. Vasconcellos, Eliane, org. II. Savelli, Ivete
Maria, org. III. Mendes, Moema, org. IV. Título.

CDD B869

Elaborada no Serviço de Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa
pela bibliotecária Leticia Krauss Provenzano - CRB7/6334

Fundação Casa de Rui Barbosa

Rua São Clemente 134, Botafogo 22260-000, Rio de Janeiro, RJ

Telefone (21) 3289-4600

www.casaruibarbosa.gov.br

SUMÁRIO

As revistas de Vivaldi Coaraci: <i>Ilustração do Brazil</i> e <i>Ilustração Popular</i>	7
Edição da <i>Ilustração do Brazil</i>	11
Textos Anotados	
Entre moças... – 14 jun. 1877	15
Ontem e hoje – 28 jun. 1877	19
Um macaco – 30 ago. e 15 set. 1877	23
Um novo poeta francês – 15 set. 1877	31
Crônica da moda – 30 set. 1877	37
Crônica da moda – 30 out. 1877	43
Entre moças... – 30 out. 1877	49
Adolpho Thiers – mar. 1878	55
Velázquez e Rubens – mar. 1878	65
Os anéis – mar. 1878	71
O Abade Aubain – maio. 5 jun. 1878	79
O protótipo de D. Juan – jun. 1878	91
Divertimentos – jun. 1878	99
A castelã e a caridade – jul. 1878	101
A dinastia Rothschild – set. e out. 1878	105
Um caso de sonambulismo – out. 1878, jan. e fev. 1879	117
Cristiano Andersen e as suas obras – abr. 1879	137
A sereia: conto de Andersen – maio, jun., jul. 1879	145
Conversações com minha filha: a mulher literata – maio 1879	161
A música do futuro – jul. 1879	165
Conversações com minha filha: a mulher feia – 1879-1880	169
Uma alma para nascer – Alexandre Dumas – 1879-1880	173
Conversações com minha filha: a mulher independente – 1880	179
Um sonho – Ludovic Halévy – 1880	183
Finda com o atual número da <i>Ilustração do Brazil</i> – 1880	193



AS REVISTAS DE VIVALDI COARACI: *ILLUSTRAÇÃO DO BRAZIL* E *ILLUSTRAÇÃO POPULAR*

Carlos de Vivaldi, pai de Corina, foi responsável pela edição e circulação de dois periódicos ilustrados no século XIX, a *Ilustração do Brazil* e a *Ilustração Popular*.¹ A primeira apresentava formato ampliado, uso frequente de gravuras, impressão cuidadosa e circulou de 29 de julho de 1876 a 1880.² A segunda iniciou em 7 de outubro 1876 e findou em 1877³ com

1 A análise apresentada baseia-se diretamente no exame dos exemplares das revistas *Ilustração do Brazil* e *Ilustração Popular*, consultados como fontes primárias. Embora tais periódicos já tenham sido objeto de estudos acadêmicos, optou-se por realizar leitura autônoma do material, privilegiando a observação direta de sua materialidade, organização editorial e conteúdo.

2 Foram consultados diferentes periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital (BNDigital) referentes ao ano de 1880, contudo não foi possível localizar a data exata do último número publicado. Desse modo, temos apenas a indicação de ano de 1880, conforme registrado no último exemplar.

3 A *Ilustração Popular*, provavelmente, iniciou sua publicação em 7 de outubro de 1876, conforme notícia veiculada pelo jornal *O Globo: órgão da Agencia Americana Telegraphica, dedicado aos interesses do commercio, da lavoura e da industria*. Sob a chamada “Novo periódico”,

números de menor extensão, possuía características materiais mais simples, indicando tentativa de alcançar um público leitor mais amplo. A existência destas duas publicações, simultâneas por certo período, revela estratégias editoriais diferenciadas no interior de um mesmo projeto tipográfico. Ainda sobre a *Ilustração Popular*, a crítica comenta que lhe faltava conteúdo, apesar das belas ilustrações usadas, avaliação com a qual concorda Nelson Werneck Sodré ao registrar que “o sal que as revistas ilustradas ofereciam, aquilo que estava ligado ao conteúdo e que foi o segredo do sucesso da revista de Agostini não se tratava, evidentemente, de proporcionar gravuras bem-feitas, ou não se tratava apenas disso: era fundamental que elas estivessem ligadas à realidade nacional, que o público se revisse nelas, encontrasse aquilo que desejava e que o interessava”.⁴

Sobre a trajetória de Corina na imprensa, Sacramento Blake⁵ informa que ela iniciou suas atividades aos 17 anos, auxiliando o pai na edição do periódico *The South American Mail* e colaborando na edição das revistas *Ilustração do Brazil* e *Ilustração Popular*, assumindo a direção deste último periódico em 1877.

o jornal informava: “Com o título de *Ilustração Popular* acaba de empreender o senhor Vivaldi uma interessante publicação, ornada de gravuras e destinada a popularizar a leitura ainda entre as classes mais desfavorecidas. À *Ilustração Popular* desejamos uma existência próspera e longa.” Nos periódicos consultados por meio da Hemeroteca Digital, a última menção à revista foi localizada em 29 de agosto 1877, quando se anuncia o recebimento da mesma, o que indica que ela ainda circulava nessa data.

4 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 222.

5 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*, tomo II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. p. 139.



EDIÇÃO DA *ILLUSTRAÇÃO DO* *BRAZIL*⁶

As crônicas de Corina Coaraci – autorais e traduções – reunidas na presente edição foram publicadas na *Ilustração do Brasil* entre 1877 e 1880, sob diferentes formas de assinatura. No século XIX, o uso do pseudônimo configurou-se como prática comum, principalmente no jornalismo. Para muitas mulheres, a adoção de um nome fictício era uma estratégia de inserção em espaços intelectuais predominantemente masculinos. O exemplo de pseudônimo mais icônico no referido século é o de George Sand, mas muitas brasileiras, assim como Corina, usaram-no.

A maior parte dos textos neste volume estão assinados como *Aniroc*, anagrama de Corina.

6 Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa desenvolvido na Fundação Casa de Rui Barbosa, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para que todas essas etapas fossem cumpridas, contamos com a colaboração competente dos bolsistas Giselha Magalhães Lessa e Breno Pagoto de Oliveira, aos quais agradecemos. Agradecemos também de forma especial os esclarecimentos prestados por Nathalie Gourseau, do Museu Palais Galliera, Paris; por Jacqueline Penjon, professora doutora da Universidade Paris III (Sorbonne-Nouvelle); por Ana Maria Martins da Costa Santos Langkilde, diretora cultural, responsável pelo acervo do Instituto Hans Christian Andersen, e pela professora doutora Marlene Gomes Mendes (*in memoriam*) pela leitura atenta.

Ao final da primeira e da segunda partes da tradução de “Um caso de sonambulismo”, a assinatura é apenas *C*. Na terceira parte, está assinado *C.V.*

Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes em seu artigo intitulado “Corina Coaraci, jornalista do século XIX”,⁷ informa que Corina assinava com vários pseudônimos: Condessa Augusta, Frou-Frou e , às vezes, simplesmente *C*. Essa informação, aliada ao fato de Corina assinar o mesmo texto de *C*. e *C.V.*, permite-nos sustentar que tais pseudônimos pertencem à autora. Essa informação é corroborada pelo comentário do periódico *O Besouro*, de 21 de julho de 1878, no qual se lê: “O número 61 do ano 3 da *Ilustração do Brazil* com suas belas gravuras e os seus belos artigos firmados pelas femininas-maiúsculas *C.V.*”.

Alguns textos, como “Novos livros franceses”, “O Natal” e “O telefone e a música a grandes distâncias”, aparecem assinados com as iniciais *C.A.V.* Entretanto, não pôde ser documentalmente confirmado até o momento se eles são pseudônimos de Corina Coaraci.

O estabelecimento do texto compreendeu as etapas de localização das crônicas nos periódicos, transcrição, cotejo com os originais e preparação das anotações explicativas. As datas das publicações foram registradas conforme constam nos exemplares consultados, sendo padronizadas, para fins editoriais, no formato dia, mês por extenso e ano. As notas de pesquisa em posição rodapé de natureza biográfica, histórica, vocabular ou contextual foram elaboradas pelas organizadoras com o objetivo de esclarecer referências e facilitar a leitura contemporânea.

CRITÉRIOS PARA ESTA EDIÇÃO DA *ILLUSTRAÇÃO DO BRAZIL*

Para o preparo desta edição, adotaram-se procedimentos de atualização normativa com intervenção mínima, buscando preservar as características linguísticas, estilísticas e materiais dos textos originais.

7 BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. Corina Coaracy: jornalista do século XIX. *Travessia*, Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, n. 23, p.157-166, 1991.

1 - ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

Atualizou-se a grafia dos vocábulos segundo as normas vigentes, exceto o nome dos periódicos, sempre tendo por base o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (Vlp), disponível no site da Academia Brasileira de Letras, e recorrendo, quando necessário, aos dicionários de língua portuguesa on-line: o *Dicionário Houaiss corporativo*, o *Aulete digital*; e o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010).

Atualizou-se a grafia das formas verbais quando acompanhadas por pronomes oblíquos átonos: *acordal-o* → acordá-lo; *temel-as* → temê-las; receberam-o → receberam-no; aconselhara-o → aconselharam-no.

Acrescentou-se o acento grave indicador de crase de acordo com a norma vigente.

2 - FORMAS CONSERVADAS

Manteve-se o ditongo ou em cousa, dous, fouce, meia-noute, formas acolhidas como variantes; mas observou-se que Corina, em uma mesma frase, utiliza as duas incursões dous/dois, como no exemplo: “Hoje, o povo corre pressuroso para assistir à inauguração de uma linha telegráfica que comunica DOUS continentes, estreitando assim laços de amizade, e fazendo DOIS povos irmãos no caminho do progresso” (“Ontem e hoje”, 28 jun. 1877).

Preservaram-se as grafias variantes em que ocorrem consoantes que ainda hoje se profere, conforme arrolada no Vlp: subtil, inacessível.

Conservaram-se construções sintáticas com objeto direto preposicionado como em: “se havia achado o meio de matar mais rapidamente ao inimigo”.

3 - CAPITALIZAÇÃO

Mantiveram-se a inicial maiúscula e o registro de vocábulos em caixa-alta quando se observou que a autora desejou dar destaque: MODA, SENHORAS, OCASIÃO, MÚSICA DO FUTURO.

Empregou-se inicial maiúscula em Ministério, Conselho, Câmara, quando designam instituições específicas.

Utilizou-se inicial minúscula na palavra “estado” sempre que o texto se refere, de forma genérica, a uma unidade da Federação.

4 - PONTUAÇÃO E SINAIS GRÁFICOS

Conservou-se a pontuação original.

Mantiveram-se o uso de iniciais maiúsculas em palavras que não configuram nomes próprios após os dois pontos: “Porém continuo: certa intimidade estabeleceu-se entre nós, porém nunca, apresso-me em dizer-to, ele tem dito ou feito alguma coisa que não fosse digna do seu caráter religioso” (“O Abade Aubain, Carta V, maio e junho 1878”).

Manteve-se o uso de iniciais minúsculas após ponto de interrogação e ponto de exclamação: “Como? não te compreendo? tu acabas de ler um trecho algum tanto desconchavado, num estilo que por certo não é o de *Mme* de Staël”; “e ainda trazem consigo talvez uma perna ou uma garganta para estudarem à noite!... é o século da “emancipação da mulher” (“Entre moças...” 14 de junho de 1877).

Preservou-se o emprego das aspas. O emprego do sinal das aspas é peculiar, tornando difícil determinar se constituem gralhas de impressão ou vontade autoral, como na “Crônica da moda”, de 30 de outubro de 1877.

5 - INTERVENÇÕES EDITORIAIS

As intervenções limitaram-se ao necessário para compreensão do texto.

Acréscimos foram registrados entre colchetes, no caso de alguma falha tipográfica ou no uso de pontuação.

Uniformizou-se do recurso gráfico do itálico, não aplicado criteriosamente no original. Esse procedimento foi usado para destacar vocábulos e expressões em língua estrangeira; nos títulos de publicações em livro, obras de arte, peças teatrais e óperas.

6 - NORMALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

Correção da forma de alguns vocábulos quando grafados equivocadamente: *Les Pyreuées* por *Les Pyrénées*; *Domenicia* por *Domícia*.

Manutenção da variante preságio, arrolada no *Vôlp*.

7 - NOMES PRÓPRIOS E VARIANTES ONOMÁSTICAS

Observaram-se as diferentes grafias dos nomes dos personagens da crônica “O protótipo de D. Juan” publicada em junho de 1878, entretanto

optamos por respeitar a forma registrada pelos referidos autores citados por Corina.

Registrou-se o emprego de várias grafias nos antropônimos citados na crônica “Velázquez e Rubens” março de 1878; optamos pela averbação usada nas entradas da *Enciclopédia Mirador internacional*; São Paulo; Rio de Janeiro: *Encyclopedia Britannica* do Brasil Publicações, 1995. Para os antropônimos, não localizados nessa fonte, seguimos as entradas da *Enciclopédia universal ilustrada europeu-americana*, Madri: Espasa-Calpe, 1933. Para a reconstituição dos antropônimos em nota, usamos as entradas das citadas enciclopédias.

8 - LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Traduziram-se vocábulos estrangeiros em nota, exceto alguns de fácil compreensão, ou porque figuram em dicionários de língua portuguesa atuais: *toilettes, menu, gaze, paletot, chic, tulle, ladies, soirée, pollen, shocking*.

9 - COTEJO COM FONTE

Os poemas transcritos em “Um novo poeta francês” foram cotejados com a primeira edição do livro de poemas, publicado como *La chanson des gueux* em maio/junho de 1876.

10 - ORGANIZAÇÃO TEXTUAL

Reuniram-se em um só texto algumas crônicas que foram publicadas em partes.



14 DE JUNHO DE 1877

ENTRE MOÇAS

... Sonhara-me qual não era! Criara na mente uma mulher ideal, toda beleza e inteligência, cuja alma nobre nunca se abaixara a essas pequenas fraquezas que nos cercam. Viu-me, julgou encontrar em mim o seu ideal... porém qual a ninfa de outrora o seu ideal desfizera-se ao tocá-lo...

Quem era culpada? Eu, somente. Encarreguei-me, louca, da minha própria destruição!... Mostrei-lhe que não era o que julgava, que era somente uma mulher, a mulher de todos os dias, a boneca das salas que diz três ou quatro cousas bonitas para atirar cinza aos olhos do mundo; mostrei-lhe que também era sujeita a todas as fraquezas vulgares do meu sexo... e agora? Choro a minha loucura!

Era Luísa que com a sua voz sonora e grave lia-nos o trecho acima, entre Adelina que adormecera na sua poltrona e eu, que, confesso-o, algum tanto surpresa, não compreendia o que queria dizer.

– Eis o resultado da funesta educação que nos dão hoje, Coralina.

– Como? não te compreendo? tu acabas de ler um trecho algum tanto desconchavado, num estilo que por certo não é o de *Mme* de Staël,⁸ e terminas

8 Anne-Louise-Germaine Necker (Paris, 22/4/1766 – 17/7/1817), dita Mme. de Staël.

com toda a solenidade dizendo-me que a nossa educação é funesta, repito, não te compreendo.

– O que acabo de ler foi escrito por uma dessas meninas, que infelizmente são as que formam a nossa sociedade. Educada em um dos grandes colégios da Corte, quando deixou-o, entrou para o seio da sua família com o que os seus mestres chamaram a “educação completa”. Em que se resumia essa educação? Em algumas noções gerais sobre muitos assuntos que não podia compreender; história, geografia, matemática, literatura e filosofia, foi tudo estudado por ela nesse sistema dos nossos colégios, nesse sistema que os franceses chamam à vol d’oiseau,⁹ e que, talvez sirva mais a destruir inteligências brilhantes, as quais¹⁰ outro cultivo tornar-se-iam luzeiros fulgurantes; mas a sua principal educação consistiu no que eu chamo o “verniz das salas”; ensinaram-lhe a trazer a cauda do seu vestido com suprema elegância, a manejar o leque, a dizer palavras ocas, porém bonitas, a cantar e a dançar... depois disseram-lhe: “a sua educação está completa!”

Mas a respeito das virtudes que devem ornar a mulher filha, a mulher esposa, a mulher mãe, do lar, da pátria, de Deus, o que é que lhe ensinaram? nada!

Disseram-lhe que as Cornélias¹¹ já não eram do nosso tempo. Que as espartanas e as romanas já não existem, que o nosso século é o do progresso, da emancipação da mulher! Como se a mulher já não estivesse bastante emancipada.

Depois... apresentaram-na ao mundo, dizendo-lhe que com a sua educação podia aspirar a um “bom casamento”! Que tratasse de procurar um bom partido. Ela, talvez, ainda com alguns sonhos de menina, e também com a leitura de romances, resolveu-se, não a procurar o “bom partido”, porém o romance na “vida real”. Nos salões, nos teatros, nos passeios, julgou encontrar o que desejara, pois que não faltam aí desses mancebos que se entretêm com as “ingênuas”, como as chamam, recitando-lhes poesias, falando-lhes nos seus ideais, dizendo-lhes que nela encontraram o que

Escritora francesa. Tornou-se baronesa de Staël-Holstein após seu casamento com o suíço barão de Staël-Holstein, em 1786. Foi precursora dos estudos de literatura comparada, em que analisava obras produzidas fora da França, especialmente as alemãs, com o intuito de adaptar os ideais românticos à realidade do seu país.

9 Expressão francesa: “em linha reta, sem desvio, direto ao ponto”.

10 Publicada em 9 de junho de 1877 com a seguinte modificação: “inteligências brilhantes com outro cultivo tornar-se-iam luzeiros fulgurantes”, na *Ilustração Popular*.

11 Cornélia Cinila (c. 97 – c. 69 a.C.). Imperatriz romana, esposa de Júlio César.

desejavam. E o que resultou? O que vês, a ingênua de ontem, hoje escreve “devaneios”, chora a sua loucura e amanhã talvez se resolva a procurar o “bom partido”... Não achas que tenho razão...

– O que dizes é infelizmente verdade.

– Talvez pareça mal, eu menina, falar deste modo, porém por toda parte vejo sempre o mesmo resultado. Olha! aqui a meu lado está Adelina que dorme, porque um assunto sério lhe causa sono. Sonha talvez com borboletas, flores, ou com o seu herói ideal. E no entanto, ela também, está com a educação completa.

A nós hoje nos dizem: – É o século da emancipação da mulher! Sois livres! Tendes os mesmos direitos que os vossos irmãos, que os vossos pais! As academias estão abertas a vós também!

E o que resulta? Mulheres impossíveis, porque por toda a parte lavra a descrença. São livres! Leem Comte,¹² Littré,¹³ Moleschot,¹⁴ Buchner¹⁵ e Bernard,¹⁶ e tornam-se materialistas... é o século da “emancipação da mulher”.

Cursam as academias, e depois voltam com os vestidos manchados, porque estudam medicina, porque passaram a tarde a dissecar um cadáver, e ainda trazem consigo talvez uma perna ou uma garganta para estudarem à noite!... é o século da “emancipação da mulher”.

Insensatos! o que fizeram das virtudes? Onde ireis buscar as vossas esposas, as mães dos vossos filhos?

Nos bancos da academia?

Por certo que não, porque, apesar do que dizeis, tendes horror à mulher-homem...

12 Auguste Comte (Montpellier, 19/1/1798 – Paris, 5/9/1857). Filósofo francês. Considerado fundador do positivismo e da sociologia.

13 Paul-Émile Littré (Paris, 12/1801 – 2/6/1881). Filósofo, linguista e lexicógrafo francês. Destacou-se por sua obra monumental, em quatro volumes, o *Dictionnaire de la langue française* (1863-1873). Foi amigo e apoiador de Auguste Comte.

14 Jacob Moleschott (s-Hertogenbosch, 9/8/1822 – Roma, 20/5/1893). Fisiologista e filósofo holandês. Destacou-se por suas visões filosóficas sobre o materialismo científico. Sua obra mais importante, *Kreislauf des Lebens* (1852), impulsionou o materialismo no século XIX na medida em que requisitou respostas científicas para questões científicas.

15 Georg Büchner (Goddelau, 17/10/1813 – Zurique, 19/2/1837). Escritor e dramaturgo alemão. Grande precursor da vertente expressionista das artes cênicas que se consolidou no início do século XX.

16 Claude Bernard (Saint-Julien, 12/7/1813 – Paris, 10/2/1878). Médico e fisiologista francês. Considerado fundador da medicina experimental.

Julgais talvez que eu pense que a mulher deve ser ignorante para fazer-vos felizes. Não, eu digo somente: educai a mulher mas não como o fazeis agora. Não lhes deis a educação frívola dos colégios, nem tampouco a educação perversa das “progressistas”. Confiai vossas filhas às suas mães, ensinai-lhes primeiro a conhecer a virtude, a respeitar a velhice, e a crer em Deus! porque só o lar e a família podem dar a educação de que tanto carece a mulher de hoje; ensinai-lhes a amar as crianças, porque mais tarde serão mães; instruí-as para que, por sua vez, também possam ensinar às suas filhas, dissei-lhes que as fitas e as rendas não fazem a mulher, que uma mente pura, um pensar sério e a modéstia devem ser o seu adorno.

Mas, cuidado, não fazei delas devotas, tampouco hipócritas, porque o riso, a alegria, o espírito devem também acompanhá-las. É uma loucura o que estou dizendo, porque o nosso século é o do progresso, da “emancipação da mulher”.

Desculpa Coralina, creio que estive sonhando, não é verdade? No entanto se a minha fraca voz pudesse ser ouvida!...

Vê, nós, também, Coralina, somos o resultado da educação moderna. Tu escreves péssimos artigos para um jornal, julgando-te uma de Staël, e eu faço discursos sobre a “educação da mulher”!

– Acordei a tempo para aplaudir o fim do discurso, que é o mais bonito, disse Adelina, que despertara naquele momento.

– Obrigada!... E com quem sonhaste?

– Ora, com o Flantério, que ontem fez-me uma declaração incendiária, no baile!...

Aniroc.



28 DE JUNHO DE 1877¹⁷

ONTEM E HOJE

Há alguns dias estive com um velho amigo, que há muitos anos não via. O bom velho é um desses fidalgos europeus de antiga estirpe e que portanto segue *ancien regime*.¹⁸

A palavra “progresso”, na sua opinião, devia ser eliminada da língua. No seu tempo não havia academias onde a mocidade aprendia a negar ao seu “Deus e ao seu rei”, só se estudava uma ciência, a “heráldica”. Não compreendia como é que hoje ensinam as ciências às mulheres porque a sua santa mãe, que era uma nobre castelã, apenas sabia ler, e a sua ciência cifrava-se no saber rezar e bordar.

Depois, o velho fidalgo fez-nos uma pequena resenha do seu tempo. Contou-nos muitas histórias e teria continuado a clamar contra a perversidade da geração moderna, comparando o “ontem” com o “hoje”, se não lhe houvéssemos oferecido uma xícara de chá.

¹⁷ Publicada na *Ilustração Popular* em 30 de junho de 1877, sem modificação.

¹⁸ Expressão francesa: “Antigo Regime”. Período político que precedeu a Revolução Francesa (1789), marcado pelo absolutismo monárquico.

Quando se retirou, comecei a pensar seriamente no que dissera. Será verdade o que disse? perguntava a mim mesmo. Seriam mais felizes os povos dos séculos passados? e depois de muito pensar deduzi o seguinte.

Ontem, duas famílias fidalgas levavam anos a brigar para saber qual dos dois respectivos herdeiros serviria de pajem a sua majestade, e teria a alta honra de acender-lhe a vela quando se retirava aos seus aposentos.

Hoje, o filho do pobre operário cursa as academias, e senta-se ao lado do herdeiro do fidalgo, e talvez mais tarde mostre ao mundo que só há uma realeza: “a do talento”.

Ontem, veríeis um homem, um sábio, que curvado ante volumosos manuscritos parecia dedicar-se a estudos profundos, após vinte anos de estudo descobrir que o fidalgo que o protegia tinha “o direito de usar uma pluma amarela no seu capacete”. Hoje, vê-se a mocidade correr pressurosa às academias e lá estudar, e mais tarde achar os meios de engrandecer a sua pátria.

À noite, os vereis ao lado das suas irmãs explicando-lhes as grandes invenções, e ensinando-lhes que o “progresso” não é uma palavra que deva por elas ser ignorada.

Ontem, o altivo e orgulhoso castelão contava os seus vassallos como outros tantos animais; para ele a pobre camponesa fora criada para o seu bem pessoal e devia sujeitar-se à sua suprema vontade. Hoje, ensina-se que todos os homens são iguais perante Deus e a lei; ensina-se que a mulher, embora pobre e humilde, deve ser respeitada, e que fidalga ou plebeia têm ambas o mesmo direito à veneração e ao respeito.

Ontem, duas famílias de origem fidalga conduziam os pobres, seus vassallos, a guerras sanguinolentas entre si, só para saberem qual das duas tinha direito a trazer um saca-rolhas no seu escudo; pois que os chefes de ambas tinham o mesmo direito a ser despenseiros-mores do rei. Hoje, as lutas são pacíficas; o nobre e o plebeu encontram-se em renhida peleja nos campos da ciência, e dessa luta resulta algum descobrimento maravilhoso onde o mundo dá mais um passo gigante no caminho do progresso, e os povos abençoam o feliz descobridor.

Ontem, nas sombrias celas do claustro havia homens que o mundo chamava “santos” e cuja santidade consistia em descobrir o meio mais eficaz de queimar ou torturar um herético, ou talvez queimar trezentos homens ao mesmo tempo. Hoje, o pensamento é livre, o homem ama a Deus como lhe dita a consciência, e de cada segredo que arranca à natureza faz uma prece que dedica ao criador.

Ontem, via-se [*sic*] imensas aglomerações de povo à roda de uma fogueira, onde ia ser queimado um homem que tivera a ousadia de revelar um segredo da natureza. Hoje, o povo corre pressuroso para assistir à inauguração de uma linha telegráfica que comunica dous continentes, estreitando assim laços de amizade, e fazendo dois povos irmãos no caminho do progresso.

Ontem, quando um sábio descobriu a pólvora, os povos e os reis estremeceram de alegria. Enfim, se havia achado o meio de matar mais rapidamente ao inimigo. Hoje, com a pólvora faz-se saltar imensas rochas e as minas entregam ao homem o carvão, o ferro e o ouro, poderosas alavancas da civilização humana.

Ontem, o povo conquistado era levado à força para o país do conquistador e ali obrigado a cultivar-lhe os campos e erigir-lhe as cidades; nunca o pobre escravo poderia ter os mesmos direitos que os senhores; nunca podia dizer sou livre, sou cidadão. Hoje, à América do Norte, apenas o imigrante chega à terra estranha, encontra uma nova pátria, e pode aspirar às mais altas posições.

Ontem, as máquinas, consideradas maravilhosamente engenhosas, eram os atrozes instrumentos de tortura com os quais os sombrios chefes da Inquisição arrancavam segredos, e a guilhotina. Hoje, as máquinas que mais aplausos obtêm são aquelas que são úteis à indústria e que podem aliviar o trabalho do pobre.

Ontem, as ciências e as artes eram conhecidas nos claustros, onde na cela os monges passavam anos a estudar; para eles a ciência só servia para governar com mais facilidade o povo ignorante. Hoje, a imprensa atira até as últimas camadas ondas de luz, e instruindo o povo mostra-lhe o caminho da prosperidade.

Ontem, os padres incutiam no povo ignorante a crença cega, a sua divisa era “morre” ou “crê”. Hoje, os sublimes sacerdotes do progresso, os homens da ciência, dizem ao mundo inteiro: “pensa e crê”!

Ontem, o fidalgo tinha por grande honra o receber as bengaladas que o rei dignava-se atirar-lhe sobre a cabeça, e ao pobre vassalo nem era dado o direito de queixar-se. Hoje, todo fidalgo, ou homem do povo, tem o mesmo direito ante o soberano. Podem se apresentar ao rei de frente alta.

Ontem, a realeza passava orgulhosa e altiva através do povo, sem ouvir os gemidos dos pobrezinhos que esmagava sob o peso do trono. Hoje, a realeza curva-se para tomar nos braços o órfão que chora, e para alimentar aos que têm fome.



Dias depois encontrei de novo o meu velho amigo. Deixei-o falar algum tempo sobre o seu tema favorito, depois expus-lhe o resultado do meu pequeno estudo; e quando acabou de ouvir-me respondeu que em alguns pontos eu tinha razão, porém, que já estava “muito velho para mudar de opinião”.

Aniroc.



30 DE AGOSTO E 15 DE SETEMBRO DE 1877

UM MACACO

Viajar a pé é um dos maiores prazeres que o homem pode ter quando é jovem e forte; havia chegado a um dos mais pitorescos sítios dos Alpes. Acompanhavam-me meu irmão e um amigo; cansados de uma longa subida, repousamos à sombra de um grupo de árvores magníficas, admirando daquelas alturas serenas as verdes campinas, que se estendiam aos nossos pés, e ao longe os extremos picos dos Alpes, que àquela distância pareciam formar um fundo quase transparente aos grupos de carvalhos e de pinheiros, que se ostentavam de distância em distância nas suas faldas.

Pouco depois vimos aproximar-se por um atalho, seguindo as direções de um pastorzinho, um desses charlatães vagabundos, que ganham a vida mostrando ao aldeão e ao camponês, um camelo, um macaco, uma águia depenada ou qualquer outro animal, que por desgraça foi cair em tais mãos para ser com ele maltratado e mal alimentado. Passando ao pé de nós trocamos algumas palavras, e tendo obtido respostas agradáveis e espirituosas, resolvemos seguir caminho juntos por algum tempo.

Aquele homem devia ter fama de filósofo entre os seus conhecidos; tinha muita inteligência, muito espírito, às vezes sarcástico, e via as cousas

do mundo de tal maneira, que denotava uma mente independente; divertiu-nos pelo espaço de duas horas com a história das suas viagens e as aventuras singulares da sua existência nômade.

Contou-nos, entre outras cousas, como veio a obter um dos seus macacos, o mais gracioso e cômico dos animais que tenho visto.

Pertencera a um pintor, que morrera em França havia anos; a viúva conservou o macaco, porque a divertia com as suas travessuras, imitando as senhoras que a visitavam, e apanhando-lhes o lado ridículo, como o poderia fazer o mais hábil dos caricaturistas de lápis em punho.

A viúva era mulher bonita, e andava à procura de um segundo marido. Pobre, havia herdado do marido dous ou três mil francos, e os gastara alegremente enquanto procurava um bom casamento, mostrando-se muito sensível às homenagens de um senhor de idade adiantada. Homem bonito, embora já contasse mais de 50 anos, robusto, um pouco propenso à obesidade, o sr. Esopo começava a cansar-se do celibato, depois de ter gozado, “diziam os vizinhos”, muito da vida; alegre, com pretensões a jovem, amando a sociedade, embora fosse egoísta e um pouco mesquinho, compensava este defeito com uma boa dose de francos e boas terras, juntando a isso um certo desenvolvimento da “bossa da ingenuidade”.

A viuvinha havia reparado nele, embora dissessem ter ela um *penchant*¹⁹ decidido por um jovem discípulo do seu defunto marido; porém, havia muito tempo que o moço não a visitava e o boato não passara daí. Pouco a pouco o “juvenil-velho” parecia ter triunfado de todos os satélites, que giravam em torno da viúva do pintor; entre ele e ela houve meias confidências, conversações cheias de intimidade e abandono, que deixaram ver ao seu fogoso adorador, infinitos e serenos horizontes de felicidade.

De repente a viúva mudou completamente sem o menor motivo; mostrou-se pouco cortês para com ele nas conversações [e] o contrariava sempre, e quando lhe falava era com excessiva frieza, enquanto que com os outros mostrava-se sempre amável e alegre.

Ele, que reparara nisto, não pôde resistir por muito tempo a esse suplício; uma noite deixou-se ficar até que todos se retirassem, e pediu uma explicação. A princípio a viúva só deu respostas evasivas, depois mostrou-se comovida e agitada, e finalmente com um sem-número de reticências deu a entender ao velho que se lhe afeiçoara, que não possuía senão uma pequeníssima fortuna, que comparativamente a ele era pobre; portanto,

¹⁹ Palavra francesa: “inclinação, queda”.

não podendo aspirar ao matrimônio, queria cortar essa relação antes que o seu coração a conduzisse por um caminho, no qual ela tinha tudo a temer num momento de entusiasmo e de abandono; conhecia-se, sabia que lhe era impossível amar friamente; era melhor, pois, cortar as relações. Sofreria muito, porém assim era preciso.

Ouvindo esta declaração o nosso homem sentiu-se quase que morrer de alegria; não atirou-se aos pés da sua amada, mas ofereceu-lhe a sua fortuna e a sua mão; ela chorou de ternura e ele lacrimejou de alegria, e num rasgo de audácia amorosa pediu à encantadora viúva uma madeixa dos seus cabelos.

“Eu sei todas estas cousas, disse-nos o charlatão, pela criada de quarto que tinha o louvável costume de espiar pelo buraco da fechadura.”

A viúva era loura e usava o cabelo em longos cachos, que lhe caíam pelas espáduas, formando verdadeiras cascatas douradas. O pedido do apaixonado amante pareceu contrariá-la, porém foi só por um minuto; levantou-se, dirigiu-se a uma mesinha de costura, tomou a tesoura, e ante o espelho cortou uma das mais longas madeixas; o noivo (consideravam-se noivos ante Deus) recebeu aquela prova de amor com indescritível entusiasmo, e cobriu de beijos aquele raio de sol, dizia ele, roubado à fada dos amores.

Entra em cena agora o macaco, o qual presente a este colóquio, não fora visto pelos dous amantes. O macaco, como que envergonhado daquela cena, fugia, atirando com uma cadeira ao chão. O rumor assustou a nervosa viúva, a qual dando um grito, deixou-se cair nos braços do apaixonado velho.

Por um momento conservaram-se enlaçados nos braços um do outro, porém, logo depois recommçaram os voos da apaixonada linguagem do amor.

Era uma bela noite de luar no verão, e nas salas, onde não tinham acendido o lume, tinham aberto as portas e janelas, deixando penetrar no interior a luz da lua, que brilhava no seu maior esplendor, e que no entanto envolvia todos os objetos no mais poético dos *chiaro-oscuros*.²⁰

O macaco atravessou diversas salas, e chegou, enfim, ao quarto da viúva, abriu uma gaveta, tirou alguma cousa, e depois dirigiu-se de novo, sem fazer ruído, à sala onde se achavam os noivos, e foi colocar-se atrás do adorador, junto às cortinas da janela; depois, olhando para o velho que conservava numa de suas mãos a da viúva, e na outra a madeixa de cabelos, beijando-as alternadamente, começou a imitá-lo com a mais cômica gravidade, segurando com uma das patas uma ponta da cortina, e com a outra

20 Palavra italiana: “claro-escuros”.

uma soberba cabeleira de cachos, iguais aos que adornavam a cabeça da viúva, beijando ora a cortina, ora aquele soberbo trabalho do cabeleireiro.

A viúva percebeu os manejos do macaco, e imediatamente viu o perigo; o velhinho percebendo os olhos da sua adorada fixos na outra extremidade da sala, olhou para um espelho suspenso na parede, que refletia tudo quanto se passava atrás de si, e percebeu também, sem precisar voltar-se, o macaco que se divertia a imitá-lo com a cabeleira da noiva.

Esta correu atrás do macaco, pretextando que lhe rasgara a cortina, e o velho adorador teve tempo de pensar na aventura, e determinou nada dizer.

Quando a viúva voltou, achou-o ainda beijando a madeixa de cabelos. Ficaram ainda alguns minutos juntos, depois o velho retirou-se, levando no lenço bordado da viúva a madeixa, e esta retirou-se ao seu quarto para sonhar-se esposa rica e... felicíssima.²¹

Enquanto a viúva alegrava-se, pensando no próximo casamento e no perigo que havia corrido por causa do macaco, e mandava prender o malicioso animal na antecâmara, o seu idoso admirador, ainda segurando o lenço que continha a madeixa de cabelos, passeava de um lado para outro no seu quarto.

Coitadinho! era o seu último desengano de amor; levava muito tempo antes de lisonjear-se, resistira àquela voz que lhe dizia: “amo-te!” Havia-lhe respondido a mais de cem vezes: “não é verdade!” mas, enfim, cedera à fraqueza, acreditando-se amado pelos seus belos olhos e por sua “mocidade”.

Aquele engano dos cabelos postiços despertara-lhe mil suspeitas; uma voz íntima dizia-lhe ao ouvido: enganas, lisonjeiam-te pelo teu dinheiro, pelas casas que possuis, pelos teus castelos, pelas tuas fazendas.

A imagem do jovem pintor, de quem falei, voltava-lhe à mente, fazendo-o suspeitar que a viúva ainda o recebia secretamente.

Deitou-se tarde, dando ordens ao seu criado para acordá-lo cedo. Havia determinado no que devia fazer.

Dormiu pouco e mal; às 7 horas da manhã estava de pé e meia hora depois batia à porta da viúva.

A criada de quarto veio recebê-lo.

– A senhora está ocupada?

– Levantou-se neste momento e está se vestindo.

– Entrega-lhe isto.

²¹ Fim da primeira parte.

E deu-lhe um bilhete de visita, no qual lhe dizia que um telegrama o chamava apressadamente para uma de suas casas de campo.

Passando pela sala viu o macaco amarrado a uma cadeira e que torcia-se de raiva. O velho desatou-lhe as cordas, imaginando que deste modo desagradaria à viúva.

O macaco, apenas sentiu-se livre, dirigiu-se aos saltos para o quarto da viúva. Ouvindo abrir a porta escondeu-se debaixo do sofá.

– A senhora pede-lhe que tenha a bondade de esperar um momento.

– Está bem.

Para ir ao quarto da viúva havia duas portas, uma das quais dava para o corredor.

O macaco entrou no quarto pela segunda porta ao mesmo tempo que a criada vinha da cozinha para levá-lo da sala.

– Que fez o senhor? disse, assustada, baixo ao velho, desatou o macaco? Meu Deus! espero que tenha a bondade de dizê-lo à senhora...

Não acabou a frase; ouvia-se um grande barulho no quarto da viúva.

– Antônia! Antônia!

Antônia correu, deixando só o velho namorado.

A algazarra no quarto vizinho crescia cada vez mais; ouvia-se cair cadeiras, e a voz da viúva acima de tudo, que gritava:

– Apanha-o, Antônia, apanha-o.

– Tenho medo; ontem a senhora castigou-o demais.

– Cala a boca!

A isto seguiu-se um pequeno silêncio; depois maior barulho ainda, o ruído de porcelanas e vidros que se quebravam, e, enfim, um grito estridente da viúva, e de repente o macaco entrou aos saltos na sala, seguido da criada.

– A senhora pede-lhe que a desculpe... não pode recebê-lo esta manhã.

– O que traz aquele macaco na mão?

– Não sei, provavelmente alguma joia; e correu para prendê-lo.

– Espere que lhe ajudo.

– Não precisa, senhor, não se incomode.

Porém o velho deu com a bengala no braço do macaco, o qual fugiu, deixando cair o objeto que trazia na mão.

A criada abaixou-se rapidamente para apanhá-lo, porém o velho fora mais ágil.

Era uma dentadura completa e perfeita com uma chapa de ouro.

– Ontem à noite os cabelos, hoje os dentes, amanhã o macaco traz-me talvez uma perna postiça, disse ele.

Dirigia-se para a porta quando ouviu tocar a campainha.

A criada ouvindo a campainha corou.

– Desculpe-me, eu vou e volto já. Deve ser o homem do leite.

– Vá... Quem lhe perguntou se era o homem do leite ou o padeiro? pensou o velho desconfiado. Aqui há alguma cousa, e seguiu a criada devagarinho.

Viu-a abrir a porta misteriosamente e sair, em vez de deixar entrar, quem havia batido.

O velho seguiu e encontrou na entrada o jovem pintor, de quem falei, e que conversava baixo com a criada.

Vendo o velho assustaram-se e calaram-se.

– Antônia, cedo o lugar às pessoas mais dignas do que eu; aqui estão os dentes da senhora, entrega-os e diz-lhe que para morder certos “bons bocados” essas dentaduras não servem.

E foi-se.

O pintor ficou um pouco surpreso e pediu a Antônia uma explicação; e esta, que tinha o seu fraco pelo jovem, contou-lhe tudo. Ele, que já começava a cansar-se da viúva, também retirou-se.

Ouvindo a criada contar o que havia acontecido, a viúva enfureceu-se, e, agarrando de repente no macaco, atirou-o fora da janela para o pátio.

O porteiro apanhou-o meio morto e mo entregou.

Dei-lhe dois francos pelo macaco; esperava curá-lo, pois que só havia quebrado uma perna e um osso do nariz. A custo de muito trabalho ficou inteiramente restabelecido.

Foi então que conheci a criada que vinha ver o macaco todos os dias, e algum tempo depois contou-me tudo quanto vos acabo de repetir, ajuntando que, com a história de atirar o macaco pela janela, também se divulgara a dos cabelos e dentes postiços. A viúva que havia gasto muito com as despesas do luxo, despediu a criada, vendeu os móveis, e viu-se reduzida a pensar seriamente num meio de vida. Com o pouco dinheiro que lhe ficara, abriu uma lojinha de modas, que possuiu por algum tempo.

Desvanecidos os sonhos de ambição, a viúva começou a pensar sobre um dos seus pecados de mocidade; entre as suas relíquias secretas guardava a metade de uma moeda que lembrava-lhe um lindo rapaz carniceiro. Que belo traste não era a tal viuvinha!

A outra metade da moeda trazia-a ao colo a afilhada de uns camponeses normandos, que a haviam tirado pequenina da casa dos expostos. À força das pesquisas a viúva soube onde se achava a filha e dirigiu-se para a Normandia, onde encontrou-a trabalhando nos campos; era uma robusta

e vigorosa rapariga que deu uma gargalhada tal, que demonstrava a força de seus pulmões, ao ouvir a viúva chamar-lhe filha; e por muito tempo negou-se a acompanhá-la.

O amor de mãe despertara no coração da viúva abandonada, e este amor venceu todos os obstáculos. A filha consentiu em seguir sua mãe; com a filha sob os olhos a viúva começou a pensar no carnicheiro e achou meio de encontrá-lo, e de mostrar-lha (ele já tinha negócio por sua conta, era viúvo e sem filhos). A beleza da filha, os seus modos ingênuos e francos, e a insistência insinuante da mãe decidiram – corrigir o seu *pecadillo*²² de mocidade e a fazê-lo sancionar perante a igreja, e hoje pode-se ver “Madame Anguilette”, que já vendeu o negócio de modas, sentada ao balcão de um dos melhores açougues de Paris, ao lado de sua filha que é a guarda-livros, e sob as vistas vigilantes do marido.

Em todos estes casos que vos acabo de contar e nos quais vedes o triunfo da virtude e da justiça, concluiu o charlatão:

O meu macaco foi o instrumento escolhido pela Providência. Pois bem, olhem para ele; nem por isso mostra-se mais orgulhoso do que os outros, e não se mostra vaidoso senão quando descobre alguma fruta escondida. Nem todos os macacos são assim, nem mesmo os “mais aperfeiçoados” de que nos fala Darwin.

Anirot

²² Palavra espanhola: “pecado pequeno”.



15 DE SETEMBRO DE 1877²³

UM NOVO POETA FRANCÊS

Jean Richepin,²⁴ eis o nome de um jovem poeta francês que atrai a atenção dos literatos parisienses.

Para dar uma pequena ideia dos escritos do jovem poeta (só conta 27 anos) reproduzimos algumas das suas poesias, escolhidas dentre as mais belas dos seus livros. Mas, para apreciar os versos, começemos por descrever o homem, porque talvez aconteça que ele assinale um novo e belo passo na literatura do seu país.

O estudo, os anos, o acalmar das paixões juvenis, uma melhor companhia corrigirão o homem, e, por certo, influirão sobre o escritor, porque não há dúvida que Richepin é daqueles que se tornam romancistas e poetas.



Jean Richepin é um dos principais colaboradores do jornal republicano *La Tribune*.²⁵ Publicou até hoje três livros: primeiro, *La chanson des gueux*,²⁶

²³ Publicada na *Ilustração Popular* em 23 de setembro de 1877, sem modificação.

²⁴ Poeta, romancista e dramaturgo francês (Médéa, Argélia, 4/2/1849 – Paris, 12/12/1926).

²⁵ Jornal de orientação republicana radical e socialista.

²⁶ Primeiro livro de poemas, publicado em maio/junho de 1876. Edição definitiva, revista e aumentada em 1881.

pouco tempo depois *Les morts bizarres*,²⁷ e agora *Les caresses*.²⁸ Está para publicar o romance *Madame André*.²⁹

La chanson des gueux deu-lhe grande fama juntamente com a prisão,³⁰ onde acha-se ainda, por causa de algumas frases por demais audaciosas. Neste livro só faz glorificar o proletário e o boêmio.

Les morts bizarres, como o título indica, é uma coleção de novelas, umas mais singulares do que as outras; algumas muito medíocres, porém em compensação outras primam pela fantasia da imaginação, e o feliz enredo da novela.

Les caresses é um volume de versos exóticos: 134 poesias, nas quais este estranho poeta canta quatro gêneros de carícias, porque diz haver um gênero para cada estação do ano. Queres saber, leitor, de que espécie é o seu amor?

Eis a sua

DÉCLARATION

L'amour que je sens, l'amour qui me cuit,
Ce n'est pas l'amour chaste et platonique,
Sorbet à la neige avec un biscuit;
C'est l'amour de chair, c'est un plat tonique.

Ce n'est pas l'amour des blondins pâlots
Dont le rêve flotte au ciel des estampes.
C'est l'amour qui rit parmi des sanglots
Et frappe à coups drus l'enclume des tempes.

C'est l'amour brûlant comme un feu grégeois,
C'est l'amour féroce et l'amour solide[,]
Surtout ce n'est pas l'amour des bourgeois,
Amour de bourgeois, jardin d'invalides,
Ce n'est pas non plus l'amour de roman,
Faux, prétentieux, avec une glose
De si, de pourquoi, de mais, de comment.
C'est l'amour tout simple et pas autre chose.

27 Primeiro livro de novelas, publicado em 1876. Edição definitiva e aumentada em 1883.

28 Livro de poemas, publicado em 1877, edição definitiva em 1882.

29 Primeiro romance, publicado em 1878.

30 Ficou preso por um mês e pagou de multa 500 francos por crime de violação aos bons costumes, em decorrência da linguagem utilizada em seu livro. Os exemplares da obra foram confiscados por terem sido considerados insultuosos à moralidade pública.

C'est l'amour vivant. C'est l'amour humain,
Je serai sincère et tu seras folle,
Mon coeur sur ton coeur, ma main dans ta main.
Et cela vaut mieux que leur faribole!

C'est l'amour puissant. C'est l'amour vermeil,
Je serais le flot, tu seras la dune.
Tu seras la terre, et moi le soleil,
Et cela vaut mieux que leur clair de lune!³¹

Depois de tal declaração é natural esperar-se por esquisitices de toda a sorte, e ele tem mais esquisitices do que podeis imaginar, porém, de vez em quando a natureza, a verdadeira, a simples, a franca e bela natureza do homem triunfa, e então aparece uma poesia doce e suave.

Por exemplo:

LE BATEAU ROSE

Je m'embarqueras, si tu le veux,
Comme un gai marin quittant la grève,
Sur les flots dorés de tes cheveux,
Vers un paradis fleuri de rêve.

Ta jupe flottante au vent du soir
Gonflera ses plis comme des voiles,
Et quand sur la mer il fera noir,
Tes grands yeux seront mes deux étoiles.

Ton rire éclatant de vermillon
Fera le fanal de la grand'hune,

³¹ “Declaração: O amor que sinto, o amor que me queima/Não é o amor casto e platónico,/ Sorvete espumante com um biscoito;/É o amor de carne, é um prato tónico./Não é o amor dos louros pálidos/Cujo sonho flutua no céu das estampas./É o amor que ri entre soluços/E bate com golpes fortes a bigorna das ténporas./É o amor que queima como fogo greguês/É o amor feroz e o amor sólido,/Sobretudo não é o amor dos burgueses,/Amor de burguês, jardim de inválido,/Não é também o amor de romance,/Falso, pretensioso, com uma glosa/De se, de porque, de mas, de como./É o amor simplesmente e não outra coisa./É o amor vivo./ É o amor humano./Serei sincero e tu serás louca,/Meu coração sobre teu coração, minha mão em tua mão./E isso vale mais que as conversas fiadas deles!//É o amor poderoso. É o amor vermelho,/ Eu seria a onda, tu serás a duna. /Tu serás a terra, e eu o sol, /E isso vale mais que o luar deles!”

J'aurai ton ruban pour pavillon
Et ta blanche peau pour clair de lune.

Nos vivres sont faits et nos boissons
Pour durer autant que le voyage.
Ce sont des baisers et des chansons
Dont nous griserons tout l'équipage,

Nous aborderons je ne sais où,
Là-bas, tout là-bas, sur une grève
Du beau pays bleu, sous un ciel fou,
Dans le paradis fleuri de rêve.³²

Como gentileza de forma agrada-me esta composição com versos de quatro sílabas intitulada:

NOCTURNE

Le jour fuit,
La mer roule
Et roucoule
Dans la nuit,

Et le bruit
De la houle
Berce et soule
Mon ennui,

Et je doute
Si j'écoute
Dans les sons

32 “O navio rosa//Eu embarcarei, se o queres,/Como um alegre marinheiro que deixa a praia,/ Nas ondas douradas de teus cabelos,/Em direção a um paraíso florido de sonho.//Tua saia flutuante ao vento da noite/Encherá suas dobras como velas/E quando no mar se fizer escuro,/ Teus grandes olhos serão minhas duas estrelas.//Teu riso explodindo de vermelhão/Fará às vezes de farol da grande gávea,/Terei tua fita como bandeira/E tua branca pele como luar.// Nossos viveres estão prontos e nossas bebidas/Para durar tanto quanto a viagem./São beijos e canções/Com que embriagaremos toda a equipagem,//Chegaremos não sei onde,/Lá, bem lá, numa praia/Do belo país azul, sob um céu louco,/No paraíso florido de sonho.”

De la grève
Les chansons
Du vieux rêve.³³

Lendo isto não nos parece que estamos em uma noite de inverno à beira de um mar borrascoso, lembrando-nos das canções de sonhos que já se desvaneceram?

Anirot

33 “Noturno//O dia passa,/O mar rola/E arrulha/Na noite//E o barulho/Do marulho/Embala e embriaga/Meu tédio,//E duvido/Se escuto/Nos sons//Da praia/As canções/Do velho sonho” (Agradecemos a Júlio Castañon Guimarães pela tradução dos poemas).



30 DE SETEMBRO DE 1877

CRÔNICA DA MODA

Há vinte anos, quando era necessário escrever uma “Crônica da moda”, não tinha mais que fazer do que dirigir-me a uma modista à la mode,³⁴ e pedir-lhe que me mostrasse as últimas *toilettes*.

Então fazia-me ver uma série variadíssima nas cores e nos enfeites; uma era enfeitada com franjas, outra *soutachée*³⁵ ou bordada; esta era branca, aquela cor-de-rosa; uma terceira azul, uma quarta cor de palha (naqueles tempos as cores eram simplicíssimas e não se afetava, como hoje, em achá-las bonitas, senão quando indescritíveis). Porém, a forma do vestido era uma só. Estava na moda o *douillette*.³⁶ Faziam-se sobre ele todas as variações possíveis, e sempre sobre o mesmo motivo, até que mudasse a moda para o *mariage* ou *tout collant*.³⁷

Saía eu da casa da modista, fazendo uma ideia clara e segura sobre a moda.

³⁴ Expressão francesa: “na moda, em voga”.

³⁵ Palavra francesa: “sutache” – galão estreito ou cadarço de seda, lã ou algodão, usado para ornamento de roupas.

³⁶ Palavra francesa: veste de inverno de algodão ou outro material macio, colocado sobre outra vestimenta.

³⁷ Apesar das pesquisadas realizadas na Biblioteca do Museu de Arte Decorativa e no Palais Galliera, em Paris, não foram localizadas referências a esses termos.

“O vestido da moda, faz-se assim. – Pode-se enfeitá-lo deste modo, ou daquele, etc. etc.”

Mas hoje quem pode dizer-me – em nome de todas as extravagâncias que nos tornam a vida mais ridícula – quem me pode dizer, como se faz um vestido da moda?

Faz-se à “princesa”;³⁸ com *polonaise*;³⁹ com túnica; com *basquine*,⁴⁰ comprido na frente e curto atrás, ou vice-versa, comprido atrás e curto na frente, redondo ou quadrado. Também os há sem túnica ou *polonaise* com uma faixa atada em roda da saia, na cintura, ou nos joelhos, ou então com duas ou três faixas com largas pregas ou franzidas. Faz-se também a vestimenta *bretonne*, com uma espécie de colete, apertado ao corpo e um casaco muito aberto, uma série de botõezinhos que não tem senso comum, ao lado do peito, nas costuras do casaco, à roda dos bolsos – por toda a parte onde não há necessidade nem casas para abotoá-los.

– Ao menos digo eu, tenho esta certeza, que por ora todas as *toilettes* são justas, as saias muito estreitas...

– Sim, com exceção das *bretonnes*, se são bem feitas.

– E por que esta exceção?

– Porque aquele é um “vestuário local” e deve ser copiado fielmente; não muito largo porém que seja gracioso.

– Tem razão. Com que então já nos podemos vestir à “fantasia” na rua! Bravo! uma bela ideia! Agora que vem o calor por aí vou vestir-me à japonesa.

– Não pode! Não se usa senão o vestuário à *bretonne*.

– Por que só este, e os outros não?

– “Por que sim”, como dizem as crianças.

Para resumir a moda de hoje em dia pode-se dizer: “usa-se tudo aquilo que nos agrada”. Disto nasce um inconveniente bastante grave para a moda. É que deixando-nos todas as fantasias de uma vez, aquela divindade tão volúvel ver-se-á reduzida a não mudar. Se hoje está na moda “tudo”,

38 De acordo com o dicionário *Histoire du costume*, de François Boucher, editado em 1996, p. 472, esse vestido torna-se moda por volta de 1865 e se caracteriza por ser cortado em uma só peça que vai da altura dos ombros até os pés com uma cauda longa.

39 Palavra francesa: “redingote” – vestido feminino amplo, comprido, traspassado e abotoado na frente. De acordo com o mesmo dicionário, essa vestimenta surgiu no século XVIII, reaparecendo como moda no século XIX.

40 Palavra francesa: “vasquinha” – a princípio, saia que se usava por cima de toda roupa, geralmente com muitas pregas; mais tarde, passou a designar um casaco feminino justo, com abas curtas.

(falo do corte dos vestidos) o que poderá substituir amanhã ao “tudo”? As variantes da moda reduzem-se pois a muito pouca cousa. É como uma partida de xadrez: todos os peões estão à vista; não se pode tirá-los dali; pode-se porém mudar a posição deste ou daquele. Não se pode ajuntar nem sequer mais um peão.

As fazendas novas aparecem, porém, todos os dias, numerosas, variadas e inesperadas. – Há porém algumas nocivas à beleza da *toilette*; a *bourrette*, por exemplo, uma fazenda de lã áspera, de tecido irregular e de cores confusas. Há uma fazenda de lã e seda de cores mescladas, a que chamam *grain de poussière*; há ainda o *crépon*, uma espécie de seda quase tão ligeira como a *gaze*, e há finalmente a *popeline* de Bengala.⁴¹

Todos estes tecidos são destinados a completarem um vestuário de seda. A base da *toilette* é sempre a *faille*⁴² lisa. Para a saia a elegância não tolera outra cousa. A *polonaise*, a túnica ou faixa ou todos aqueles acessórios que a imaginação da costureira inventa para o complemento do traje, são de outra fazenda de fantasia, transparente ou não. Há porém os tecidos de algodão ou linho. Esses usam-se muito e comportam qualquer variante.

Nos chapéus, porém, é permitido às senhoras e às modistas que sigam os ditames de sua fantasia. Os há quase de todas as formas, de todos os feitios; à *directoire*,⁴³ à *l'empire*,⁴⁴ *tyroliens*,⁴⁵ etc. etc.

Porém muitas senhoras caem em um erro que as modistas têm interesse em não corrigir. Adornam a cabeça com uma espécie de cestinho de flores, a que chamam chapéus feitos inteiramente de flores, onde não se veem nem um laço, ou pedaço de fita ou seda.

Por caridade, senhora, parece-lhe que aquela grinalda seja própria para usar na rua e a pé?

Para usá-la de dia, só de carro em *toilette* de visita de cerimônia. Aquela espécie de “chapéu-jardim” deve ser usada à noite para o teatro ou nos concertos.

41 Tecido de algodão proveniente da região do golfo de Bengala.

42 Palavra francesa: “tecido de seda ou de raio”.

43 Chapéu de abas largas, ricamente ornamentado, que costumava cobrir as orelhas e se estender para além da testa.

44 Palavra francesa: “império”. Trata-se de uma referência ao estilo que caracterizou a estética do Primeiro Império Francês, ou Império Napoleônico (1804-1815).

45 Palavra francesa: “tirolês”. Originalmente de feltro esverdeado com a aba dobrada em uma de suas extremidades.

Uma novidade nos chapéus que usam nesta estação em Paris, são as *fleurs baromètres*,⁴⁶ e que têm trazido uma infinidade de inconvenientes para as jovens.

Quando o tempo está seguro e o ar seco as flores são azuis; ao ar úmido tornam-se de uma bela cor-de-rosa.

Uma boa mamãe havia guarnecido o chapéu de sua filha para ir visitar uma tia no campo, com algumas das tais flores. – A titia tinha um filho – que era por conseguinte primo da mocinha das *fleurs baromètres*. A boa mamãe depois de jantar sentou-se para jogar uma partida de gamão, recomendando aos dous jovens que não descessem ao jardim sós... porque o ar da noite era úmido. Porém estava o jardim tão fresco, o primo insistia com tanta graça, e a governante tão aborrecida... e depois adormecera. Basta: não se importaram com a recomendação: – que atrativos! um belo passeio no jardim ao luar, rindo com todo o gosto e às escondidas! Tinham voltado havia apenas alguns minutos para a sala, a governante dormia ainda, quando chegou a mamãe:

– Estiveste no jardim, menina?

– O quê, mamãe?

– Estiveste no jardim, sim ou não?

– Por quê?... não! respondeu corando a menina de dezesseis anos.

Então a mamãe tirou-lhe o chapéu da cabeça, e mostrando-lhe as flores disse-lhe:

– Ah! não te recordavas que o ar da noite é úmido?

As flores estavam de um belo cor-de-rosa.

– Oh, desculpe mamãe! Se me tivesse lembrado... teria tirado o chapéu.

As flores invadem cada vez mais o domínio da moda e da *toilette*.

Uma senhora não está com o vestuário completo se não traz um raminho de flores no laço da gravata e nos cabelos. Quando digo flores, não digo bem, devia dizer vegetais, porque todo o reino vegetal é admitido nesta parte decorativa do nosso traje. Se nas *toilettes* de *grenadine*,⁴⁷ de seda, de *gaze*; enfim com as fazendas mais elegantes, usam-se as rosas de preferência a qualquer outra flor, para as *toilette de ville*⁴⁸ e trajes menos dispendiosos usam-se as flores de campo.

46 Expressão francesa: “barômetro de flores” de cor variada.

47 Palavra francesa: “granadina”. Fio de seda constituído de dois filamentos torcidos; seda leve tecida com esse fio.

48 Expressão francesa: traje urbano usado no dia a dia.

Há os vestidos de *batiste*⁴⁹ ou de linho; com estes as flores combinariam mal; a fazenda de algodão não admitiria flores de veludo. As modistas parisienses resolveram o problema preparando pequeninos fachos de feno toscamente amarrados com algumas espigas; os há muito simples, outros seguros por uma pequena fouce de ouro. São realmente lindos e simples. Um jovem poeta dizia-me que ao vê-los assim suspensos ao colo de uma jovem, tinha ímpetos de escrever um idílio.

Porém, não bastava o feno para completar a extravagância da moda, e já exigem a contribuição das hortas. Em um casamento elegante em Paris, uma das mais belas *toilettes*, era enfeitada com legumes. O chapéu era uma cesta de provisões de cozinha!

Havia ervilhas em flor, uvas, tomates, pepinos etc.! Se não estivessem unidos àquela *toilette* e àquela pessoa ter-se-ia acreditado que era alguma cozinheira de volta do mercado com as suas provisões sobre a cabeça. Creio que esta moda tão ridícula não tardará a invadir o nosso Rio de Janeiro.

Há bem poucos dias uma modista elegante da rua dos Ourives⁵⁰ transformou a sua *vitrine* em um verdadeiro tabuleiro de frutas. Haviam [*sic*] damascos tentadores, uvas, pêssegos, cerejas, etc. etc. Ao indagar o motivo daquela mudança no negócio responderam-me que eram para enfeitar os chapéus!

Se, como as flores, os legumes forem mais apreciados quando naturais, que grande economia para as donas de casa!

Imaginem a conversa seguinte em um elegante *boudoir*.⁵¹

– Senhora, dirá a cozinheira, ficaram ainda algumas cenouras de ontem que não cozinhei, acha que eu devo prepará-las hoje para não as desperdiçar?

Uma boa dona de casa não deve permitir estas repetições no seu *menu*, pois que a variedade deve ser o mérito principal.

– Leva as cenouras para o toucador. As minhas filhas podem colocá-las hoje no laço da gravata e nos cabelos!...

– Tenho também alguns tomates.

– Esses servem para mim.

– Como quer que os prepare?

– O quê!... vou enfeitar o meu chapéu com eles!

49 Palavra francesa: “batista”. Tecido leve de algodão com toque muito fino e macio, seu nome deriva do primeiro fabricante, Jean Baptiste.

50 Atual rua Miguel Couto, no Rio de Janeiro, onde, no século XIX, se reuniam os ourives para facilitar a cobrança de impostos sobre o ouro e a prata.

51 Palavra francesa: “budoar”. Espaço residencial pequeno e íntimo.

É esta a última expressão da economia aplicada à moda. Mas o bom gosto esconde a cara e as Graças choram.

Aniroc.



30 DE OUTUBRO DE 1877

CRÔNICA DA MODA

A cor da moda é o verde. Vestidos verdes, enfeitados de verde. *Fichus*⁵² verde-claro guarnecidos de bordados esverdeados. Chapéus, fitas, leques etc. tudo contém em si a cor verde.

O verde “moda” não deve ser bonito.

Com esta condição todos os verdes estão em moda. Em primeiro lugar há o verde prussiano, escuro, quase preto. “Verde azinhavre” e reseda,⁵³ que combinam-se perfeitamente em um *toilette*⁵⁴ elegante.

Vestido de seda “verde azinhavre” enfeitado ou com túnica de *neigense*,⁵⁵ *grenadine* ou qualquer outra fazenda ligeira cor “reseda” com franja mista das duas cores. Laço da garganta, ou gravata abundante de *tulle illusion*⁵⁶ com cerejas e folhagem seca; eis um *toilette* da última moda e bom gosto. Há ainda o verde metálico. Uma cor incerta, no outro tempo ter-se-ia dito “furta-cor”, com reflexos azulados, a verdadeira cor “vacilante” (se me

52 Palavra francesa: lenço leve que as mulheres usam para encobrir pescoço ou ombros.

53 Verde pálido tendendo para o amarelo ou para o cinza.

54 Substantivo feminino, utilizado com o artigo masculino.

55 De acordo com o *Dictionnaire du costume*, de Maurice Leloir, Gründ, 1951, p. 285, trata-se de uma túnica de renda, provavelmente da cor branca.

56 Tecido leve, transparente, de trama aberta de fios finos.

é permitido dizer), do mar. É uma cor falsa, que desmerece, que desbota, mas é soberba, que vence todas as cores “moda” desde o verde enxofre até o Vesúvio.⁵⁷



“As vestimentas *bretonnes*” de que falei numa crônica anterior, foram condenadas pela moda à pena última, e sepultadas por sua ordem. Não sei quem disse que se poderia resumir a história do homem em três palavras: “Nascer, sofrer e morrer”. Aqueles pobres vestuários *bretons*, tiveram nesse sentido uma vida quase humana.

Nasceram, sofreram a antipatia de muitos e o desprezo que todos sentiram por eles depois de mortos. “Como eram feios! Como ficavam mal aquelas costuras tão retas, e aqueles botões insensatos! Nunca se inventou uma moda tão estúpida e sem graça!” Eis a sua oração fúnebre; morreram de um ataque apoplético causado por capricho da deusa: Moda.

No outro tempo quando alguém não queria atender a um conselho, a um pedido, ou a uma ordem, costumava-se dizer “dá ouvidos de mercador”. Eu creio que se poderia introduzir esta variante no anexam “dá ouvidos de Senhoras”.

Sim minhas senhoras! Há algumas cousas que vossas excelências não querem absolutamente compreender.

Há dois anos – nada menos – que todos os jornais de moda, de todos os países, repetem que não se deve sair à rua em *corsage*, isto é sem um xalezinho ou mantelete que lhes cubra a cintura. É como se pregassem no deserto. As senhoras sabem que são bem feitas de corpo, e querem que o público lhes admire as formas elegantes. É muito feio este pensamento; vulgar e feia a figura de uma senhora elegante passeando nas ruas da cidade assim num *toilette en voisine*.⁵⁸ Mas não importa; contanto que o público veja como tem a cintura fina e bem feita, esqueçam as leis do bom gosto.

Peço-lhe ainda uma vez, minha senhora, pela sua reputação de moça elegante, em nome do seu encantador narizinho que, quando a senhora constipa-se usando um vestido aberto e de mangas semicurtas torna-se tão

⁵⁷ Denominação para cor marrom-avermelhada, alusão ao vulcão italiano homônimo, que apresenta predominantemente a mesma cor.

⁵⁸ Os dicionários franceses registram a expressão *toilette en ville*, que indica uma indumentária usada para passeio em estilo casual. Por analogia, inferimos que a expressão *toilette en voisine* seja uma indumentária mais simples para ser usada em casa.

vermelho, rogo-lhes de novo, cubra os ombros e a cintura com um elegante mantelete bordado, ou um *paletot* mais elegante ainda; um belo *paletot*, com a cintura comprida, e as mangas longas e amplas, que lhe dê a aparência de uma grande dama elegante, que vê-se obrigada a andar pelas ruas da cidade.

Há bem pouco tempo usaram-se mangas muito curtas; e mesmo há ainda muitas pessoas que as trazem nos seus vestidos de passeio; creio que na rua essa moda é despropositada, e se acontece que tragam um desses vestidos em um dia de chuva ou que esteja ventando muito, de modo que se levantem os babados e as rendas da manga, deixando ver assim os braços nus até o cotovelo, deveria até causar vergonha. Todas as vezes que encontro uma senhora nessas circunstâncias, lembro-me de um tipo de moça que conheci no *Mutual friend*⁵⁹ de Dickens: essa moça, apenas alguém lhe dirigia uma palavra, começava imediatamente a fazer os mais árduos esforços para esconder os cotovelos.⁶⁰ E como a cousa era impossível, embora acreditasse o contrário, ela ocupava-se sempre em vencer essa dificuldade.

É esta a razão pela qual os *paletots* modernos são feitos diversos dos da estação passada que não tinham mangas, os de agora têm-nas compridas e largas. As senhoras pois, nunca se acharão na incômoda circunstância, de desejar esconder os braços seminus, e não poder fazê-lo.

Algumas senhoras elegantes de alta sociedade parisiense introduziram a moda de usar um véu de renda branca, semelhante à mantilha espanhola, para os passeios de carro, e o teatro.

59 Último romance completo de Charles Dickens. Disponível em: https://onemorelibrary.com/index.php/en/?option=com_djclassifieds&format=raw&view=download&task=download&fid=15129. Acesso em: 8 dez. 2024.

60 “This was such an entirely new view of the Terpsichorean art as socially practised, that Mrs Lammle looked at her young friend in some astonishment. Her young friend sat nervously twiddling her fingers in a pinioned attitude, as if she were trying to hide her elbows. But this latter Utopian object (in short sleeves) always appeared to be the great inoffensive aim of her existence” (p. 135).

“Essa era uma visão inteiramente nova da Arte Terpsicoreana como praticada socialmente, que a sra. Lammle olhou para sua jovem amiga com certo espanto. Sua jovem amiga estava sentada nervosamente girando os dedos em uma atitude contida, como se estivesse tentando esconder os cotovelos. Mas este objeto final utópico (de manga curta) sempre parecia ser o grande objetivo inofensivo de sua existência.”

“And so, dearest Georgiana, Alfred is like your notion of a lover? ‘I don’t say that, Sophronia,’ Georgiana replied, beginning to conceal her elbows” (p. 249).

“– E então, querida Georgiana, Alfred corresponde à sua ideia de amante? “Eu não digo isso, Sofronia”, respondeu Georgiana, começando a esconder os cotovelos” (Agradecemos a Luis Fernando Brandão Mendes pela tradução).

Prenderam o véu com uma flor natural, mas rara, e tornaram assim a sua *toilette* de uma elegância simples e austera, que dava mais realce a suas feições aristocráticas. Essa moda é tão simples que basta um carro ou um camarote no teatro, para que qualquer senhora o use, com a certeza de que a sua *toilette* é das mais *chic*.

Mas, entendamo-nos, minha senhora: Esse véu branco deve ser de renda verdadeira, e se for possível antiga. As imitações, as combinações e consertos por mais engenhosos que sejam, não são admissíveis para um objeto que não se usa senão com uma *toilette* de mais luxo.

Uma das mais acreditadas modistas de Paris, introduziu a moda dos véus de *tulle*⁶¹ branco. Porém até agora não foi geralmente adotada; creio no entanto que será adotada por todas as senhoras que sabem conhecer as modas de verdadeiro bom gosto. Não é um véu que aspira a representar um valor que não tem; não é renda verdadeira e rara. É *tulle* e nada mais. O seu valor está na ligeireza, na delicadeza e sobretudo no que os franceses chamam *frâicheur*.⁶² É como uma linda menina pobre. Não se apresenta como senhora aristocrática, não possui um passado glorioso e pergaminhos antigos, que venham dar-lhe mais valor pessoal; não tem uma instrução variada; não tem dote; não tem sangue azul... Meu Deus! é filha de um porteiro, de um artesão, e uma pobre operária qualquer. Mas tem quinze anos, é modesta e linda, e desafio todos os homens de verdadeiro bom gosto a sustentarem que não eclipsa a mais elegante das senhoras.

Como a moda exige que se prendam não só estes véus com flores naturais, como as adotou para as *toilettes* de baile, originou-se daí a necessidade de achar um meio para conservá-las o mais longo tempo possível, sem murchar. Para as flores que se usam no cabelo não foi preciso um grande esforço de imaginação para inventar um meio. Antigamente usava-se um tubozinho de cristal cheio de água que se escondia no imenso edifício de cabelos, e nele se colocavam as flores. Modificou-se um pouco aquela antiga moda. Fazem-se hoje os tubos de cristal muito pontiagudos, e presos a um grampo, de modo que prende-se [*sic*] sem dificuldade no cabelo, e poupa [*sic*] o trabalho de colocar a flor ou flores depois de penteado o cabelo. Hoje colocam-se as flores no grampo de cristal, espetando-se onde aprez.

61 Tecido leve constituído por fios de seda. Data do século XVIII, originário da cidade de Tulle, França, período em que era confeccionado à mão.

62 Palavra francesa: “frescor”.

Para o ramo que se usa sobre o corpo do vestido foi necessário inventar, ou aplicar o mesmo sistema sobre outros objetos. Usam-se pois, os broches – porta-flores. É um broche, de ouro, prata ou fantasia, algum tanto longo; muitas vezes é um monograma; o tubo onde se prendem as hastes das flores fica escondido debaixo do broche, o qual forma por sua vez uma espécie de escudo para o ramalhete.

Usam-se também os colarinhos abertos de renda; estes colarinhos trazem de novo à moda os medalhões presos a uma fita de veludo. Os medalhões modernos não são como os de algum tempo passado; grandes, pesados, de ouro ou ônix, cravejados de pedras preciosas, mais ou menos ricos; a moda exige alguma coisa mais delicada; o medalhão moderno consiste em um monograma feito de ouro e prata. De ouro a inicial do nome próprio, de prata a do sobrenome.

Quem tem o privilégio, *bien entendu*⁶³ de direito, de trazer uma coroa no brasão, faz “coroar” também o monograma, que torna-se naturalmente mais bonito com esse apêndice heráldico, que é feito de ouro ou prata, conforme o gosto de cada um.

Já sabeis pois, querida leitora, as poucas novidades desta estação em que a moda parece repousar-se como os lentes e estudantes, das fadigas do ano.

Mas repousando, prepara os seus trabalhos futuros; e na próxima “crônica” espero que poderei contar-vos alguma coisa sobre uma nova invenção dessa grande mestra e diretora da elegância e bom gosto.

Aniroc.

⁶³ Expressão francesa: “naturalmente”.



30 DE OUTUBRO DE 1877

ENTRE MOÇAS

– Acorda! ilustre sonhadora!...

Voltei-me vagorosamente no divã onde me havia estendido para passar mais a gosto as horas quentes do dia, e vi debruçado sobre mim o simpático e risonho rosto da minha amiga Adelina. Levantei-me imediatamente e na forma do costume abraçamo-nos.

– Há quanto tempo não nos vemos! há seguramente três meses! Onde estiveste tu? disse eu.

– Ora! passando um mês na Tijuca,⁶⁴ onde diverti-me a valer! porém agora tenciono ficar na cidade. Venho com muitas saudades tuas, das nossas agradáveis palestras, e sobretudo com muita sede de notícias.

– Com que então te divertiste muito na Tijuca? Conta-me as tuas aventuras.

– Hoje não posso! seria demasiado longa; outro dia. Basta dizer-te que estive em um hotel inglês.⁶⁵ Diverti-me muito; no primeiro dia que lá

⁶⁴ Bairro do Rio de Janeiro, refúgio das classes média e alta no século XIX.

⁶⁵ Provavelmente, Hotel White, 1880. Disponível em: Hotel White (bn.gov.br). Acesso em: 24 dez. 2024.

passei, foram muitos os *shocking* com que me honraram as escandalizadas *ladies*. As minhas primeiras impressões foram no entanto muito agradáveis. Confesso-te aqui porém que entrei no tal hotel com muito medo, e o meu terror ia crescendo à medida que se aproximava a hora de jantar. Tinha ideias muito confusas a respeito desta importante fase na vida cotidiana dos senhores ingleses.

“Assaltavam-me visões de súditos de sua majestade britânica (*chapeau bas*)⁶⁶ desaparecendo repentinamente debaixo da mesa.

“Encaminhei-me para a sala de jantar a tremer; escolhi uma cadeira vizinha à porta e comecei a olhar de esguelha para todos os meus companheiros de mesa. Ao menor movimento que faziam tinha um sobressalto. Porém graças à Divina Providência, não tive necessidade de utilizar-me da minha posição estratégica, escolhida tão bem, para que no caso de se dar algum súbito desaparecimento, eu pudesse procurar o salão.

“Agora posso atestar com toda a segurança que não é habitual aos filhos da loura Albion⁶⁷ procurarem as suas camas debaixo da mesa. Não digo que não haja exceções, porém eu não tive ocasião de ver esta parte do programa de emoções que eu havia formado para a minha estada na Tijuca.

– Bravo, Adelina! Voltaste da Tijuca falando como um advogado. O teu estilo tem-se desenvolvido muito.

– Pois então!... Porém dize-me onde está Luísa?

– Foi esquecer-se por algum tempo da sua filosofia e das exigências da sociedade numa fazenda que fica nas margens do Paraíba.⁶⁸

– Bem; agora dá-me notícias da Corte. É escusado que me fales no Teatro Lírico,⁶⁹ porque sei que só mereceu aplausos, pois eu vim diversas vezes à cidade para assistir aos espetáculos. Tens ido a alguma *soirée*, onde eu conheça alguém?

Fui sábado à récita do Congresso Dramático.⁷⁰

66 Expressão francesa: etiqueta em que se descobre a cabeça como sinal de admiração, reverência ou respeito.

67 Albão, de origem celta – *alba*, por referência às falésias brancas de Dover – ou helênica – *Αλβίων*, gigante, filho de Poseidon e deus tutelar das ilhas britânicas – Albão é um apelativo antigo para designar a Grã-Bretanha e mais especialmente a Inglaterra.

68 Rio Paraíba do Sul, que banha o estado do Rio de Janeiro em quase toda a extensão.

69 Provável referência ao Teatro Lírico Francês; pois à época da publicação desta crônica (1877), o Teatro Lírico Fluminense já havia sido demolido, e o Teatro D. Pedro II teve sua denominação trocada para Teatro Lírico após a Proclamação da República.

70 Em 21 de maio de 1876, a Sociedade Particular Congresso Dramático voltou a funcionar. Tratava-se de uma associação de jovens amadores, que funcionava em um teatro da rua do

– Bravo! conta-me isso. Aposto, que como sempre esteve muito divertido. Porém antes instalemo-nos comodamente e depois conta-me as tuas aventuras no salão do Congresso.

Dizendo isto Adelina estendeu-se no divã, eu sentei-me numa poltrona e comecei a minha narração.

– O diretor deste mês foi o sr. M. F., e se eu o conhecesse pessoalmente, teria ido apertar-lhe a mão e cumprimentá-lo sobre a brilhante récita que organizou.

– Um “bravo de Cícero vale mais do que os aplausos de todos os romanos”, disse Adelina em tom irônico à maneira de um aparte de deputado provincial, e servindo-se de um trecho de um artigo publicado erroneamente com as minhas iniciais.

– Não me interrompas! deixa-me continuar em paz. O sr. M... F... fez uma pequena inovação no seu programa. Surpreendeu aos seus convidados com um delicioso concerto, pelo qual ficaram-lhe por certo muito agradecidos. Como disse com razão um dos sócios “Encheu o recinto com harmonias celestes”.

– E o que foi que cantaram e tocaram?

– Muita cousa bonita; entre elas tocaram a fantasia *Euriente*⁷¹ a dois pianos, e o bailado do *Guarani*⁷² a quatro mãos; quanto ao canto foi soberbo, distingui entre eles a graciosa serenata *Si tu voula*⁷³ cantada com maestria por uma distinta amadora, e a ária do *Salvator Rosa*⁷⁴ que não deixou nada a desejar. Reservaram-nos para a *bonne bouche*⁷⁵ o dueto de Maria Padilla.⁷⁶

Riachuelo, em que se realizavam saraus, apresentações teatrais e bailes.

71 Ópera romântica em três atos do compositor alemão Carl Maria Friedrich Ernst von Weber e libreto de Helmina von Chézy de Neyers, cuja estreia se deu em 25 de outubro de 1823, em Viena.

72 Ópera em quatro atos do compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes baseada no romance homônimo de José de Alencar. Libreto escrito em italiano por Antonio Scalvini e terminado por Carlo d’Ormeville, traduzido para o português por C. Paula Barros. A estreia ocorreu no Teatro Alla Scalla de Milão, em 19 de março de 1870. No Rio de Janeiro, estreou em 2 de dezembro do mesmo ano, no Teatro Lírico Fluminense.

73 Título da serenata, também denominada *Sérénade créole*, do compositor francês Toussaint Prévost (5/4/1840 – 6/4/1886), mais conhecido pelo pseudônimo Théodore Ritter.

74 Ópera em quatro atos do compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes. Libreto de Antonio Ghislanzoni. A estreia se deu no Teatro Carlos Felice, Gênova, em 1874.

75 Expressão francesa: “guardar o melhor para o fim”.

76 Ópera de Gaetano Donizetti com libreto de Jacques Francois Ancelot; estreou no Teatro Alla Scalla, Milão, em 26 de dezembro de 1841, e foi representada no Rio de Janeiro pela primeira vez em 1856.

– Quanto sinto não ter assistido ao concerto. Agora continua a contar-me alguma coisa sobre a parte dançante.

– Ora! sabes que eu pouco danço, mas em compensação, ouço muito. Ouvi conversações interessantíssimas, porém não ousou referi-las porque se viessem a sabê-lo zangar-se-iam muito comigo. Julgam-me muito distraída, e estão muito enganados.

“Poderei no entanto referir-te uma conversação das mais interessantes entre duas moças muito inteligentes. Ambas elas mostravam que haviam estudado muito, e procuravam fazê-lo valer.

– Aposto que estavam fazendo observações maliciosas a respeito das outras moças que se achavam na sala.

– Bem longe disso! Estavam profundamente emaranhadas numa espécie de discussão filosófica.

– Oh!

– Sentei-me à pequena distância delas e fingindo estar muito diversamente ocupada, prestei religiosa atenção à conversação; porém já não cheguei a tempo para ouvir o princípio; posso no entanto referir-te o que ouvi.

– A ciência! dizia a primeira, é uma coisa sublime. O saber é o poder. Eu adoro os estudos profundos tanto para as mulheres como para os homens! Nada mais belo do que uma discussão científica entre dois talentos brilhantes. A ciência nos revela os segredos das vísceras da Terra, e nos demonstra as magnificências dos espaços infinitos do Céu; mede as curvas transcendentais dos cometas, e o diâmetro dos corpos microscópicos; descobre os mistérios da vida, o desenvolvimento da menor planta, e distingue todas as fases da circulação do sangue no corpo humano, conhece todas as combinações químicas, analisa todos os corpos, faz e desfaz nos laboratórios coisas estupendas, calcula sobre tudo, indaga tudo, e imita tudo.

– É verdade, responde a outra, a ciência mete o nariz por toda a parte, e no fim de contas não sabe nada; mas se soubesse mesmo tudo, a ciência não é suficiente na vida; a ciência não é bastante, para a organização social; a ciência não satisfaz ao coração humano.

“Antes de aprender a nomenclatura de uma flor, distinguindo a corola do cálice e das pétalas etc. amamos as flores de campo; antes de julgar uma coisa cientificamente, já a amamos ou detestamos; antes de sabermos, sentimos; antes de raciocinarmos, temos uma impressão, e o sentimento precede sempre à ciência. É esta a lei da natureza.

“A ciência toma uma flor e a desfolha para mostrar-nos de quantas partes se compõe; como sucede a fecundação no cálice polvilhado de *pollen*;

depois fecha em um herbário as pétalas secas e escreve em cima compridos nomes. O sentimento colhe as flores às mãos cheias, e forma com elas ramalhetes e grinaldas para alegrar as festas do amor, e para adornar os túmulos; a ciência analisa, destrói; o sentimento aglomera, combina, e sintetiza. A ciência inventa as armas para combater, o sentimento ensina a não temê-las pelo amor da pátria.

“A ciência e o sentimento lutam entre si pelo domínio do coração humano, lutam desde o princípio do mundo, e os mitos religiosos narram que a primeira conquista do homem na ciência, fê-lo perder o Paraíso. Durante muitos séculos a ciência foi guardada para os homens feitos; há algum tempo para cá que a ciência senta-se junto ao berço das crianças, e arranca-as aos fagueiros sonhos do sentimento.

“Quando o sentimento presidia com o atrativo das suas criações à vida infantil, o menino que começava a caminhar no mundo e a conhecê-lo, sabia que acima de si, lá no céu, havia um mundo mais brilhante, mais maravilhoso, povoado por seres sobrenaturais; sabia que era conhecido de todos os habitantes do céu, que eram os seus protetores e amigos. Quantas vezes nas soberbas noites de verão, olhava para o firmamento que lhe parecia uma imensa cortina que se estendia sobre o universo e via através aqueles numerosos furos que chamam estrelas, os anjos que passavam de um lado e de outro, no mundo da luz! A mãe contava-lhe as lendas dos habitantes daqueles lugares; os seus piedosos feitos na vida, antes de subirem ao céu; mostrava-lhe as suas imagens, e o menino já as conhecia. Entre os seus amigos contava: um velho venerando sempre vestido de escuro e seguido por um leão; um jovem lindo, nu, e sorridente, embora tivesse o corpo traspasado por flechas; outro jovem também lindo, coberto por uma armadura de aço e sempre combatendo um dragão horrível que queria devorar uma linda princesa. Conhecia S. Paulo com o olhar severo, a longa barba e a espada desembainhada; S. João Batista, selvagem, seminu, com o cordeiro aos pés; Santa Cecília que tocava órgão, cercada por um coro de anjos, e Santa Úrsula, com as virgens que a seguiam. Todas as noites, o menino entre os braços da mamãe falava com todos esses entes felizes: ajoelhava-se ante a Rainha do Céu que também tinha um menino nos braços, e adormecia sonhando com anjos e serafins, depois de se haver recomendado ao seu anjo custódio, o companheiro inseparável da sua vida, defensor invencível mas dedicado, sempre bom, discreto e afetuoso.

“A ciência veio afugentar todas estas imagens que sorriam à infância; e então o menino soube que não tinha outros a quem dever a vida a não ser

seu pai e sua mãe, e que os seus ‘anjos’ custódios eram a ama e o criado; os seus protetores eram os pais, os permanentes e os guardas urbanos. Indagou a razão do cintilar das estrelas e não compreendeu a resposta; perguntou o que era o firmamento e narravam-lhe maravilhas de números imensos de matéria que giram umas aos pés das outras, não se sabe por que. À noite deita-se sem oração, ou ora sem fé vendo o sorriso da incredulidade nos lábios de seus pais, e estende-se na cama pensando como há de resolver o problema de aritmética para o dia seguinte; sonha com números e cifras, cartas geográficas, nomes de rios que nunca há de ver, vulcões e montanhas da Índia, e um mundo de cousas que o não interessam, nem o fazem acreditar em entes superiores que o guiem no caminho da virtude.

“A ciência entende que estendeu os limites do céu, substituindo à mesquinha astronomia dos antigos um espaço imenso que assusta, povoado de mundos infinitos, infinitamente grandes; mas em vez disso a ciência restringiu o mundo dizendo que todas aquelas extensas massas não são senão um turbilhão de matérias inorgânicas. Ela destruiu o universo do sentimento e nos limitou à vida individual, não deixou outra expansão ao sentimento na vida; restringiu-a ao egoísmo o mais mesquinho e terrível.

A ciência disse ao pobre que não era verdade que depois da morte podia aspirar a um mundo melhor, porém que a vida limitava-se à existência terrena, e o pobre soltou um grito de indignação, vendo a desproporção na distribuição dos bens da Terra; correu às armas, e com a espada e o canhão, o revólver e o petróleo, pôs-se a reclamar o seu quinhão na felicidade da vida...

– Mas, minha amiga...

– Olhe que as mulheres inteligentes são muito pedantes, observou um moço que, como eu, ouvira a conversação, e oferecendo-me o braço levou-me ao outro lado da sala; de maneira que não pude ouvir a defesa da ciência...

Eis aí, Adelina, o que ouvi no Congresso; o que dizes a respeito da conversação?

Adelina não respondeu: dormia a bom dormir!!!

Aniroc.



MARÇO DE 1878

ADOLPHO THIERS⁷⁷

Damos hoje o retrato do grande homem de quem o mundo inteiro ainda chora a perda inesperada; mas a história já gravou o seu nome em letras de ouro. Foi ele o patriota e homem eminente que salvou a sua Pátria de uma das crises mais terríveis de que há lembrança na história. Foi também uma das mais amáveis encarnações do gênio francês – daquele gênio que granjeou o amor e admiração do mundo e que parece infelizmente prestes a extinguir-se. Talvez não se encontre hoje na França quem possua no mesmo grau que Adolpho Thiers as qualidades firmes e as qualidades brilhantes do espírito francês; e aquelas e estas eram nele tão bem unidas e temperadas que pareciam mutuamente tornar-se mais fulgurantes. Esta nobre inteligência, este espírito vivaz, esta vigorosa e ativa velhice, finou-se! A perda é imensa para a França neste momento de crise. – Recordaremos em poucas linhas a sua vida asperosa:

⁷⁷ Adaptada do texto publicado quando da morte de Adolphe Thiers na *L'Illustrazione Italiana*, Milão, ano IV, n. 36, 9 set. 1877, p. 158-159, com o título “Thiers”, sem indicação de autoria. Louis Adolphe Thiers (Marselha, 15/4/1797 – Saint-Germain-en-Laye, 3/9/1877). Político e intelectual, jornalista e historiador francês.

Luís Adolpho Thiers nasceu em Marselha em abril de 1797. A sua família compunha-se de negociantes de pano, arruinados pela Revolução.⁷⁸ Era parente por parte da sua mãe, de André e de Marie Joseph Chénier,⁷⁹ e foi devido a este parentesco que ele pôde entrar com uma subvenção do Estado para o Liceu de Marselha em 1806.⁸⁰

Terminados os estudos no liceu foi para Aix⁸¹ completar o curso de direito, e ali ligou-se numa amizade inalterável com o sr. Mignet.⁸² Advogado em 1820, Thiers reconheceu logo que tinha muito menos aptidão para o foro do que para a política e as letras; dedicou-se pois exclusivamente ao estudo da história e da filosofia. Protegido por um membro da Academia de Aix, concorreu este mesmo ano ao prêmio dado pela mesma Academia a quem melhor desenvolvesse o assunto para esse fim escolhido: o Elogio de Vauvenargues.⁸³ O seu discurso foi declarado o melhor; porém os realistas formavam a maioria dos juízes, e na sua opinião o sr. Thiers era um jacobino; o concurso foi portanto deferido até o ano seguinte; e ele... vingou-se espiritualmente; mandando de novo o seu manuscrito sem mudar coisa alguma, mas ao mesmo tempo compôs um segundo discurso e o fez expedir para Paris. Este novo discurso foi o premiado; e inútil é dizer-se o despeito dos juízes ao saberem que o seu autor era ainda Adolpho Thiers.

No ano de 1821 Paris acolheu o jovem literato. Era pobre e desconhecido. Não desanimou: e a 30 de novembro de 1821, o *Constitutionnel*,⁸⁴ franqueando-lhe as suas colunas, publicava diversos trechos do seu *Elogio de Vauvenargues*.

Um artigo que publicou em março de 1822 sobre o livro de Montlosier, *De la Monarchie Française*,⁸⁵ pareceu uma completa revelação do homem de

78 Revolução Francesa (1789-1799).

79 André Marie Chénier (Istambul, 30/10/1762 – Paris, 25/7/1794), Marie-Joseph-Blaise de Chénier (Constantinopla, 28/4/1764 – Paris, 10/1/1811). Literatos e políticos franceses. Apoiadores da Revolução Francesa.

80 Data de 1802 a criação do Liceu de Marseille, que atualmente porta o nome de Adolpho Thiers.

81 Aix-en-Provence.

82 François-Auguste-Marie Mignet (Aix-en-Provence, 8/5/1796 – Paris, 24/3/1884). Jornalista e historiador. Especializado na Revolução Francesa.

83 Luc de Clapiers, marquês de Vauvenargues (Aix-en-Provence, 1715 – Paris, 1747). Escritor francês.

84 Jornal político francês, bonapartista e anticlerical. Fundado em Paris, por Joseph Fouché, duque de Otranto, em 1º de maio de 1815, durante o Governo dos Cem Dias, sob o título *L'Indépendant*, tornando-se *Le Constitutionnel* em 29 de outubro de 1815. Thiers foi o redator-chefe.

85 *De la Monarchie française depuis son établissement jusqu'à nos jours*, 7 volumes, 1814-1824, obra que procura compreender a monarquia francesa a partir de suas origens, bem como as causas da Revolução Francesa.

Estado e do escritor. Escrevendo um pouco de cada vez, aqui e acolá nos diversos jornais, ora críticas de arte (*Salon de 1822*),⁸⁶ ora relações de viagens (*Les Pyrénées*),⁸⁷ ora a biografia de atrizes célebres,⁸⁸ o jovem Thiers saiu da pobreza e pôde pensar na sua mãe. O seu bom humor, a sua vivacidade toda meridional, a sua conversação espirituosa e atraente tornaram-no estimado e procurado nas reuniões políticas daquela época. Reinou no Hotel Lafitte⁸⁹ e governou a seu modo nos salões do velho Tallyrand⁹⁰ que dizia dele: *ce n'est pas un parvenue c'est un arrive!*...⁹¹

Começou então a trabalhar sobre a *Histoire de La Revolution Française*. Os dous primeiros volumes publicados em 1823 principiaram a tornar a sua fama universal. A obra acabada em 1827, foi vendida em 150.000 exemplares, em 15 edições, cada uma das quais recebia as modificações correspondentes às suas variações políticas.

Estava ele para empreender uma viagem de circum-navegação sob as ordens do comandante Laplace quando constituiu-se o Ministério Polignac.⁹² Thiers deixou-se ficar a fim de combater este Ministério reacionário; com Miguel e Armando Carrel fundou o *National*.⁹³ Um seu artigo sobre a célebre máxima constitucional: “*O rei, reina e não governa*”,⁹⁴ foi um acontecimento.

86 *Salon de mil huit cent vingt-deux, ou Collection des articles insérés au Constitutionnel, sur l'exposition de cette année*. Coleção de artigos publicados no *Le Constitutionnel* a respeito do *Salon Parisien de 1822* exposição inaugurada em 24 de abril de 1822, no Museu do Louvre, em Paris.

87 *Les Pyrénées et le Midi de la France pendant les mois de novembre et décembre 1822*, publicada em Paris em 1823.

88 Entre as biografias, citamos *Mémoires de Mistriss Bellamy. Tómo 2, actrice au théâtre de Covent Garden, avec une notice sur sa vie par M.*

89 Tornou-se um dos principais locais de encontro dos participantes da insurreição de julho de 1830 no qual uma das figuras de destaque foi Adolpho Thiers.

90 Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, príncipe de Bénévent (Paris, 2/2/1754 – 17/5/1838). Bispo, político e diplomata francês. Ocupou altos cargos durante a Revolução Francesa, o Primeiro Império, a Restauração e a Revolução de Julho. Assumiu o papel de padrinho político de Thiers.

91 A frase de Talleyrand dita em 1834 é “*Il n'est point parvenu, il est arrive*”. Faz alusão à fortuna e à ascensão da carreira política rápidas de Thiers.

92 Jules Auguste Armand Marie, primeiro príncipe de Polignac (Versalhes, 14/5/1780 – Paris, 29/3/1847). Político ultramontanista francês. Foi nomeado primeiro-ministro em 1829, sob o reinado de Carlos X, e suas medidas restritivas contribuíram para a eclosão da Revolução de Julho, em 1830.

93 Jornal político francês de oposição à monarquia da Segunda Restauração, inicialmente conduzido por Thiers, Mignet e Carrel. Foi publicado pela primeira vez em 3 de janeiro de 1830 e contou com financiamento do banqueiro Jacques Lafitte e patrocínio de Talleyrand.

94 A frase de Thiers remete à diferença entre liberais e conservadores. Os liberais seguiam as

Mas a atividade do jornalista não lhe bastava; orador de comícios, iniciador de protestos, Thiers foi um dos fundadores da Monarquia de 1830 que o nomeou logo conselheiro de Gloster e secretário-geral do Ministério das Finanças. – Ao mesmo tempo o colégio de Aix o havia eleito membro da Câmara dos Deputados;⁹⁵ era ele a alma de Lafitte,⁹⁶ o reformador da administração, dos impostos, e, homem de ação, falava então em passar o Reno e os Alpes, salvar a Polônia, libertar a Itália e a Bélgica.

Tendo caído o Ministério Lafitte, Thiers partiu para a Itália. De volta, todos acreditavam que ele seria da oposição da qual Lafitte era o chefe, mas a 5 de abril ele tomou a palavra para combater os seus antigos amigos, para aconselhar a paz, a resignação aos tratados de 1815. No entanto opôs-se à anexação da Bélgica à França, defendeu a hereditariedade do título dos Pares,⁹⁷ e nos dias 5 e 6 de junho de 1832 foi um dos primeiros a aconselhar ao governo o uso de medidas rigorosas contra os republicanos e legitimistas.

Morto Casemiro Périe⁹⁸ a 11 de outubro de 1832, Thiers foi nomeado ministro pela primeira vez; Ministro do Interior. A situação era cheia de perigos; a Vendaia⁹⁹ em chamas, a Bélgica ameaçada, os partidos agitados. Com o auxílio dos fundos secretos, Thiers aproveitou da traição de Deutz,¹⁰⁰ e com a prisão da duquesa de Berry¹⁰¹ pôs termo à guerra civil. Adversário acérrimo do partido republicano, deu então o seu voto a favor da proclamação de estado de sítio para a cidade de Paris, reprimiu vigorosamente

palavras de Thiers: “o rei reina, mas não governa”; enquanto os conservadores as de Guizot: “o rei reina, governa e administra”.

95 Em três meses, em 1830, ele se tornou conselheiro de Estado (11 de agosto), deputado (21 de outubro) e subsecretário de Estado e Finanças (2 de novembro).

96 Jacques Laffitte (Bayonne, 24/10/1767 – Paris, 26/5/1844). Estadista e banqueiro francês. Membro liberal da Câmara de Deputados durante a Segunda Restauração e a Monarquia de Julho. Foi primeiro-ministro da França de 2 de novembro de 1830 a 13 de março de 1831.

97 Hierarquia instituída no século XIII, de caráter hereditário, formada por pares que tinham um lugar de honra na Corte e de direito de assento no Parlamento. Sua extinção ocorreu em 1848.

98 Banqueiro, empresário, político francês (Grenoble, 11/10/1777 – Paris, 16/5/1832). Opositor do rei Carlos X durante Restauração Francesa.

99 Levante de camponeses que se transformou em guerra civil, entre apoiadores da monarquia e os republicanos no oeste da França (1793-1796).

100 Simon Deutz (Coblença, 1802 – Luisiana, 1844). Conselheiro da duquesa de Berry.

101 Marie-Caroline de Bourbon-Sicily (Caserta, 5/11/1798 – Brunnsee, 16/4/1879), duquesa de Berry, mãe de Charles Ferdinand. Dentro da linha de sucessão, Charles Ferdinand deveria ser o herdeiro do trono francês. Em 1832 a duquesa, retorna do exílio e tenta se estabelecer como regente para assegurar o trono para seu filho. Esse fato deu origem ao movimento ocorrido em Vendaia. A duquesa de Berry foi traída por seu conselheiro e presa em Nantes em 7 de novembro de 1833, permanecendo por quase um ano.

todas as tentativas de insurreição nas províncias, iniciou numerosos processos contra a imprensa, fez passar nas câmaras as leis contra as associações, e do alto da tribuna lançou aquelas palavras contra a democracia, que levantaram tão longo e impetuoso tumulto: “a vil multidão.”

Passando a 25 de dezembro do Ministério do Interior para o Comércio e Obras Públicas, coloca a estátua de Napoleão¹⁰² sobre a coluna, termina o arco da estrela,¹⁰³ e a igreja da Madalena;¹⁰⁴ substitui o monumento expiatório erigido ao duque de Berry¹⁰⁵ por uma fonte, construiu estradas e canais.

Assumi de novo a pasta do Interior em 1834, na ocasião da insurreição de Lyon,¹⁰⁶ que foi reprimida entre os horrores da guerra civil, e das sangüinolentas e não esquecidas execuções da rua Transnonain.¹⁰⁷

Em novembro de 1834 deu a sua demissão ao rei; mas depois de uma crise parlamentar, e a formação de um ministério que durou só três dias, aceitou de novo a pasta com o Ministério de Mortier,¹⁰⁸ e pouco tempo depois em seguida ao atentado de Fieschi,¹⁰⁹ apresentou as leis rigorosas sobre a imprensa, conhecidas como as leis de Setembro.¹¹⁰

102 Em Paris, em 1833, uma estátua de bronze de Napoleão em pé, de autoria de Charles Émile Seurre, foi colocada no topo da Coluna Vendôme.

103 Arco do Triunfo, monumento em celebração às vitórias napoleônicas, iniciado em 1806, logo após a triunfal vitória na Batalha de Austerlitz (1805), e finalizado em 1836, durante o reinado de Luís Felipe I. Neste caso, referenciado como “arco da estrela”, pois se localiza na Place de l’Étoile, ou Praça da Estrela, assim designada por ser o ponto de encontro de doze avenidas radiais.

104 Igreja em forma de um templo romano, cuja construção ocorreu entre 1806-1891.

105 O monumento expiatório em homenagem ao Carlos Fernando de Artois, duque de Berry (Versalhes, 24/1/1778 – Paris, 14/2/1820) localizava-se na rue Richelieu, Paris. Quando o monumento foi demolido, a urna funerária foi transferida para a Basílica de Saint-Denis.

106 Segunda revolta de Canuts em 1834. Insurreição dos trabalhadores da indústria da seda, uma vez que os grandes fabricantes resolveram abaixar a remuneração dos operários, mesmo com lucros em seu comércio.

107 Em 14 de abril de 1834, em Lyon, militares franceses executaram pessoas que se encontravam no edifício no número 12 desta rua. A atitude foi motivada após um capitão de infantaria ser ferido por um tiro. O massacre foi uma das reações republicanas diante da Monarquia de Julho (1830-1848).

108 Édouard Adolphe Casimir Joseph Mortier, duque de Treviso (Cambrai, 13/2/1768 – Paris, 28/7/1835). Militar, político, diplomata francês, e primeiro-ministro da França durante a Monarquia de Julho (1834-1835). No atentado à vida do rei Luís Felipe I, foi assassinado por Giuseppe Marco Fieschi, juntamente com outras 17 pessoas.

109 Giuseppe Marco Fieschi (Córsega, 13/12/1790 – Paris, 19/2/1836). Conspirador republicano francês. Liderou o atentado ao rei Luís Felipe I em 28 de julho de 1835. Fieschi e seus cúmplices foram imediatamente identificados, detidos e guilhotinados um ano depois.

110 Conjunto de três leis promulgadas em 9 de setembro de 1835 que restringiam a liberdade de imprensa.

Embora as suas doutrinas e pareceres fossem tão diversos, Thiers e Guizot,¹¹¹ poderiam ter chegado a um acordo, mas nem um nem outro quis ceder nas suas diferentes opiniões. Ambos, no Conselho personificavam uma das duas divisões da maioria: Thiers o centro da esquerda, Guizot o da direita. Quando sobreveio uma crise, Thiers soube formar astuciosamente um gabinete da sua cor política, e a 22 de fevereiro obteve a sua presidência assim como a pasta do Ministério dos Estrangeiros.

Caiu nas meadas do ano, em seguida à questão da intervenção na Espanha, da qual ele era a favor e o rei não; no verão de 1837, foi à Itália fazer uma viagem artística. De volta, derrubado o Ministério de Molé,¹¹² reassume a 1º de março a presidência do Conselho,¹¹³ toma, ele o único na Europa, o partido de Mehemet-Ali,¹¹⁴ fortifica Paris e mobiliza a guarda nacional. Uma campanha parecia próxima, falava-se em uma descida à Itália para assustar a Áustria. Mas o rei não era tão guerreiro, e em outubro Thiers deixou o campo livre ao seu rival Guizot.

Caindo do poder tornou de novo às letras; viajou pela Itália, Alemanha, Espanha e Inglaterra, e voltando à França em março de 1845, publicou os dous primeiros volumes da *História do Consulado e do Império*, obra admirável, e na qual só deixou de trabalhar quando teve que combater o Ministério Guizot e os jesuítas.

Sem prever suas consequências, Thiers fez-se o principal promotor da agitação dos primeiros meses de 1848, que causou a queda da Monarquia de Julho.¹¹⁵

Proclamada a República ele advogou energicamente a causa dos princípios de autoridade, ameaçados por aqueles que ele então chamava “a vil multidão”.

111 François Pierre Guillaume Guizot (Nîmes, 4/10/1787 – Saint-Ouen-le-Pin, 12/9/1874). Historiador e estadista francês. Liberal conservador e defensor da monarquia parlamentar.

112 Louis Mathieu, conde Molé (Paris, 24/1/1781 – Champlâtreux, 23/11/1855). Estadista e monarquista francês. Ocupou cargos importantes e, após a Revolução de Julho, assumiu o cargo de primeiro-ministro e de ministro das Relações Exteriores. Renunciou em 1839.

113 Segundo Conselho de Ministros presidido por Aldolphe Thiers (março de 1840 – outubro de 1840) sob o reinado de Luís Filipe I. Mas, ao contrário do que o texto indica, esse Conselho de Ministros não foi imediatamente instituído com a queda do Segundo Ministério Molé, na verdade, foi antecedido pelo Governo de Transição de 1839 e pelo Segundo Governo de Nicolas Jean-de-Dieu Soult.

114 Maomé Ali (Cavala, c. 1769 – Cairo, 2/8/1849). Comandante albanês-otomano, paxá, váli e autodeclarado Quediva do Egito e Sudão.

115 Regime monárquico constitucional instaurado na França sob o reinado de Luís Filipe I (Paris, 6/10/1773 – Surrey, 26/8/1850), após as jornadas de 27, 28 e 29 de julho de 1830, que perdurou até 24 de fevereiro de 1848, quando o rei teve de abdicar.

Em 1849 foi caloroso defensor da expedição francesa a Roma.¹¹⁶ O seu opúsculo em resposta à fórmula de Proudhon “la propriété est un vol”,¹¹⁷ causou grande sensação.¹¹⁸ Favoreceu a candidatura de Luís Napoleão¹¹⁹ mas percebeu logo que o príncipe visava a restauração do Império; tornou-se um dos seus mais acérrimos adversários. Foi este o motivo por que foi aprisionado no dia do golpe de Estado, e detido por alguns dias.

Só apareceu na cena política em 1863, época em que foi eleito deputado por Paris.¹²⁰ Fez contra Napoleão III uma oposição, ora mais ou menos intransigente, e os seus discursos no triênio seguinte, sobre a liberdade necessária e sobre finanças, foram muito importantes. Somente na questão romana¹²¹ é que não concordava com a oposição: o seu discurso de 13 de abril de 1865 é muito notável.¹²²

Em 1869, Thiers pronunciou um esplêndido discurso que concluía com as palavras: “Já não restam mais erros a cometer.” – E tinha razão; inutilmente protestou ele em 1870, contra a ideia da declaração de guerra à Prússia; foi injuriado pelos seus colegas, e chamado pelos seus eleitores: “Antifrancês, antinacional, antipolítico”. O êxito da guerra¹²³ deu-lhe razão;

116 Expedição realizada por Napoleão II com o objetivo de cercar Roma e devolver o poder temporal ao papa Pio IX, que se encontrava exilado em Gaeta. Com o apoio do Exército austríaco, os aliados venceram e em 2 de julho de 1848 promoveram a queda da Segunda República Romana, que durou só cinco meses.

117 Tradução: “A propriedade é o roubo”, do livro *O que é a propriedade*, de Pierre Joseph Proudhon, publicado em 1840.

118 Pierre Joseph Proudhon (Besançon, 15/11/1809 – Paris 19/1/1865). Filósofo e político francês. Um dos primeiros pensadores anarquistas, contestado por Adolpho Thiers na obra *Du droit de propriété* (1848).

119 Charles-Louis Napoléon Bonaparte (Paris, 20/4/1808 – Chislehurst, 9/1/1873). Sobrinho de Napoleão I e filho de Luís Bonaparte. Esteve exilado da França, tendo retornado no verão de 1848, sendo eleito presidente em 10 de dezembro do mesmo ano. Ele não se contentou com esse simples cargo, ambicionava mais. Em 1851, proclamou-se ditador temporário. Em janeiro do ano seguinte, ditador, e em dezembro de 1852, imperador dos franceses, com o título de Napoleão III. O Segundo Império francês perdurou até 1870.

120 Em dezembro de 1851, Adolpho Thiers esteve exilado na Bélgica, Inglaterra, Itália e Suíça, retornando à França em agosto de 1852.

121 A questão romana tinha como base a disputa entre Itália e França dos territórios papais, Roma e Vêneto.

122 Thiers era contra a política imperialista de Napoleão III, tendo defendido suas ideias nesse discurso.

123 Guerra Franco-Prussiana (19/7/1870 – 10/5/1871), conflito armado em que o Reino da Prússia, apoiado pela Confederação da Alemanha do Norte, derrotou a França, ocasionando a derrubada do sistema monárquico do Segundo Império Francês. Em 1º de setembro de 1870, o Exército francês, liderado por Napoleão III, foi derrotado na Batalha de Sedan. Napoleão foi feito prisioneiro e Paris tomada, dando fim à guerra.

e caído Império, ele aprontou-se para salvar a França. Viajou por todas as capitais da Europa inutilmente,¹²⁴ procurando uma intervenção eficaz; tratou também inutilmente com o príncipe Bismark.¹²⁵

A França, grata ao ancião o elegeu em vinte e seis colégios à assembleia encarregada de tratar das condições da paz; ele aceitou a nomeação da do [*sic*] Sena (Paris), onde havia obtido 102.945 votos.

A 17 de fevereiro, a mesma assembleia o nomeou chefe do Poder Executivo.

A 26 de fevereiro, estabeleceu os dolorosos preliminares da paz com o príncipe de Bismark,¹²⁶ e, no dia seguinte ao nomeá-los à Câmara disse com a voz cortada pelas lágrimas:

“Empenhei a minha responsabilidade, é necessário que empenhais também a vossa; todos nós devemos tomar a nossa parte”. E o laborioso velho venceu a insurreição da comuna, antecipou maravilhosamente o pagamento da indenização de guerra e a libertação do território, reorganizou o exército e restabeleceu o crédito da França. Com a sua rara perspicácia, ele, monarquista, compreendeu que para o seu país não havia outro governo possível a não ser a República; eis porque a assembleia monárquica e reacionária de Versailles o derrubou a 24 de maio de 1873 e elegeu o marechal Mac-Mahon¹²⁷ para substituí-lo.

Thiers retirou-se, e por muito tempo conservou-se no silêncio e na expectativa da qual só se arredou não há muito tempo, em seguida a nova e inesperada crise parlamentar provocada a 16 de maio do ano passado,¹²⁸ pela audácia do marechal Mac-Mahon.

Depois de 16 de maio de 1877 o nome de Luís Adolpho Thiers foi escrito sobre a bandeira da oposição liberal.

124 Foi a Londres, Viena, São Petersburgo, Florença.

125 Otto Eduard Leopold von Bismarck-Schönhausen, príncipe de Bismarck, duque de Lauenburg (Schönhausen, 1/4/1815 – Aumühle, 30/7/1898). Diplomata e político prussiano. Primeiro-ministro da Prússia (1862-1890), fundador e primeiro chanceler (1871-1890) do Império Alemão.

126 Bismarck a princípio exigiu 8 bilhões de francos e a Alsácia. Thiers barganhou dizendo que a França só poderia pagar 5 bilhões. Para compensar a perda financeira, Bismarck exigia partes dos territórios da Lorena e Metz. Thiers acabou cedendo parte da Alsácia e da Lorena, pois ele via a possibilidade de depois recuperar esses territórios.

127 Patrice de Mac-Mahon, conde de Mac-Mahon (Saône-et-Loire, 13/6/1808 – Loiret, 17/10/1893). Militar e político francês. Sucedeu a Adolpho Thiers como presidente da República.

128 A crise surgiu em decorrência da oposição entre o presidente da República – monarquista – e a Câmara dos Deputados, eleita em 1876, composta em sua maioria por republicanos, que culminou na derrota do movimento monarquista.

A ele só foi dado restaurar os ânimos dos partidários mais timoratos da República, reanimar as esperanças dos republicanos sinceros, e procurar a união dos partidos nas próximas eleições.

Não há muito tempo passado que os jornais estavam cheios de notícias e anedotas acerca da sua passagem em Dieppe e da sua estada em Stors, à beira do mar, onde o ilustre velho, sempre dedicando-se aos seus estudos favoritos, cheio de vigor apesar dos seus oitenta anos, saudava o sol nascente, da sua janela toda cercada de flores, na sua modesta casa, não longe da praia.

A sua idade avançada não havia enfraquecido as suas forças mentais, nem as do corpo; era tão alegre, tão vivo, tão laborioso, tão incansável, tão espirituoso e hábil como nos mais belos dias da sua mocidade.

De improviso um ataque apoplético o fulminou a 3 de setembro de 1877 em St. Germain en Laye.¹²⁹

Aquela grande personalidade, aquela figura característica, essencialmente moderna e essencialmente francesa, desapareceu da cena política. Uma grande luz apagou-se pelo sopro gélido da morte!...

Corinna de Vivaldi
(Extraído da *Illustrazione Italiana*)

¹²⁹ Em agosto de 1877, quando se dirigia para Dieppe sentiu-se indisposto e parou em Saint-Germain-en-Laye, onde morreu pouco tempo depois de chegar.



MARÇO DE 1878

VELÁZQUEZ¹³⁰ E RUBENS¹³¹

Toda a glória da arte italiana não consiste tão somente nas obras dos seus pintores, porque lhe cabe também as honras de mãe e mestra nas outras nações.

Enquanto que na segunda metade do século XVI e no sucessivo XVII a escola italiana estava na sua decadência, as obras dos seus grandes mestres davam vida fora da Itália a escolas esplêndidas como as sementes prodigiosas que, arrancadas a uma ilha devastada, são levadas pelo vento a uma terra fecunda[,] fazem aparecer uma nova flora maravilhosa numa região comparativamente pobre de vegetação ou rica de plantas belíssimas mas impotentes sem resistir ao rigor das sementes importadas. Quando a pintura na Itália chegou ao auge do seu desenvolvimento, os pintores dos outros países ficaram tão admirados que não hesitaram em abandonar as suas tradições nacionais e tornarem-se discípulos da Itália. Os alemães fizeram-se

¹³⁰ Diego Rodríguez de Silva y Velázquez (Sevilha, 6/6/1599 – Madri, 6/8/1660). Pintor espanhol da Corte de Filipe IV, durante o Século de Ouro Espanhol.

¹³¹ Petrus Paulus Rubens (Siegen, 28/6/1577 – Antuérpia, 30/5/1640). Pintor flamengo, um dos maiores expoentes do barroco europeu.

tão italianos a ponto de ficarem na Itália esquecidos inteiramente de Dürer¹³² e da Pátria: porém os flamengos e espanhóis[,] vindo participar dos progressos artísticos da Itália, imitaram os seus princípios mais vivificantes, e de volta ao seu país criaram uma arte em parte derivada da italiana, em parte nacional. Esta escola que diz-se do “enxerto” chegou ao seu auge em Flanders¹³³ com Rubens, na Espanha com Velázquez.

A escola espanhola desmentiu formalmente os pedantes acadêmicos que acusavam os grandes pintores italianos do século XVI de provocar a ruína da arte. Estudando aqueles grandes mestres, sem fazer deles um tipo exclusivo, os espanhóis fizeram florescer a arte ao seu máximo esplendor, enquanto que na Itália os artistas internavam-se cada vez mais nas trevas da decadência; como a moderna escola francesa, a espanhola de então era superior a todas as outras contemporâneas, pela veneração que tinha aos pintores italianos do século XV, enquanto que os seus compatriotas balbuciavam na sua mediocridade, imprecações contra as exagerações de Miguel Ângelo,¹³⁴ contra as tendências decorativas de Pàolo Veronese¹³⁵ e contra a afetação de Corrèggio.¹³⁶

Diego Rodríguez, filho de Juan Rodríguez de Silva e de Jerónima Velázquez, nasceu em Sevilha em 1599, e não se sabe por qual motivo, fazendo preceder no seu o nome de sua mãe ao do seu pai quis chamar-se Diego Velázquez de Silva. Enquanto vivo teve grande fama e foi bastante conhecido mesmo fora da Pátria, mas pouco a pouco a sua fama diminuiu no estrangeiro, e há apenas poucos lustros que a celebridade voltou a dar prestígio, na França, ao nome deste pintor.

A causa deste eclipse foi a raridade das suas obras fora da Espanha. Tendo sempre trabalhado para o rei Felipe IV¹³⁷ nenhum dos seus quadros foi vendido ao estrangeiro.

¹³² Albrecht Dürer (Nuremberg, 21/5/1471 – 6/3/1528). Gravador, pintor, ilustrador e teórico de arte alemã do Renascimento nórdico.

¹³³ Região da Bélgica.

¹³⁴ Michelangelo Buonarroti (Caprese, 6/3/1475 – Roma, 18/2/1564). Escultor, pintor, arquiteto e poeta florentino do Renascimento italiano.

¹³⁵ Pàolo Caliari, dito Veronese (Verona, 1528 – Veneza, 19/4/1588). Pintor veneziano do Renascimento italiano.

¹³⁶ Antonio Allegri, dito Correggio (Correggio, ?/8/1489 – 5/3/1534). Pintor do Renascimento italiano.

¹³⁷ Felipe IV (Valladolid, 8/4/1605 – Madri 17/9/1655). Rei da Espanha (1621-1665) e de Portugal (1621-1640). Destacou-se por seu mecenato às artes, durante o Século de Ouro Espanhol.

Velázquez teve vida felicíssima; instruído, laborioso, apaixonado pela sua arte, tendo esposado na idade de vinte e três anos D. Juana,¹³⁸ filha do pintor Pacheco,¹³⁹ que viu nele um grande mestre próximo a revelar-se, foi a Madri para estudar os quadros italianos, e tendo voltado para Sevilha foi depois de um ano chamado de novo a Madri pelo duque de Olivares,¹⁴⁰ e tendo-se tornado conhecido a Felipe IV foi nomeado o “pintor da casa real”,¹⁴¹ depois “alcaide da casa real” e finalmente “furriel-mor da casa real”. Estas sinecuras trouxeram-lhe alguns milhares de ducados por ano, sem contar o preço dos seus quadros generosamente pagos pelo rei.

O favor real não o tornou orgulhoso nem tampouco diminuiu o seu amor ao trabalho; vivia, pode-se assim dizer sempre diante do seu cavalete, no seu *studio*, onde Felipe IV vinha consolar-se das ruínas do grande império de Carlos V¹⁴² – que se desafia como uma choupana de madeira corrompida ante as rajadas do tufão.

A sinecura de furriel-mor foi fatal a Velázquez. Quando Felipe IV casou a sua filha Maria Teresa¹⁴³ com Luís XIV,¹⁴⁴ conduziu-o até a fronteira. Os dous reis abraçaram-se na ilha d[os] Faisões.¹⁴⁵ Velázquez fora encarregado a mandar erigir o pavilhão da ilha. As fadigas causadas por esta viagem e pela construção do pavilhão o fizeram adoecer, e apenas de volta a Madri morreu; contava sessenta e um anos. Sua esposa seguiu-o sete dias depois.

O *Quadro das lanças*, no qual se vê Spínola, general ao serviço da Espanha, receber a capitulação dos Bredas, tela estupenda pela nobreza do

¹³⁸ Joana Pacheco (Sevilha, 1602-1660). Pintora espanhola. Casou-se em 1618, um matrimônio que durou 42 anos.

¹³⁹ Francisco Pacheco (3/11/1564 – 27/11/1644). Pintor espanhol, professor de Velázquez.

¹⁴⁰ Gaspar de Guzmán y Pimentel Ibera y Velasco, conde-duque de Olivares (Roma, 6/1/1587 – Toro, 22/7/1645). Primeiro-ministro de Felipe IV (1621-1643).

¹⁴¹ Foi nomeado pintor real em 1623.

¹⁴² Carlos V (Gante, 24/2/1500 – Cuacos de Yuste, 21/9/1558). Imperador do Sacro Império Romano-Germânico (1519-1556), rei de Espanha (como Carlos I, 1516-1556).

¹⁴³ Maria Teresa de Áustria (San Lorenzo de El Escorial, 10/9/1638 – Versalhes, 30/7/1683). Rainha de França. Filha do rei Felipe IV de Espanha com Isabel de França e, consequentemente, infanta da Espanha e Portugal (até 1640) e arquiduquesa da Áustria. Renunciou aos seus direitos como herdeira da Coroa espanhola e, em 1660, tornou-se rainha consorte da França como esposa do rei Luís XIV.

¹⁴⁴ Luís XIV (Saint-Germain-em-Laye, 5/9/1638 – Versalhes, 1/9/1715). Rei da França (1643-1715).

¹⁴⁵ Localizada próxima da foz do rio Bidasoa, que banha Espanha e França. Palco de diversos eventos diplomáticos, entre eles, a renúncia de Maria Teresa de Áustria à sucessão do trono espanhol, considerando seu matrimônio com o rei Luís XIV como cláusula do tratado.

pensamento, naturalidade, beleza de desenho e colorido;¹⁴⁶ e o quadro dos Ébrios¹⁴⁷ que era o desespero do pintor inglês Wilkie¹⁴⁸ que fora de Londres a Madri expressamente para estudar as obras de Velázquez, e não estudou senão os Ébrios: são as suas obras-primas.

Milão só possui de Velázquez um pequeno quadro, o retrato de um frade apenas, morto e no qual parece sentir ainda o calor da vida naquele momento apagada; é um primor de arte, pela largueza do desenho e a beleza do colorido, obtido com poucos elementos; os jovens campeões da escola moderna de coloristas frequentes vezes param ante esta pequena tela na galeria de Brera,¹⁴⁹ e retiram-se com um suspiro, porque sentem que acabam de estar com um gigante da arte.

Maior ainda do que Velásquez, Pedro Paulo Rubens, é ao contrário daquele, um dos pintores que tiveram mais celebridade, e dos quais é difícil encontrar um país que não possua algum dos seus quadros.

Nascido em 1579 por acaso em Colônia,¹⁵⁰ cidade da Alemanha, discípulo do holandês Otto van Veen,¹⁵¹ Rubens é contado como um dos artistas mais extraordinariamente fecundos; ele sempre pintou quadros de grandes dimensões, e a gravura tem reproduzido cerca da metade dos seus quadros e ilustrado “mais de mil e quinhentos!”. Rubens é o Miguel Ângelo do colorido; nas suas telas, respira um vigor tal de desenho e de tintas que amedronta os mais vigorosos coloristas. A forma, a composição, o claro-escuro, os matizes, os contrastes das cores, tudo nos seus quadros concorre para este efeito assustador, e como Miguel Ângelo depois do *Moisés*¹⁵² da *Noite* e do

¹⁴⁶ *As lanças* ou *A rendição de Breda* representa a tomada desta, em Brabante, sob domínio holandês, pelas tropas espanholas comandadas por Ambrosio Spínola, general do exército de Felipe IV, condecorado com a Ordem do Tosão de Ouro (Genova, 1569 – Castelnuovo Serivia, 2/9/1630). O quadro encontra-se no Museu do Prado.

¹⁴⁷ *Os ébrios*, *Os bêbados* ou *O triunfo de Baco* (1628-1629). A obra destaca-se por destoar da tradição retratista do autor. Encontra-se no Museu do Prado.

¹⁴⁸ Sir David Wilkie (Cults, 18/9/1785 – morreu durante viagem marítima, próximo a Gibraltar, 1/6/1841). Pintor britânico destacado por sua pintura da vida cotidiana e de retratos. Foi a Madri em outubro de 1827.

¹⁴⁹ Museu de arte em Milão, fundado por Napoleão I, em 1809. A galeria informou que não há em seu acervo nenhuma obra de Velásquez.

¹⁵⁰ Local em que recebeu parte da sua educação. Em 1589, muda-se para Antuérpia com sua mãe.

¹⁵¹ Otto van Veen (Leida, 1556 – Bruxelas, 6/5/1629). Mestre de Rubens, na Antuérpia (1594-1598).

¹⁵² Escultura em mármore (1513-1515). Encontra-se na basílica de São Pedro em Vincole, Roma.

Crepúsculo,¹⁵³ soube esculpir também o Prisioneiro de Louvre¹⁵⁴ que é uma das mais suaves criações da escultura, assim também o grande pintor de Antuérpia, quando quis, pondo de parte o orgulho, soube criar quadros de inefável delicadeza, e de suavíssimas impressões.

Rubens teve vida feliz; foi riquíssimo, celeberrimo, honrado pelos príncipes e reis, protetor de uma rainha decaída e embaixador de Felipe IV na Inglaterra. “O embaixador de S.M. Católica diverte-se algumas vezes em pintar”, lhe disse em tal circunstância um *lord* muito atônito. “Não, respondeu Rubens, sou pintor e às vezes me divirto em tornar-me embaixador”.

A obra-prima de Rubens é a *Descida da cruz*¹⁵⁵ que se acha na cidade de Antuérpia. Morreu em 1640 com setenta e três anos, coberto de honras, mas o seu nome durará enquanto se falar em pintura e em Flandres.

C.

153 As duas esculturas em mármore encontram-se na basílica de São Lourenço, em Florença. A primeira foi esculpida entre 1526-1531, e a segunda entre 1524-1531.

154 Refere-se a duas esculturas em mármore de Miguel Ângelo esculpidas para o túmulo de Júlio II. Expostas no Museu do Louvre, datadas de 1513, foram denominadas *L'esclave Mourant*, *l'esclave Rebelle* (“Os escravos Mourant e Rebelle”). Miguel Ângelo intitulou-as *O prisioneiro*.

155 Óleo sobre tela (1612-1614). Encontra-se na catedral de Nossa Senhora, na Antuérpia, Bélgica.



MARÇO DE 1878

OS ANÉIS

Entre todos os adornos mais ou menos preciosos dos quais a vaidade do homem, e sobretudo a da mulher, se tem empregado desde os tempos mais remotos e mesmo entre as nações menos civilizadas, nenhum tem sido de uso tão geral, nenhum pode competir a popularidade e nenhum possui tantas recordações históricas e interessantes quanto o anel.

– O anel associa-se aos atos mais importantes, tanto na vida pública como na privada; já serviu como meio de reconhecimento, tomou o lugar de emblema de plenos poderes, substituiu as cartas de recomendação, tomou parte na promulgação dos editos reais, e na transmissão da autoridade real.

Schiller escreveu a sua imortal *lud* (canção) *dos Sinos*; mas para que epopeia não serviria o assunto “o anel”!¹⁵⁶

O senhor Frederick William Fairholt,¹⁵⁷ F. S. A. (o que quer dizer, se não sabeis, “membro da sociedade de Arqueologia”) acabou de publicar,

¹⁵⁶ Johann Christoph Friedrich von Schiller (Marbach am Neckar, 10/11/1759 – Weimar 9/5/1805). Dramaturgo, poeta, filósofo, e historiador alemão. Em 1799, publicou o livro de poesia *Canção do sino* (*Das Lied von der Glocke*).

¹⁵⁷ Desenhista, pintor, gravurista e antiquário inglês (Londres, 1814 – 3/4/1866). Escreveu sobre temas de história da arte e da indumentária.

não um *lied*¹⁵⁸ nem uma epopeia, mas uma dissertação interessantíssima sobre esta joia tão querida, numa obra científica intitulada *Rambles of an archaeologist among old books and in old places*,¹⁵⁹ e desta dissertação tenciono extrair algumas notícias singulares e algumas anedotas curiosas.



O senhor Fairholt, cujo livro foi o seu canto de cisne, pois que o autor faleceu pouco depois de publicá-lo, consagrou três capítulos aos anéis ilustrados com xilografias, que representam os anéis históricos mais curiosos. — O primeiro capítulo trata dos anéis da Antiguidade, o segundo dos da Idade Média, o terceiro dos tempos modernos.

A *Bíblia* menciona diversas vezes os anéis. Quando faraó (deveríamos dizer o *pharaó*) confiou o governo do Egito a José,¹⁶⁰ tirou o próprio anel do dedo e deu-o ao jovem israelita como insígnia do poder com o qual o investia.

O mesmo fez Assuero¹⁶¹ com Aman,¹⁶² quando aprovou o projeto cruel de exterminar todos os hebreus. E mais tarde quando ordenou a Mardoqueu¹⁶³ que escrevesse um edito, no qual ele revogava o seu primeiro decreto, quis que fosse autenticado com o selo do seu anel.¹⁶⁴

Demais a *Bíblia* menciona os anéis desde a *Gênesis*, isto é, desde o primeiro livro. Os israelitas costumavam usar anéis em profusão em todas as épocas da sua história. As belas mulheres da Palestina ornavam os seus dedos com ricos anéis e entre todos apreciavam aqueles encastoados com rubis, esmeraldas e reysolidas.¹⁶⁵



158 Palavra alemã: “canção”.

159 Obra que reúne diversos artigos e gravuras sobre história da arte e indumentária publicada em Londres, em 1871. Tem um capítulo intitulado “Facts about finger-rings”, estudo histórico sobre os usos do anel. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/26449/26449-h/26449-h.htm>. Acesso em: 2 dez. 2024.

160 A *Bíblia* refere-se apenas como “Faraó” ao soberano que delega a José o cargo de governador, sem citar o seu nome próprio.

161 Governante da Pérsia de 486 a.C. a 465 a.C. casado com a judia Ester.

162 Oficial da Corte do governante Assuero.

163 Pai adotivo de Ester.

164 Capítulo 8 do *Antigo Testamento*, Livro de Ester.

165 Segundo o texto, *Rambles of an archaeologist among old books and in old places*, reysolidas é um tipo de cristal: “The stones usually chosen for such rings were ruby, emerald, or Crystal”.

As lendas da mitologia fizeram um verdadeiro abuso dos anéis maravilhosos, a máxima parte dos quais, como o de Gíges, tinham a propriedade de render invisíveis aqueles que os possuíam.¹⁶⁶ Ariosto como todos sabem, renovou essa história muito comicamente, e a senhora de Girardin, no seu gracioso conto “*La canne de M. de Balzac*”,¹⁶⁷ para honrar o célebre romancista realista, imaginou dar à sua bengala o poder destes anéis.

Na história antiga o anel mais célebre é o de Polícrates.¹⁶⁸ – Este tirano de Samos era tão pertinazmente feliz em todas as suas empresas, que começou a desconfiar da predileção que lhe testemunhavam os deuses. O sábio rei do Egito, Amásis, aconselhou-o que apaziguasse a Nêmesis, oferecendo-lhe um dos seus bens mais preciosos. Esta ideia agradou a Polícrates, e indo passear às bordas do mar, nele atirou o anel que lhe servia de selo real.

Era uma magnífica esmeralda gravada por Teodoro, filho de Telecles de Samos. Um grande peixe o engoliu e logo depois foi este mesmo peixe pescado, e vendido no mercado e servido à mesa do rei, e deste modo foi-lhe restituído o anel.

Ao receber a notícia desta última prova de implacável boa fortuna de Polícrates, Amásis rompeu imediatamente toda a aliança com ele. E já era tempo pois que a fortuna logo mudou para o rei de Samos, e Polícrates, feito prisioneiro pelos persas foi enforcado!...



Nas comédias antigas o anel substitui a carta das comédias modernas, para o desenredo.

O enredo do célebre drama sânscrito, inspirado a Kalidasa¹⁶⁹ pelas aventuras da bela Shakuntala baseia-se justamente na história de um anel que fora dado por Doushyanto à sua jovem esposa, à mercê do qual podia reconhecê-la.

É mais raro, porém encontrar um anel na vida dos santos, que não sabiam o que fazer destes símbolos de vaidade, e penhores de afeições terrenas.

¹⁶⁶ O mito do anel de Gíges é narrado no segundo livro de *A república*, de Platão.

¹⁶⁷ Delphine Gay de Girardin (24/1/1804 – 29/6/1855). Jornalista, romancista e dramaturga francesa, conhecida como Mme. de Girardin. Seu conto “*La canne de M. de Balzac*”, publicado no livro do mesmo nome em 1836, narra que Honoré de Balzac possuía um anel que lhe possibilitava transitar por espaços inacessíveis.

¹⁶⁸ Narrativa atribuída a Heródoto (Bodrum, 484 a.C. – Túrio, 420 a.C.). Historiador grego.

¹⁶⁹ Poeta e dramaturgo indiano (séculos IV-V).

Todavia nos *Acta Sanctorum*¹⁷⁰ refere-se uma lenda concernente a um anel perdido e depois achado, e na qual S. Katigerno,¹⁷¹ melhor conhecido como S. Mungo padroeiro de Glasgow, faz a parte de *deus ex-machina*.¹⁷²

Uma rainha que se havia apaixonado por um soldado dera-lhe um anel que recebera do rei. O rei encontrou o soldado dormindo com o anel no dedo: e sem acordá-lo apossou-se da joia e atirou-a ao rio. Depois foi ter com a esposa e pediu-lhe o anel. A pobre rainha manda a confidente pedir o anel ao soldado mas este responde que não sabe dele, pois lhe fora roubado enquanto dormia. Então a confidente no auge do terror vai implorar o auxílio de S. Kentigern. O santo já sabia de tudo, vai pois às margens do Clyde¹⁷³ e aí, pescando um salmão, abre-o e tira o anel que manda imediatamente à rainha. Esta apressa-se em entregá-lo ao esposo. O rei que acredita ter ofendido a rainha pelas suas suspeitas, jura vingar-se dos seus acusadores, mas esta suplica-o [*sic*] que os perdoe. Depois confessa-se a S. Kentigern, e recebe a absolvição prometendo-lhe ser, para o futuro, fiel ao marido.

Os antigos egípcios tinham muitos anéis de ouro, prata e bronze que serviam de selo, e sobre os quais gravavam frequentemente a imagem de um inseto sagrado. Os anéis dos egípcios de baixa classe eram habitualmente de marfim ou de porcelana azul.

Sir Gardner Wilkinson¹⁷⁴ fez a descrição de um anel egípcio antigüíssimo, pertencente a um negociante francês do Cairo; este anel foi um dos maiores que se viu. Pesava 500 libras de ouro, e entre as diversas inscrições nele gravadas, havia o nome de um rei, sucessor de Amenófis III,¹⁷⁵ que vivia pelo ano de 1400 antes de Jesus Cristo, e que foi conhecido pelos gregos sob o nome de Memnon.



170 Publicação jesuítica que reúne hagiografias, ideia concebida no século XVII por Heribert Rosweyd e continuada por Jean Bolland.

171 St. Kentigern, conhecido como São Mungo (Cuiross, 518 – Glasgow, 13/1/614). Missionário cristão escocês. Abade e primeiro bispo de Glasgow, Escócia.

172 Expressão latina referente a um artifício teatral grego em que um elemento sobrenatural é repentinamente introduzido ao enredo dramático para providenciar uma solução artificial para um problema aparentemente insolúvel.

173 Rio que corta Glasgow.

174 Sir John Gardner Wilkinson (Chelsea, 5/10/1797 – Llandovery, País de Gales, 29/10/1875). Egíptólogo inglês.

175 Faraó egípcio que reinou durante o Império Novo (1390 a.C. – 1353 a.C.).

Parece que nos tempos antiquíssimos os gregos não usavam anéis. Homero não faz nenhuma alusão a esta joia, nem na *Ilíada* nem na *Odisseia*.¹⁷⁶ No entanto uma vez introduzida a moda foi logo adotada. Desde o tempo de Sólon¹⁷⁷ todos os homens livres da Grécia traziam anéis que serviam de selo; Sólon para impedir as falsificações proibia aos gravadores de conservar o modelo dos anéis por eles gravados.

Mais tarde os gregos usaram anéis guarnecidos de pedras preciosas, e não se limitaram a trazer um só. As mulheres usaram-nos por muito tempo de preferência anéis de marfim e de âmbar.

Demóstenes¹⁷⁸ era apaixonadíssimo dos anéis e nos dias de infortúnio da República este luxo foi-lhe asperamente repreendido. Os espartanos tinham orgulho em trazer somente anéis de ferro.



Os primeiros anéis usados pelos romanos eram de ferro, e os puritanos continuaram a usá-los deste metal quando os de ouro e pedras finas já eram usados normalmente.

Os embaixadores usavam anéis que faziam parte do seu vestuário oficial. Este privilégio estendeu-se depois aos senadores, aos principais magistrados, e à ordem inteira dos cavaleiros, a qual conquistou o direito do anel de ouro: *jus annuli aurei*.

Os imperadores reservavam para si o poder de conceder esta distinção que era muito desejada, e que de algum modo equivalia a um título de nobreza. Com o tempo porém, esta distinção perdeu o seu valor, quando o imperador Aureliano¹⁷⁹ a concedeu a todos os soldados do Império.

Debaixo do reino de Justiniano,¹⁸⁰ o anel caiu no domínio público e bastava ser cidadão para ter o direito de usá-lo.

A introdução dos animais gravados sobre os anéis dos antigos romanos foi sem dúvida, devido a uma imitação dos símbolos sagrados dos egípcios.

¹⁷⁶ *Ilíada* e *Odisseia*, poemas épicos gregos atribuídos a Homero. O primeiro narra o episódio da Guerra de Troia em torno do guerreiro Aquiles e o segundo descreve a jornada de Odisseu no seu retorno da mesma guerra para seu reino em Ítaca.

¹⁷⁷ Filósofo, estatista e magistrado ateniense (c. 630 a.C. – c. 560 a.C.).

¹⁷⁸ Orador político (Atenas, 384 a.C. – Calauria, 322 a.C.).

¹⁷⁹ Lúcio Domício Aureliano (Sérdica ou Sirmio, 9/9/214 – Cenofrúrio, 275). Militar e imperador romano.

¹⁸⁰ Flávio Pedro Sabácio Justiniano (Taurésio, 482 – Constantinopla, 14/11/565). Imperador bizantino.

Mais tarde, quando se tornou geral o costume de deificar os príncipes e adorar aos heróis, as figuras humanas substituíram aos animais. Nos tempos de Plínio¹⁸¹ era moda usar gravada ou esculpida sobre o anel a cabeça ou o busto de Arpócrates, deus do silêncio.

Os anéis romanos maciços e enormes eram demasiado pesados para as pessoas delicadas e muito incomodativos no verão. Então fizeram-nos de diversas maneiras para as diferentes estações, de modo que Juvenal¹⁸² veio a dizer:

..... *Quum Crispinus*.....
Ventilet aestivum digitis sudantibus aurem.
Nec sufferre queat majoris pondera gemmae.
(*Sat. 1.*)¹⁸³

Punham anéis nas estátuas dos deuses e dos heróis, e conforme a festa que celebravam, mudavam os anéis. Frequentemente custavam quantias avultadíssimas. O anel da imperatriz Faustina¹⁸⁴ custou um milhão de francos, e o de Domícia¹⁸⁵ um milhão e meio.



Os primeiros cristãos não quiseram usar nos seus anéis os símbolos frequentes vezes licenciosos dos romanos. Adotaram outros mais em relação com as suas crenças, como sejam: a pomba, a âncora, os peixes, o ramo de palmeira etc. etc.

Na Idade Média a fabricação dos anéis constituía um ramo importantíssimo da ourivesaria. Na França havia uma corporação de artistas fabricantes de anéis.

181 Plínio, o velho (Como, 23 d.C. – Stabies 79 d.C.). Naturalista e escritor romano. Plínio, o jovem (Como, 61/62?, d.C. – Bitúnia?, 114 d.C.). Sobrinho do Plínio, o velho, escritor latino e político.

182 Décimo Júnio Juvenal (Aquino, c. 60 d.C. – Roma, c. 130). Poeta latino, autor das *Sátiras*.

183 O verso 27 “..... Crispinus Tyrias úmero revocante lacernas.....” foi transcrito em parte. Versos 28 e 29 da primeira *Sátira*: “faz ventear o ouro estivo de anéis em seus dedos suados/sem poder suportar o peso de gema maior”.

184 Há duas imperatrizes romanas com este nome: Faustina, a maior (c. 100-140), esposa do imperador Antônio Pio, e sua filha Faustina, a jovem (c. 125-175), esposa do imperador Marco Antônio.

185 Domícia Longina (50-126 d.C.). Imperatriz romana esposa de Domiciano.

Por algum tempo os esmaltes riquíssimos com desenhos esquisitos substituíram as pedras preciosas. Benvenuto Cellini¹⁸⁶ foi quem aperfeiçoou este ramo de indústria a um ponto tal que ainda não houve quem o igualasse.



Os antigos anéis célticos eram ordinariamente feitos de fio de ouro (filigrana). Aildergoidg, filho de Muinheamhoin, que reinava no ano 3070 da criação do mundo, passa por ser o primeiro príncipe que introduziu na Irlanda o uso dos anéis de ouro. Ele os distribuía às pessoas de mérito que se tornavam conspícuos nas artes e nas ciências.

Fynes Moryson escreve no seu *Itinerário*:¹⁸⁷ “Os ingleses – entende-se aqueles da Idade Média, – põem muita afetação no trazer somente anéis de pedras preciosas e de brilhantes, e desprezam os anéis e as correntes de ouro simples”.

No século XVII as pessoas elegantes e os *beaux esprits*,¹⁸⁸ puseram em moda os anéis de diamantes lapidados em forma de pirâmides e com ponta aguda.

Quase todos os usavam e serviam-se deles para escrever sobre o cristal dos espelhos e sobre os vidros das janelas. Com um destes anéis tornou-se facílimo a Francisco I,¹⁸⁹ o inscrever sobre uma janela, o muito conhecido verso dedicado a Diana de Poitiers:¹⁹⁰

*Souvent femme varie.
Bien fol qui s’y fie*¹⁹¹



186 Benvenuto Cellini (Florença, 1/11/1500 – Florença, 13/2/1571). Escultor e escritor italiano. O maior ourives do Renascimento.

187 Viajante e escritor inglês (Cadeby, 1565/6 – 12/2/1630). Em sua obra *Itinerários* (1617), escrita em latim e depois em inglês, relatou dez anos de suas viagens pela Europa e Oriente Próximo.

188 Expressão francesa: “grandes mentes”.

189 Francisco de Angoulême (Cognac, 12/9/1494 – Rambouillet, 31/3/1547). Rei de França (1515) sob o nome de Francisco I. É lembrado por ter sido patrono das artes renascentistas e estudioso humanista.

190 Diana de Poitiers (Étoile-sur-Rhône, 3/9/1499 – Anet, 25/4/1566). Nobre francesa.

191 Francês: “Frequente muda a mulher/Bem doido quem nela confia”. Francisco I, conhecido por ter uma vida amorosa desequilibrada, escreveu esses versos na janela dos seus aposentos em Chambord, tendo sido publicado por Pierre de Bourdeille, no *Recueil de dame*, cinquenta anos depois da morte do rei.

Os hebreus traziam o anel no dedo médio e no dedo mínimo da mão direita, sobretudo quando servia de selo. Sem dúvida é devido a este precedente bíblico que os bispos costumam trazer o anel episcopal na mão direita. Os egípcios porém, adotaram para o quarto dedo da mão esquerda. Frequentemente porém usaram os anéis em diversos dedos, como se pode ver numa das múmias do Museu Britânico de Londres,¹⁹² uma mulher que tem todos os dedos de ambas as mãos inclusive os polegares carregados de anéis.

Entre os romanos também os anéis eram usados na mão esquerda. Era considerado efeminado quem os trazia na direita. Marcial¹⁹³ refere que Carino¹⁹⁴ trazia sempre mesmo no leito sessenta anéis, dez em cada dedo. Na Alemanha costuma-se frequentemente trazer os anéis até as falanges, segundo o uso romano.

A imagem da mulher de Sir Humphred Stafford¹⁹⁵ (1450), esculpida na igreja de Bromsgrove, no condado de Worcester, traz um anel em cada dedo, excetuando o mínimo da mão direita. Os anéis maciços no polegar passavam como um sinal de riqueza e importância. Falstaff, em Shakespeare,¹⁹⁶ gaba-se que na sua mocidade poderia ter passado através do anel que um *alderman*¹⁹⁷ trazia no polegar.



Os anéis representaram uma parte notável na história. Serviam de traço de união entre o rei e o seu reino, entre o bispo e a sua sede, entre o abade e o mosteiro, entre o mar e o doge de Veneza, quando este esposava o Adriático no dia da Ascensão, atirando-lhe o seu anel com estas palavras:

“Nós te esposamos, oh mar! com este anel, em sinal do nosso perpétuo domínio sobre ti!”

Pobre anel, pobre doge e pobre mar!

Aniroc.

¹⁹² Fundado em 7 de junho de 1753.

¹⁹³ Marco Valério Marcial (Bilbilis Augusta, 1/3/38-41- c. 103). Poeta romano.

¹⁹⁴ Marco Aurélio Carino Augusto. Imperador romano (c. 250 a.C. - 285 a.C.).

¹⁹⁵ Humphrey Stafford, primeiro duque de Buckingham (15/8/1402 - Northampton, 10/7/1460). Casado com Anne Neville.

¹⁹⁶ Sir John Falstaff, personagem criado por Shakespeare.

¹⁹⁷ Palavra inglesa: “conselheiro municipal”.



MAIO E JUNHO DE 1878

O ABADE AUBAIN
(DE PAULO MÉRIMÉE)¹⁹⁸

É inútil dizer como as cartas seguintes vieram ter às nossas mãos. Pareceram-nos curiosas, morais e instrutivas. Nós as publicamos textualmente suprimindo somente certos nomes próprios, e alguns parágrafos que não se referem à aventura do abade Aubain.

CARTA I
DE *MME P.* A *MME G.*
NOIRMOUTIERS¹⁹⁹ NOVEMBRO DE 1863.

Prometi escrever-te, minha querida Sofia, e cumpro a promessa; também não tenho melhor distração nestas longas noites. A minha última carta dizia-te como eu descobri a um tempo, que contava trinta anos, e estava arruinada. Para a primeira destas infelicidades, não há remédio! À segunda nos submetemos de muito má vontade; mas enfim nos submetemos. Para restabelecer os nossos negócios, será preciso passar pelo menos dois anos

¹⁹⁸ Escritor, historiador e arqueólogo francês (Paris, 28/9/1803 – Cannes, 23/9/1870).

¹⁹⁹ Ilha situada na costa noroeste da França.

neste velho castelo, de onde te escrevo. Estive sublime! Logo que soube do estado em que se achavam as nossas finanças, propus a Henrique, que fizéssemos economias, morando no campo; oito dias depois estávamos em Noirmoutiers. Não te direi nada da viagem.

Havia muitos anos que não me achava por tanto tempo só com o meu marido. Naturalmente estávamos ambos de mau humor, mas como eu me resolvera a submeter-me aos golpes da fortuna, essas horas passaram-se sofrivelmente bem. Tu conheces as minhas “grandes resoluções”, e sabes se as posso cumprir. Eis-nos, pois instalados. Pelo lado pitoresco, Noirmoutiers não deixa nada a desejar. Temos bosques, rochedos, e o mar. A nossa casa é ornada por quatro torres cujas paredes têm quinze pés de grossura. Fiz um gabinete de trabalho no vão de uma janela! O salão tem sessenta pés de comprimento, e as paredes são cobertas por uma antiga tapeçaria representando animais fabulosos; este salão torna-se magnífico, quando iluminado por oito velas. (É a iluminação dos domingos.) Quase morro de medo quando tenho de atravessá-lo às escuras. Tudo isto está muito mal mobiliado como deves supor. As portas não fecham, as madeiras estalam, o vento assovia por entre as janelas, mal seguras e o mar ao longe parece gemer tristemente. Imagina como não deve ser lúgubre! No entanto já começo a habituar-me a esta vida. Ocupo-me agora em arranjar a casa de modo que antes do grande frio, terei um “acampamento” suportável. Podes ficar certa que a tua torre estará pronta para a primavera. Oh! se pudesse ter-te aqui agora! A grande vantagem de Noirmoutiers é não termos vizinhos. Solidão completa. Não recebo visitas, a não ser o cura, o abade Aubain. É um moço forte e meigo, embora tenha as sobranceiras arqueadas e bastas, e grandes olhos negros como os de um traidor de melodrama. Domingo passado pregou-nos um sermão, que não estava mau, como “sermão de província”, e que vinha muito a propósito: “Que a infelicidade era um benefício de Providência, para purificar as nossas almas”. Seja! então nesse ponto de vista devemos agradecer ao honrado corretor de câmbios que incumbiu-se de nos purificar, carregando com a nossa fortuna!

Adeus minha querida amiga. Meu piano acaba de chegar de Paris com mais algumas encomendas. Vou mandar colocá-lo no salão...

P.S. Abro a minha carta para agradecer-te o teu gracioso presente. Tudo isto é bonito demais para Noirmoutiers. A capa agrada-me muito. Faz justiça ao teu bom gosto. Hei de ir com ela domingo à missa; talvez algum caixeiro-viajante aí esteja para admirá-la. Mas, por quem me tomas com os teus romances? Quero ser, e “sou” uma pessoa séria. Não tenho eu

boas razões para isso? Vou instruir-me. Quando voltar para Paris, daqui a três anos (contarei 33 anos, que horror!) quero ser uma sábia. Para falar francamente não sei que livros pedir-te. O que me aconselhas aprender? O alemão ou o latim? Seria bem agradável ler *Wilhelm Meister*²⁰⁰ no original, ou os contos de Hoffmann.²⁰¹ Noirmoutiers é justamente o lugar para ler contos fantásticos. Mas, como aprender o alemão aqui? O latim me agradaria bastante, pois acho injusto que os homens reservem para si a leitura da *Eneida*²⁰² etc. Estou com vontade de aprender com o poético cura...



CARTA II
DA MESMA A MESMA
NOIRMOUTIERS, ... DEZEMBRO DE 1863

Embora te cause admiração, é forçoso confessar que o tempo aqui passa mais depressa do que acreditas, e do que eu esperava. O que me dá mais coragem é ver a fraqueza do meu senhor e marido. Na verdade os homens são muito inferiores a nós. Ele está num abatimento, num *avvilimento*²⁰³ como dizem os italianos, imperdoáveis. Levanta-se o mais tarde que pode, monta a cavalo ou vai caçar, ou então faz visitas à gente mais aborrecida do mundo, tabeliães ou procuradores do rei, que moram na cidade, isto é a seis léguas daqui. Mas quando chove é que vale à pena vê-lo! Há oito dias que começou a ler *Mauprat*²⁰⁴ e ainda não acabou o primeiro volume: – “Vale mais lisonjear-se a si, do que maldizer a outrem”. É um dos seus provérbios favoritos. Deixo pois o meu marido para falar de mim. O ar do campo faz-me um bem extraordinário. Não tenho sofrido o menor achaque, e quando vejo-me no espelho (que espelho!) quase não posso acreditar que tenho trinta anos; ademais faço muito exercício, dou longos passeios. Ontem, tanto fiz que Henrique veio acompanhar-me até ao mar. Enquanto ele entretinha-se em atirar pedrinhas na água, eu sentei-me sobre um rochedo e aí li o canto

200 *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, romance de Johann Wolfgang von Goethe (Frankfurt, 28/8/1749 – Weimar, 22/3/1832).

201 Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann (Königsberg, 24/1/1776 – Berlim, 25/6/1822). Escritor, pintor, compositor e jurista alemão.

202 Poema épico de autoria de Virgílio.

203 Expressão italiana: “desânimo, abatimento”.

204 Romance histórico de George Sand, publicado em 1837.

dos piratas no *Giaour*.²⁰⁵ Na praia, tendo ante si um mar extenso e agitado, esses belos versos parecem ainda mais belos. Sabes o que me faz admirar *lord* Byron? é que ele vê e compreende a natureza. Ele não fala do mar só porque já comeu dos seus peixes e das suas ostras. Ele já navegou, já lutou com a tempestade. Todas as suas descrições são fotografias. Os nossos poetas pensam na rima primeiro e no bom senso depois, (se ele couber no verso, bem entendido). Enquanto eu lia e admirava, o abade Aubain – não sei se já te falei do meu Abade, é o cura da nossa aldeia –, veio ter conosco. É um jovem padre que me agrada muito. É bastante instruído e sabe conversar. De mais a mais os seus grandes olhos negros e a sua fisionomia melancólica fazem-me supor que ele tem uma história interessante, e eu pretendo sabê-la um destes dias. Conversamos sobre o mar e a poesia; e, o que te surpreenderá um cura, é que é este um assunto sobre o qual ele fala muito bem. Depois conduziu-me até as ruínas de uma velha abadia, construída sobre um rochedo, e mostrou-me um grande portão todo esculpido com uns monstros adoráveis, um verdadeiro primor de arte. Ah! se eu tivesse o dinheiro como mandaria reconstruir a poética e velha abadia!

Em seguida, apesar das protestações do Henrique, que queria ir jantar, insisti em ir até o presbitério a fim de ver um curioso relicário que o cura achou em casa de um camponês. É com efeito magnífico; um cofrezinho em esmalte de Limoges,²⁰⁶ e que faria um lindo porta-joias. Mas a casa, meu Deus! E nós que nos considerávamos pobres! Imagina uma sala térrea, mal assoalhada, e mal caiada, mobiliada somente com uma mesa, quatro cadeiras e uma poltrona ainda mais incômoda do que as cadeiras. Sobre a mesa havia três ou quatro grandes livros escritos em latim ou grego, e embaixo destes, como que escondido eu descobri *Jocelyn*.²⁰⁷ Ele corou. Apesar de tudo, ele faz as honras do seu miserável casebre com toda a delicadeza; sem essa estúpida *mauvaise honte*²⁰⁸ e sem orgulho. Eu desconfiava que o seu passado escondia uma história romântica. Tenho agora certeza disso e a prova. O relicário que nos mostrou continha um ramalhete de flores murchas, há cinco ou seis anos pelo menos. – É uma relíquia? – perguntei-lhe. – Não, respondeu ele um pouco comovido, não sei como isso se acha aí. Dizendo isto tomou o

205 O canto dos piratas encontra-se no poema “Os corsários” e não no “Giaour”, de George Gordon Byron (Londres, 22/1/1788 – Missolonghi, 19/4/1824).

206 Cidade francesa reconhecida por sua produção de porcelanas desde o final século XVIII.

207 Livro de Lamartine publicado em 1836. O referido poema foi considerado pelo censor Domenico M. Lo Jacomo como irreligioso, imoral e perverso.

208 Expressão francesa: “falsa vergonha”.

ramalhete e guardou-o cuidadosamente na gaveta da mesa. — É bastante claro, não achas?... Voltei ao castelo com mais tristeza e mais coragem: tristeza por ter visto tanta miséria suportada com resignação; coragem para suportar a nossa pobreza que para o jovem cura seria a opulência. Se tu tivesses visto a surpresa quando Henrique deu-lhe vinte francos para uma pobre mulher que ele nos recomendava! É preciso que eu lhe faça um presente. A poltrona na qual eu me sentei é por demais incômoda. Quero dar-lhe uma daquelas poltronas que se dobram, como a que levei na minha viagem à Itália. Escolhe-me uma das mais cômodas e mande-a o mais depressa possível...



CARTA III
DA MESMA A MESMA
NOIRMOUTIERS FEVEREIRO DE 1864

Decididamente não me aborreço em Noirmoutiers. Achei uma ocupação agradável e é ao meu Abade que a devo. Ele sabe tudo; e além disso a botânica. Lembrei-me das cartas de Rousseau, ouvindo-o um dia dar o nome em latim de uma planta que eu havia colocado sobre a chaminé. — “Sabe botânica?”, perguntei-lhe. — “Muito mal”, respondeu. Bastante porém para indicar aos camponeses as ervas medicinais que lhes podem ser úteis; estudo-a principalmente, é forçoso confessar, para dar algum atrativo aos meus passeios solitários.” Compreendi imediatamente que seria muito divertido o colher lindas flores nos meus longos passeios no campo, e depois de secá-las e guardá-las cuidadosamente em ordem no velho dicionário do meu marido, livro em que ninguém bole. — “Ensine-me a botânica”, disse-lhe eu. Respondeu-me que seria melhor esperarmos até a primavera, pois nesta estação não há flores. “Mas o senhor tem flores secas; eu vi algumas na sua casa”. — Creio que já te falei de um velho ramalhete conservado preciosamente. — Se tivesses visto o seu rosto quando acabei de falar. Pobre moço! Também arrependi-me logo da minha alusão indiscreta. Para fazê-la esquecer apressei-me em dizer-lhe que naturalmente ele devia possuir uma coleção de plantas secas. Chama-se a isso um herbário. Não me enganara e no dia seguinte ele trazia-me num livro de papel escuro um grande número de lindas plantas secas, com os seus nomes.

O curso de botânica já começou; fiz logo progressos espantosos. Mas o que eu ignorava é a imoralidade da tal botânica, e a dificuldade das primeiras

explicações, sobretudo para um Abade. Deves saber minha querida que as plantas casam-se, tal e qual como nós mas a maior parte tem diversos maridos. Umas chamam-se *phanerogamas*,²⁰⁹ se me lembro bem desse nome bárbaro. É grego, e quer dizer casadas publicamente, na municipalidade. As outras são *cryptogamas*,²¹⁰ isto é casadas secretamente. Os cogumelos que apreciamos tanto, casam-se em segredo. Tudo isto é escandaloso; mas o Abade sabe evitar o ridículo melhor do que eu, que fiz a tolice de rir às gargalhadas uma ou duas vezes durante as explicações mais escabrosas. Agora tornei-me prudente, e não faço mais perguntas indiscretas...²¹¹



CARTA IV
NOIRMOUTIERS FEVEREIRO 1864

Queres absolutamente saber a história desse ramalhete de flores murchas, conservado cuidadosamente; para dizer-te a verdade, não ousou pedir-lhe que a conte. Em primeiro lugar é mais do que provável que não haja história nenhuma para contar, e se houvesse uma, seria talvez uma das tais que ele não pudesse contar. De minha parte estou plenamente convencida...

Vamos! é inútil mentir! Sabes perfeitamente que para ti não tenho segredos.

Conheço essa história, em duas palavras tu a saberás. Nada mais simples.

— Como pode-se explicar, senhor Abade, disse-lhe um dia, que com o seu talento e a sua instrução o senhor se tenha resignado a ser o cura de uma pequena aldeia? Respondeu com um sorriso triste: “É mais fácil ser o pastor de pobres campônios do que o pastor de ricos da cidade. Cada um deve medir a sua tarefa pelas suas forças”. — É justamente essa a razão por que o senhor devia ter melhor posição. — Disseram-me há algum tempo que o monsenhor bispo de N..., seu tio se havia lembrado de mim para o curato de Santa Maria: é o melhor da diocese. Mas eu acho-me muito bem aqui, e foi com bastante prazer que ouvi dizer que monsenhor havia escolhido outro em meu lugar. O que me falta? Não sou feliz em Noirmoutiers? Se por acaso faço algum bem aos meus pobres campônios, é justamente um motivo para deixar-me ficar. De mais a mais a cidade lembra-me... “Calou-se com

²⁰⁹ Vegetal que se reproduz por meio de semente.

²¹⁰ Vegetal que se reproduz por gametas.

²¹¹ Fim da primeira parte.

o olhar vago e distraído; depois pareceu acordar-se e disse-me apressadamente. ‘Nós não trabalhamos! e a nossa botânica?’” Eu já nem me lembrava das ervas espalhadas sobre a mesa, e continuei com as minhas perguntas. – “Há quanto tempo ordenou-se? – Há nove anos. – Nove anos... parece que então já o senhor estava na idade em que geralmente tem-se uma profissão? Não sei se devo dizê-lo, mas a mim sempre pareceu-me que não foi uma vocação de mocidade que o levou a fazer-se padre? – Infelizmente não, disse ele, um pouco envergonhado: mas se a minha vocação foi tardia, se ela foi determinada por diversas causas... por causa” ... O pobre homem estava tão embaraçado que não pôde acabar. Eu, animando-me, afinal abordei a grande questão dizendo-lhe. “Aposto que certo ramalhete seco que tive ocasião de ver na sua casa teve alguma influência na sua determinação?” Mal fizera essa indiscreta pergunta já eu mordida a língua, e desejava que ele a não tivesse ouvido; mas já era tarde. “Pois sim, senhora, é verdade; eu lhe contarei tudo isso..., mas não agora, em outro dia. Vão bater as ave-marias, e eu devo achar-me no presbitério.” Ele já estava longe antes de ouvir o primeiro toque dos sinos da igreja. Eu esperava alguma história terrível. Voltou no dia seguinte, e ele foi o primeiro a continuar a conversação da véspera. Confessou-me que havia amado uma moça de N...; mas ela tinha alguma fortuna, pequena é verdade... e ele estudante não tinha outra além do seu talento... Um dia disse-lhe: “Vou para Paris onde espero obter um emprego; durante o tempo que trabalharei noite e dia para tornar-me digno de ti, não te esquecerás de mim?” A moça que contava apenas dezesseis ou dezessete anos era muito romântica, deu-lhe o ramalhete que trazia consigo como prova de seu amor e da sua constância. Um ano depois ele recebia a notícia do casamento da sua *innamorata*²¹² com o tabelião de N... justamente quando ele tinha esperança de obter uma cadeira de professor num dos grandes liceus do governo. Essa notícia por tal modo o acabrunhou que retirou-se do concurso. Disse-me que por muitos anos não pensou em outra coisa, e enquanto me contava esta história tão simples parecia tão comovido como se ela ainda fosse muito recente. Depois tirando o ramalhete do bolso: “Era uma criancice guardá-lo, talvez mesmo fosse mal”; e atirou-o no fogo da lareira. Quando as pobres flores cessaram de crepitar e chamejar, ele continuou com mais calma: “Agradeço-lhe o ter-me pedido que lhe narrasse esta história. É à senhora que devo o ânimo de desfazer-me de uma lembrança querida mas que não me convinha como padre, conservar

212 Palavra italiana: “apaixonada”.

por mais tempo.” – Mas ele estava com o coração a transbordar, e via-se quanto lhe havia custado o sacrifício. Que vida a desses pobres padres! Os pensamentos os mais inocentes são-lhes interditos! Devem banir do coração todos esses sentimentos que fazem a felicidade dos outros homens... até as próprias recordações da mocidade, e que talvez os ainda prendam à vida. Os padres assemelham-se a nós, pobres mulheres; todo o sentimento vivo é um crime. Só nos é permitido sofrer, e assim mesmo é preciso esconder a mágoa que nos consome. Adeus, arrependo-me sinceramente da minha curiosidade, que julgo quase como uma má ação, mas foste tu a causa.

(Omitimos diversas cartas que não mencionam o abade Aubain).



CARTA V
DA MESMA A MESMA

Noirmoutiers... maio de 1865

Um certo acanhamento, mal cabido em relação a ti, minha boa Sofia, é que tem me impedido de escrever-te antes. O que tenho a dizer-te é ao mesmo tempo tão estranho, tão ridículo e tão triste que realmente não sei se te comoverei ou se te farei rir. Eu mesma ainda estou na dúvida sobre qual dos dous sentimentos dar preferência. Sem mais preâmbulos venho ao fato. Falei-te diversas vezes nas minhas cartas do abade Aubain, o cura da nossa aldeia de Noirmoutiers. Conteí-te mesmo certa aventura que foi a causa de ele se ordenar. Na solidão em que vivo e com os pensamentos tristes (“diabos azuis” como os chamam os ingleses), que me assaltam, a sociedade de um homem espirituoso, instruído e amável, era-me extremamente preciosa. Provavelmente deixei-o perceber quanto me interessava por ele, e no fim de bem pouco tempo vinha a nossa casa como um amigo velho. Confesso que eu sentia um prazer extraordinário em conversar com um homem superior, cuja ignorância do *grand monde*,²¹³ mais realçava os dotes do seu espírito. Talvez mesmo, pois é preciso dizer tudo, e não é a ti que vou esconder os defeitos do meu caráter, talvez mesmo a minha “ingênua faceirice” (são tuas palavras) que muitas vezes me tens censurado; veio também auxiliar-me na conquista dessa amizade. Gosto de agradar a quem

²¹³ Expressão francesa: “alta sociedade”.

me agrada. Desejo ser amada por aqueles a quem amo... Parece-me ver-te, ao ler este exórdio, abrindo os olhos, e ouvir-te dizer no diapasão do *shoking* dos ingleses: Julia!... Sossega; não é com a minha idade que começamos a fazer loucuras. Porém continuo: Certa intimidade estabeleceu-se entre nós, porém nunca, apresso-me em dizer-to, ele tem dito ou feito alguma coisa que não fosse digna do seu carácter religioso. Falávamos frequentes vezes da sua mocidade, e em mais de uma ocasião tive o mau gosto de referir-me àquela paixão romântica que lhe valeu um ramalhete (hoje em cinzas na minha chaminé), e o seu triste hábito de padre. Em pouco tempo porém percebi que ele já não pensara muito na sua infiel. Um dia encontrou-a na cidade e chegou a falar-lhe. Contou-me isso na mesma tarde e disse-me que os seus filhos eram encantadores. O acaso fê-lo conhecer o carácter arrebatado de Henrique; daí as confidências de algum modo forçadas, da minha parte e da sua, uma espécie de comisseração pela minha infelicidade conjugal. Ele já conhecia o meu marido como se tivessem convivido juntos durante dez anos. Além disso é tão bom conselheiro como tu, e mais imparcial, pois tu crês que tanto eu como Henrique somos culpados. Ele dava-me sempre razão, recomendando-me porém a prudência e a política. Numa palavra mostrou-se sempre um amigo dedicado. Há nele alguma coisa de feminino que me encanta. É um espírito que lembra o teu. Um carácter exaltado e firme, sensível e concentrado, fanático do dever... Estou cosendo assim as frases umas às outras para retardar a explicação. Não posso falar franco; este papel intimida-me. Como desejaria estar contigo junto à lareira, com um bastidor entre nós, e bordando a mesma almofada! – Enfim, minha boa Sofia, é preciso dizer a verdade. O pobre infeliz estava apaixonado e por mim. Estás rindo, ou estás escandalizada? Desejava ver-te neste momento. Ele não me disse nada, bem entendido, mas nós mulheres enganamo-nos poucas vezes, e de mais a mais os seus grandes olhos negros!... Desta vez creio que estás a rir. – Quantos leões não desejariam possuir esses olhos que falam sem querer. Tenho visto tantos que procuravam fazer falar os seus olhos e que só conseguiram dizer asneiras. Quando reconheci o estado, a minha natureza maligna, devo confessá-lo, quase alegrou-se com isso. Uma conquista na minha idade, uma conquista inocente como esta!... Já é alguma coisa hesitar uma tal paixão, um amor impossível!... Oh! mas esse sentimento tão feio passou logo. – Eis aqui, disse eu comigo mesma, um homem tão distinto a quem a minha leviandade pode causar muitos sofrimentos. Eu procurava um meio de afastá-lo de Noirmoutiers. Um dia passeávamos à beira-mar à hora da maré baixa. Ele não ousava dizer uma

palavra, e eu também achava-me embaraçada. Às vezes fazíamos pausas que duravam cinco minutos, durante os quais, para mostrar-me calma, eu apanhava conchas. Enfim eu disse-lhe: “Meu caro Abade, é realmente preciso que lhe deem um melhor curato do que este. Escreverei ao meu tio, o bispo e irei vê-lo se for necessário.” – Deixar Noirmoutiers! exclamou ele juntando as mãos; mas aqui eu sou tão feliz! Que mais tenho eu a desejar desde que a senhora veio cá? A senhora tem sido tão boa para mim, e o meu pequeno presbitério tornou-se um palácio. – Não respondo eu, o meu tio já está muito velho, e se eu tivesse a infelicidade de perdê-lo não sei a quem poderia dirigir-me para fazer com que lhe dessem uma posição digna do senhor. – Ah! minha senhora eu teria tantas saudades da minha aldeia!... O cura de Santa Maria morreu... mas ouvi dizer que o lugar vai ser dado ao abade Raton. É um padre digno dessa distinção e com isso alegro-me muito, pois que, se o bispo se tivesse lembrado de mim...

– O cura de Santa Maria morreu! pois vou hoje mesmo a N...

– Ah, senhora! não faça isso! O abade Raton é muito mais digno do que eu! e depois deixar Noirmoutiers!

– Senhor Abade, respondi eu, em tom firme; “assim é preciso”. Ouvindo isto ele abaixou a cabeça e não ousou mais resistir. Eu voltei ao castelo quase correndo. Ele seguia-me a alguns passos atrás, tão comovido que não dizia uma palavra, estava acabrunhado. Não perdi um minuto. Às oito horas estava em casa de meu tio; encontrei-o muito prevenido a favor do seu Raton, mas ele quer-me muito, e eu sei usar do meu poder. Enfim, depois de longos debates obtive o que queria. O Raton foi vencido e o abade Aubain é o cura de Santa Maria. Há dous dias que se acha na cidade, o pobre homem compreendeu o meu “assim é preciso”. Agradeceu-me gravemente e só falou-me na sua gratidão. Eu não pude deixar de agradecer-lhe *in petto*,²¹⁴ o ter deixado Noirmoutiers imediatamente, e de dizer-me que tinha pressa de ir agradecer a monsenhor. Antes de partir, mandou-me entregar o seu bonito cofrezinho bizantino, e pediu-me licença para escrever-me algumas vezes. E então minha bela amiga? O que pensas? *Es-tu content, Coucy?*²¹⁵ – É uma lição. Não a esquecerei quando voltar para frequentar a sociedade de Paris. Mas então, terei trinta e três anos e não terei receios de inspirar amor... e um amor como este!... Isso é impossível. – Não importa, de toda

²¹⁴ Expressão italiana: “secretamente”.

²¹⁵ A frase do texto aparece na tragédia de Voltaire *Adelaide du Guesclin*, no sexto ato. A pergunta é feita pelo duque de Nemours: “Está você contente Coucy?”.

esta loucura resta-me um lindo cofrezinho e um amigo sincero. Quando terei quarenta, quando serei vovó, procurarei fazer com que o abade Aubain tenha um curato em Paris. Tu verás minha querida, e será ele quem dará a primeira comunhão a tua filha.



CARTA VI

O ABADE AUBAIN AO ABADE BRUNEAU PROFESSOR DE TEOLOGIA EM
SANTO A

N... maio de 1864

Meu caro mestre. É o cura de Santa Maria que vos escreve, não é mais o humilde presbítero de Noirmoutiers. Deixei os meus pântanos e eis-me cidadão, instalado num belo curato, na maior rua de N... cura de uma grande igreja, bem construída, bem tratada, de uma arquitetura magnífica e desenhada em todos os álbuns de França. A primeira vez que disse missa diante de um altar resplandecente de dourados, perguntei a mim mesmo se era realmente eu. Uma das minhas alegrias é de pensar que nas férias próximas vireis fazer-me uma visita; que terei um bom quarto para oferecer-vos, uma boa cama, sem falar de um certo vinho Bordeaux, que chamo meu *bordeaux* de Noirmoutiers, e que é, ousado dizê-lo digno de vós. Mas, perguntar-me-eis, como vieste de Noirmoutiers para Santa Maria? Deixastes-me a entrada da igreja e encontráreis-me agora no campanário!

*O Meliboe, deus nobis haec etia fecit.*²¹⁶

Meu caro mestre, a Providência conduziu a Noirmoutiers uma senhora parisiense, a quem, infelicidades como nunca nos aconteceram reduziram a viver com dez mil escudos por ano. É uma amável e boa pessoa, porém a quem infelizmente a leitura dos romances frívolos, e a companhia dos janotas galanteadores da capital tornaram algum tanto vaidosa e leviana. Aborrecendo-se a valer em Noirmoutiers na companhia de um marido que não lhe pode inspirar respeito, fez-me a honra de simpatizar comigo. Eram presentes sem fim, convites contínuos, e todos os dias algum projeto no qual eu era-lhe indispensável.

²¹⁶ Frase latina: “*O Meliboe deus nobis haec etia fecit*”, “Oh! Melibeus, foi um deus que nos proporcionou esses descansos”. Citação da *Écloga I*, de Virgílio.

“Sr. Abade quero aprender o latim... Sr. Abade quero aprender a botânica...” *Horresco referens*,²¹⁷ não quis ela também aprender a teologia? Onde estáveis vós meu caro mestre? Enfim para saciar essa sede de instrução seriam precisos todos os professores da Saint A... Felizmente essas fantasias não duravam muito tempo, e raras vezes os estudos se prolongavam além da terceira lição. Quando eu lhe disse que em latim *rosa* quer dizer “rosa”. “Mas senhor Abade, disse ela”, o senhor é um poço de ciência. Como deixou-se enterrar em Noirmoutiers? Para dizer-lhe a verdade, meu caro mestre, essa boa senhora, à força de ler esses maus livros que escrevem hoje em dia, meteu-se na cabeça ideias bem estranhas. Um dia emprestou-me um livro que tinha recebido de Paris e que a havia encantado, *Abelardo*, pelo sr. de Rémusat.²¹⁸ Sem dúvida o sr. já o leu, e terá admirado a erudição do autor, e as suas sábias pesquisas, infelizmente dirigidas com má intenção. Eu comecei por ler o segundo volume, a *Filosofia de Abelardo*, e foi depois de o ter lido com o mais vivo interesse que voltei ao primeiro volume, a vida do grande heresiarca. Era, bem entendido tudo quanto a minha grande senhora dignara-se ler. Meu caro mestre, esse livro abriu-me os olhos. Compreendi que havia perigo na companhia das belas senhoras, tão apaixonadas pela ciência. Esta podia rivalizar com Heloisa²¹⁹ pela exaltação. Uma situação tão nova para mim embarça-me muito, quando um dia ela disse-me de repente: “Sr. Abade é preciso que o senhor obtenha o curato de Santa Maria, ‘assim é preciso’”. Logo em seguida mandou aparelhar o carro, para ir ter com Monsenhor; poucos dias depois eu era cura de Santa Maria, um pouco envergonhado por ter obtido essa posição por empenho, mas no resto encantado por me ver livre das unhas de uma “leoa” da capital. Leoa, meu caro mestre, na gíria parisiense quer dizer, uma mulher da moda.

É necessário repelir a fortuna para combater o perigo? Tão tolo não sou eu! D. Thomas de Canterbury não aceitou os castelos de Henrique II?²²⁰ Adeus meu caro mestre, espero que em poucos meses poderemos [*sic*] “filosofar” juntos cada um numa macia poltrona, ante uma galinha bem gorda e uma garrafa de velho *bordeaux*, *more philosophorum*. – *Vale et me ama*.²²¹

Corinna de Vivaldi

217 Expressão latina: “tremo ao contá-la”. Fala de Eneias, no Canto II da *Encida*.

218 *Abelard: sa vie, sa philosophie e sa théologie*, drama publicado em 1855 por Charles de Rémusat.

219 Heloisa passou para a história por seu amor público com Abelardo, seu preceptor.

220 São Tomás Becket, Tomás Becket, Tomás de Cantuária ou Tomás de Londres (Londres, 21/12/1118 – Cantuária, 29/12/1170).

221 Expressão latina: “adeus e queira-me bem”.



JUNHO DE 1878

O PROTÓTIPO DE D. JUAN

Todos conhecem a deliciosa ópera que Mozart escreveu, há um século sobre o *libretto* do abade Del-Ponte;²²² todos conhecem a história de D. Juan, o libertino por excelência; todos se lembram das astúcias de Leporello, as faceirices de Zerlina, os ciúmes de Masetto, os lamentos de Donna Anna, os furores de Donna Elvira, os suspiros de Don Ottavio e a mão gelada do Commendatore. Antes de ter ouvido as sublimes melodias de Mozart sobre esta história já tínhamos lido nos livros alusões a ela, já tínhamos ouvido a vovó contá-la. É uma espécie de legenda que atravessou séculos e países e cujos personagens tornaram-se proverbiais.

Mas qual a origem desta legenda, qual a versão mais autêntica, como foi que encontrou tão bom acolhimento no mundo? Eis o que muito poucos sabem, e que no entanto merece ser conhecido. Resumiremos em poucas palavras aquilo que é historicamente conhecido a respeito de D. Juan.

A sua pátria é a Espanha, e não podia ser de outro modo. Antigas crônicas andaluzas narram a vida do primeiro D. Juan, dando Sevilha – pátria do Barbeiro – como a sua cidade natal, e teatro das suas empresas amorosas.

²²² Consultar critério nº 15.

Estas crônicas porém limitam-se a contar o fato da morte do Comendador, e as circunstâncias que o acompanharam. Eis o que elas narram:

D. Juan Tenório, de família nobre inscrita no número das vinte e quatro famílias patrícias de Espanha, matou em Sevilha o velho Comendador Gonçalo de Ulhôa, o qual queria opor-se ao rapto violento de sua filha, tentado pelo D. Juan. O cadáver foi sepultado no convento de S. Francisco, onde a família possuía uma capela, e sobre a sepultura colocaram uma estátua do defunto. Quanto ao jovem fidalgo, o seu nascimento, e as suas relações com famílias poderosas, livraram-no do braço da justiça. Porém os frades franciscanos que conheciam a vida dissoluta de D. Juan e queriam castigá-lo, conseguiram atraí-lo ao convento, onde o mataram, satisfazendo assim a sede de vingança da família Ulhôa. Espalharam no entanto pela cidade a notícia que, tendo o moço insultado a estátua do Comendador, esta o havia arrebatado, e precipitado por entre as fendas do assoalho que se havia aberto, no fogo do inferno. Com o tempo esta invenção dos frades substituiu a verdade, e a Igreja ganhou com isso mais um exemplo para citar àqueles que desprezam a justiça divina, e ao mesmo tempo, sem o saber, tornou-se benemérita da poesia. Não é a primeira vez que esta deve ter dado à Igreja o mérito de uma bela invenção.

Quando foi publicado o *D. Juan* de Byron,²²³ alguns críticos ingleses puderam certificar que uma nobre família de *hidalgos*²²⁴ de nome Tenório havia com efeito existido na Andaluzia, e que o nosso herói fora o filho mais moço de um célebre almirante Tenório, amigo íntimo do rei castelhano, Pedro [,] o cruel,²²⁵ companheiro dos seus deboches, instigador das suas crueldades. A época das extravagâncias de D. Juan deve pois ter sido pela segunda metade do século décimo quarto.

O fim medonho de D. Juan perpetuou-se na memória do povo, e para pô-la sempre em maior harmonia com a justiça suprema, a pessoa do herói com o andar do tempo foi tomando proporções cada vez maiores; ele tornou-se um sedutor de profissão, desprezando as cousas mais sagradas, a personificação do vício audaz e estouvado. Deste modo, pouco a pouco foram-lhe atribuídos muitos outros fatos e episódios, entre os quais o seguinte: depois de ter passado na orgia um dia inteiro, D. Juan foi à tarde passar nas margens

²²³ A obra foi publicada entre 1818 e 1823.

²²⁴ Palavra espanhola: “fidalgos”.

²²⁵ Pedro I, rei de Castela e Leão (Burgos, 30/8/1334 – 23/3/1369), reinou de 1350 a 1369.

do Guadalquivir,²²⁶ e vendo um outro personagem passeando na margem oposta pediu-lhe cinicamente, fogo para o seu cigarro. Imediatamente o outro estendeu o braço, e estendeu-o tanto que D. Juan pôde acender o seu cigarro com o cigarro do desconhecido, o qual era o diabo em pessoa, porém não conseguiu intimidar de modo nenhum ao nosso herói.

Esta aventura, como se pode conhecer pela alusão ao uso de fumar, só foi atribuída a D. Juan alguns séculos depois, naquela época em que todo aquele que levasse vida desregrada, tinha reputação de ser íntimo do diabo.

A tradição manteve-se assim por longo tempo entre o povo, e foi só depois de três séculos que um poeta lembrou-se a valer-se dela e tomá-la para argumento de uma obra de imaginação.

Um frade pregador, Gabriel Téllez, conhecido na literatura espanhola sob o nome de Tirso de Molina, autor de muitas obras dramáticas publicou em 1634 um drama com o título de: *El burlador de Sevilla y convidado de piedra* cujo herói é D. Juan. Deste tempo em diante os seus gestos e feitos começaram a ser conhecidos fora da Andaluzia, e ele tornou-se uma espécie de tipo cosmopolita, como tornaram-se em grande parte os outros personagens do drama.

O primeiro pois que tornou D. Juan célebre, e deu o argumento para tantas obras dramáticas, românticas, poéticas e musicais, foi Tirso de Molina; será portanto agradável ver como ele combinou os elementos que lhe foram dados pela tradição, com as criações de sua fantasia.

Desde a primeira cena encontramos D. Juan ocupando-se exclusivamente de suas conquistas. Apenas chegado em Nápoles, junto ao tio embaixador de Espanha, tendo fugido de Sevilha, para evitar as consequências de uma afronta que aí fizera a uma fidalga, acha um meio de penetrar à noite nos aposentos da duquesa Isabela, disfarçado com a roupa de Don Octavio noivo da jovem fidalga. A duquesa descobrindo o engano a tempo grita por socorro, e aparece o rei, o qual faz prender a D. Juan e o entrega às guardas do embaixador. Este facilita-lhe a fuga, e ei-lo sobre o mar, e depois naufrago numa praia desconhecida. A filha de um pescador, vendo o belo moço desmaiado o recolhe na sua cabana e chama-o à vida. D. Juan abre os olhos, e o seu primeiro pensamento não é o de alegrar-se por ter escapado à morte, mas o de ter a fortuna de achar-se perto de uma moça encantadora. Abre a boca, não para agradecer-lá, mas para fazer-lhe um cumprimento, e em pouco tempo esta é vítima das suas seduções. A pobrezinha aprende já

226 Rio que banha as cidades de Córdoba e Sevilha.

muito tarde quanto é mais perigoso pescar homens do que peixes, e depois de ter ajudado o infiel a fugir, descobrindo o seu engano, precipita-se no mar.

D. Juan no entanto volta para Sevilha, onde também fora Don Octavio para acusá-lo ante os tribunais da injúria feita a sua noiva. O rei de Sevilha o exila da cidade; mas D. Juan rindo-se dos lamentos de seu pai que lhe mostra a indignidade das suas ações, só se lembra de juntar mais uma aventura às outras. Desta vez trata-se da amante de um seu amigo, – mas nestas cousas ele não conhecia amigos. Cobrindo-se com a capa vermelha do jovem, ele tenta enganar a bela, mas de novo é descoberto. A moça é Doña Ana de Ullóa, filha do comendador Gonzalo de Ullóa. Aos gritos da filha aparece o comendador que acomete a D. Juan, e é por ele morto. D. Juan foge, e o amigo, amante de D. Ana, que entra naquele momento é preso como o assassino.

No entanto o nosso herói vai a um casamento de camponeses, onde a noiva tem a desgraça de agradá-lo e ele com muita astúcia consegue afastar o noivo ciumento. Dá-lhe a entender que a moça já havia faltado à fé jurada, e que pois uma tal esposa não era digna dele; o estúpido camponês acredita e abandona a mulher. D. Juan torna-se senhor do campo e com quatro palavrinhas doces e alguns juramentos calorosos, conquista o coração da bela camponesa.

Aqui terminam por ora as aventuras amorosas do nosso herói. As donzelas abandonadas por ele preparam a sua vingança conjuntamente com as senhoras traídas. A arrogância de D. Juan chega ao seu auge e ele acaba por desafiar as potências celestes. Acompanhado por seu criado Catalinòn, que pela superstição e a timidez faz um curioso contraste com o seu amo, e que murmura sempre das suas ações sem nunca se resolver a abandoná-lo, vê por acaso a estátua do Comendador, e com ar de mofa convida-a para uma ceia. A estátua aceita e cumpre a sua palavra. O atrevido D. Juan promete por sua vez à estátua, que irá no dia seguinte a uma outra ceia que esta lhe oferece na capela onde se acha o túmulo do Comendador.

No entanto o rei impõe a D. Juan que se case com a duquesa Isabel, e ele consente, mas quer primeiro cumprir a promessa feita à estátua. Começa o banquete na capela. Coros invisíveis entoam o *Dies irae*;²²⁷ os manjares compõem-se de escorpiões e serpentes, em vez de vinho servem tinta; o humor tétrico dos convidados torna ainda mais triste esta horrível ceia. Acabado

²²⁷ Hino latino, provavelmente de autoria de Tomás de Celano (Celano, ca. 1200 – ca. 1265). Frade, poeta e escritor italiano.

o banquete o hóspede marmóreo levanta-se e estendendo a mão destra a D. Juan, exclama:

– Agora dá-me a tua mão.

– Oh! estou ardendo, grita D. Juan, o fogo me devora.

– Não é senão o princípio dos teus tormentos futuros, responde a estátua.

D. Juan tenta feri-la com um punhal, mas a estátua não passa de um fantasma. Desesperado ele pede um confessor.

– É muito tarde! responde-lhe o Comendador, e ambos são envolvidos pelas chamas. A capela arde, e Catalinòn encolhe-se num canto e termina a cena.

Depois desta horrível catástrofe, o drama continua com as aparências de uma comédia. Todos os casamentos impedidos por D. Juan concluem-se felizmente, e deste modo termina a ação.

Temos já, pois, todos os personagens da ópera de Mozart, exceto D. Elvira; o protagonista e o seu criado, que chama-se aqui Leporello; D. Anna, D. Ottavio, Zerlina e Masetto. É necessário porém notar que na catástrofe do *libretto*, D. Juan conserva-se sempre insolente até o fim: sem confissão, sem arrependimento, ele luta até a última hora com o céu, e é precipitado no inferno vencido mas indomado.

No mais os caracteres conservaram-se pouco mais ou menos, como os escreveu Tirso de Molina; notamos principalmente o contraste entre o audaz D. Juan, que segue sem escrúpulos o impulso do seu instinto sensual, e o sentimental e sempre hesitante D. Octavio. Somente o personagem de D. Anna assumiu na ópera de Mozart proporções muito maiores e o de D. Elvira, não é original, mas introduzido por Molière.

Molière também escreveu um drama sobre o mesmo assunto, intitulado *D. Juan, ou o banquete de D. Pedro*.²²⁸

Nesta composição, D. Juan apareceu casado; ele raptou D. Elvira do convento e a desposou. A vida conjugal, porém não o agrada, dela se aborrece e abandona a D. Elvira para correr em busca de novos amores. Elvira o segue e procura no correr de todo o drama, chamá-lo à virtude e a si. O seu coração, como no melodrama de Mozart, está sempre dividido entre o ódio e o amor. O D. Juan de Molière, não tem o mesmo caráter que o de Tirso de Molina. Molière imaginou um filósofo epicúrio e ateu, que faz discursos; o herói de Molina era no entanto um bom católico que

²²⁸ Jean-Baptiste Poquelin, dito Molière (Paris, 15/1/1622 – 17/2/1673). Dramaturgo francês. Comédia em cinco atos representada em 1665.

não negava a sua fé e que sabia que a justiça divina havia de puni-lo algum dia, mas também acreditava que essa catástrofe viria mais tarde, e portanto gozava da vida enquanto era tempo.

Uma terceira recomposição da comédia de Molière foi feita por Goldoni,²²⁹ mas esta não diverge do original senão no castigo do culpado que em vez de ser precipitado no inferno é morto pelo raio.

O argumento prestava-se admiravelmente ao teatro e aos gostos daquela época; vemos que mais tarde ofereceu matéria para um bailado cuja música foi escrita por Gluck,²³⁰ e depois um *libretto* para a ópera escrita por um certo Righini.²³¹

Mas quem deu-lhe a celebridade de que hoje ainda goza, foi o Abade Del-Ponte, que em 1787 escreveu um outro *libretto* de ópera cuja música foi composta por Mozart, e representada no mesmo ano em língua italiana no Teatro de Praga.

Isto porém não fez cessar o aparecimento dos numerosos “D. Juans”; ao contrário o sucesso da ópera de Mozart fez aparecer uma série inúmera de imitadores em todos os países e em todas as literaturas, e que criaram um número quase infinito de D. Juans bem pouco parecidos com o seu protótipo.

Na Espanha, além de D. Juan Tenório, era conhecido um outro D. Juan de Marena.²³² Ambos rivalizavam pela sua vida extravagante e dissoluta; mas os seus fins eram bem diversos. D. Juan de Marena, na ocasião de raptar uma freira tem uma visão que lhe representa a cena da sua própria morte; isto o impressiona tanto que ele arrepende-se e faz-se frade. O seu remorso então torna-se tão violento quanto era a desordem da sua vida passada; ele martiriza-se continuamente, e na hora da morte pede que o enterrem debaixo do assoalho da igreja a fim de que todos o tenham debaixo dos pés. Comparando-o com o selvagem D. Juan da tradição, pode-se chamar a este um D. Juan amansado. Mérimée, o espirituoso escritor francês,

229 Carlo Osvaldo Goldoni (Veneza, 25/2/1707 – Paris, 6/2/1793). Dramaturgo italiano. Esteve exilado na França. Peça intitulada *Don Giovanni Tenorio o sia il dissoluto*, representada em 1735.

230 Christoph Willibald Gluck (Berching, 2/7/1714 – Viena, 15/11/1787). Compositor alemão. Com Ranieri de Calzabigi (Livorno, 23/12/1714 – Nápoles, 7/1795) compôs o bailado *D. Juan*, representado em Viena (1761).

231 Vincenzo Maria Righini (Bolonha, 22/1/1756 – 19/8/1812). Compositor e mestre de capela italiano. Compôs a música *Il convitato di pietra*, em 1776, reconhecida como uma das primeiras óperas sobre o mito de Don Juan.

232 Peça de Alexandre Dumas pai (Villers-Cotterêts, 24/7/1802 – Puys, 5/12/1870) representada em 1836.

deixou uma novela sobre este assunto intitulada: *As almas do purgatório, ou os dois D. Juans*.²³³

Apesar das numerosas obras escritas sobre o mesmo assunto, por tantos poetas que têm procurado mudar a fisionomia característica de D. Juan para dar-lhe uma aparência mais humana, o povo conservou-se sempre fiel ao original e não se recorda nem aprecia outro. As imitações, as cópias desapareceram e o original conservou-se em todo o seu primitivo e singular brilho. É verdade que para conservá-lo sempre na memória de todos a música sempre maviosa, sempre fresca de Mozart vale mais do que a extravagante legenda espanhola, mais do que a comédia de Molina, mais do que os versos de Del-Ponte.

O nome de D. Juan acha-se ligado indissolavelmente ao de Mozart, como o *Barbiere* ao de Rossini,²³⁴ como a *Norma* ao de Bellini.²³⁵

É a arte que vive eterna, e vivifica tudo quanto a cerca.

C. V.

²³³ Prosper Mérimée. Novela publicada na *Revue des Deux Mondes*, em 15 de agosto de 1834.

²³⁴ Gioachino Rossini (Pesaro, 29/2/1792 – Paris, 13/11/1868). Compositor italiano. *Il barbiere di Siviglia*, ópera em dois atos, representada em 20 de fevereiro de 1816 em Roma com libreto de Cesare Scerdini.

²³⁵ Vincenzo Bellini (Catania, 3/11/1801 – Puteaux, 23/9/1835). Compositor italiano. *Norma*, ópera em dois atos, representada em 26 de dezembro de 1831 com libreto de Felice Romani.



JUNHO DE 1878

DIVERTIMENTOS

Apesar dos louváveis esforços dos diferentes empresários dos nossos teatros, o público parece que já não ouve o alegre carrilhão dos *Sinos de Corneville*,²³⁶ nem tampouco quer discutir os méritos ou atrativos do *Primo Basílio*.²³⁷

Por enquanto o público voltou todo o seu entusiasmo para o *Skating rink*;²³⁸ está na moda o “escorregar” e sobretudo o “cair”, apesar do velho axioma que diz: que “escorregar não é cair”. Eu ainda não tive tempo de ir até o *rink*, mas pelo que tenho ouvido dizer, parece que lá divertem-se imensamente.²³⁹



²³⁶ Ópera cômica em três atos e quatro quadros, composta por Robert Planquette, libreto francês de Louis Clairville e Charles Gabet. Tradução livre de E. Garrido, *mis-en-scène* do artista Heller. Foi representada no Teatro Fênix, do Rio de Janeiro, durante o ano de 1878.

²³⁷ Romance do escritor português Eça de Queirós (Póvoa de Varzim, 25/11/1845 – Neuilly-sur-Seine, 16/8/1900) lançado em 1878.

²³⁸ Palavra inglesa: “pista de patinação”.

²³⁹ A imprensa de 1878 informa que a pista de patinação localizava-se à rua Larga de São Joaquim, 138, e funcionava todos os dias.

*En attendant*²⁴⁰ os apreciadores de boa música, preparam-se para a estreia da companhia lírica do sr. Ferrari;²⁴¹ e eu posso assegurar-lhes desde já noites de delirante entusiasmo, e mesmo, os que mais difíceis têm se mostrado de contentar, serão talvez os mais fervorosos admiradores da atual companhia Ferrari, que tanta guerra tem sofrido dos *soi-disant*²⁴² conhecedores de música. Mariani,²⁴³ A. Pozzoni²⁴⁴ e Repetto,²⁴⁵ de-Sanctis,²⁴⁶ e Tamagno;²⁴⁷ Mendioroz,²⁴⁸ Storti,²⁴⁹ Castelmarty;²⁵⁰ o que mais exigem?

O profeta, os *Huguenotes*,²⁵¹ o *Fausto*,²⁵² a *Aída*,²⁵³ o *Un ballo in Maschera*²⁵⁴ e *Ruy-Blas*,²⁵⁵ cantadas por tais artistas!

A Europa não ouviu melhores.



Consta-nos que o sr. Watson, o “homem-peixe”, vai trabalhar no circo da rua do Lavradio, conjuntamente com a sua senhora, que promete rivalizar com a Ondina de poética e aquática memória.²⁵⁶

Não esperavam Miss Lurline?²⁵⁷ Ei-la aí. Não se pode queixar o público de falta de divertimentos.

C. V.

240 Expressão francesa: “esperando”.

241 Angelo Ferrari (? – Buenos Aires, 29/12/1897). Empresário italiano. Trouxe ao Brasil grandes nomes da cena lírica internacional, principalmente nas décadas de 1870 e 1880.

242 Palavra francesa: “chamados”.

243 Mariani Mazi (Florença, 1850 – Erba, Lombardia, 25/9/1916). Soprana italiana.

244 Antonietta Pozzoni (Veneza, 1847 – Gênova, 8/4/1917). Soprana italiana.

245 Elvira Repetto (1849 – Milão, 18/9/1922). Soprana italiana.

246 Angel de Sanctis. Tenor italiano.

247 Francesco Tamagno (Turim, 28/12/1850 – Varese, 31/8/1905). Tenor italiano.

248 Giuseppe Mendioroz. Barítono italiano.

249 Enrico Storti (Veneza, 1828). Barítono italiano. Um dos primeiros a se apresentar na Ópera de Paris.

250 Armand Castelmarty, conde de Castin (Toulouse, 1833 – Nova York, 11/2/1897). Baixo francês.

251 Óperas do compositor alemão Giacomo Meyerbeer, libreto de Eugène Scribe.

252 Ópera em cinco atos de Charles Gounod, libreto de Jules Barbier e Michel Carré, baseada no romance *Fausto*, de Goethe.

253 Ópera em quatro atos de Giuseppe Verdi, libreto de Antonio Ghislanzoni.

254 Ópera em três atos de Giuseppe Verdi, libreto de Antonio Somma.

255 Drama em cinco atos de Victor Hugo.

256 No dia 1º de agosto de 1878, a Senhora Ondina, Rainha do Mar, e o Senhor Watson, homem-peixe, estrearam no Skating-rink.

257 Famosa artista aquática americana do século XIX, conhecida como “Mulher-peixe” ou “Rainha das águas”.



JULHO DE 1878

A CASTELÃ E A CARIDADE

Dai esmola aos pobres, diz o Cristianismo.

No tempo em que havia para cada vale um feudatário, que vivia como o condor no cimo de um rochedo e quase inacessível, a caridade mostrava-se sob a forma da castelã, ou da jovem filha do poderoso senhor do terreno; a caridade era uma virtude feminina, como o tecer e o fiar.

O feudatário saía do castelo a cavalo, vestido de ferro da cabeça aos pés, seguido de uma escolta de homens armados até aos dentes, e como ele cobertos de ferro; a caridade penetrava difficilmente através daquelas couraças metálicas, que resistiam ao choque das lanças, e aos golpes das grandes espadas.

A orgulhosa escolta atravessava a aldeia, que se estendia aos pés do rochedo e continuava o seu caminho, sem ao menos perceber os miseráveis vassallos que prosternavam-se ante o senhor, trêmulos e admirados. Chegando à cidade mais próxima, aí encontrava outras escoltas, vestidas do mesmo modo, e a calçada das ruas ressoava debaixo das ferraduras dos seus robustos cavalos; as bandeiras reunidas compunham um bando numeroso, que fazia tremer as vidraças das casas diante das quais passava, acompanhado de gritos e do barulho do choque das suas armas, umas contra as outras.

O batalhão partia, e em outras cidades encontrava um batalhão semelhante, e todos reunidos formavam um exército.

Depois de breve repouso o exército partia para invadir ou conquistar um país. Segundo os casos ou o ponto de partida, aquele turbilhão de ferro mostrava-se ora em um lugar, ora em outro, porém dirigido sempre para as cidades; os camponeses fugiam ante ele como o pó impelido pelo vento, para refugiarem-se nas terras fortificadas; os campos cobriam-se de incêndios, as casas, as plantações dos pobres aldeões eram queimadas ao som das gargalhadas da soldadesca brutal. Do alto das muralhas das cidades as sentinelas calculavam a marcha destes exércitos de nobres pela aproximação dos incêndios, que os seguiam.

Começava a guerra, os castelos mais fracos caíam em poder do inimigo, e eram submetidos ao saque, segundo o uso tradicional. Finalmente aqueles batalhões encontravam outros batalhões que se opunham à sua marcha; tinha então lugar a batalha, e depois desta outras; o terreno cobria-se de mortos; a fome, a peste, a miséria, matavam centenas de infelizes, gente quieta que nem sequer conhecia o pretexto para aquelas carnificinas. Após alguns meses de combates, todas aquelas hordas desapareciam ou porque iam para seus acampamentos de inverno, ou então porque davam a guerra por acabada, retirando aos seus castelos. Nos lugares por onde passavam declarava-se geralmente a peste; as cidades se despovoavam e a morte reinava em toda a parte.

Cem anos de prosperidade e de paz não poderiam corrigir os estragos que havia feito em um ano aquele exército de nobres e poderosos senhores.

Os orgulhosos fidalgos que haviam passado a sua vida combatendo na Itália, na Alemanha, na França, na Espanha ou nos Países Baixos, sentavam-se à tarde às portas dos seus castelos, e choravam comovidos vendo a filha que dava um soldo de esmola a alguma mísera mulher, vítima daquele horrível sistema social.

Algumas vezes os pobres vassalos achavam miserável demais a caridade da castelã, comparada com os roubos do senhor, e revoltavam-se, mas ele descia da rocha, a cavalo, seguido dos seus soldados, sempre cobertos de ferro, e manejando o pesado espadão com os dous braços, se atiravam no meio daquela gente coberta de andrajos, e como o ceifeiro nos campos de trigo, ceifavam centenas de vidas, entrando depois no seu covil, cansados de dar golpes, mas nem sempre cansados de ver correr o sangue.

Um monge da Alemanha²⁵⁸ inventou uma mistura de carvão, de enxofre e de salitre; um outro, não se sabe quem, um cano e um projétil para

258 Berthold Schwarz (Fribourg-em-Brigau, ca. 1318 – Veneza, ca. 1384). Monge e alquimista alemão.

combinar com aqueles ingredientes; nas batalhas fizeram-se ouvir detonação que dominavam os gritos dos combatentes.

A espingarda fazia a sua entrada no mundo.²⁵⁹

“É a arma dos covardes!” gritou pálido de raiva o castelão que já não se sentia seguro debaixo da sua couraça de ferro. O tempo demonstrou que é a arma dos heróis, para os quais a coragem é impulso generoso da alma, e não a segurança e a calma de quem se sente robusto e forte, porque é defendido.

A espingarda tornou inútil a couraça, e o seu irmão, o canhão, inutilizou as muralhas ameaçadas dos antigos castelos. A orgulhosa nobreza desceu das suas alturas para vir habitar com o resto da Humanidade.

Então o pobre não distinguiu no mundo senão duas seitas: o pobre e o rico, deixando perceber que julgava ter-lhe sido mais útil a invenção da espingarda, do que a esmola dada durante tantos séculos pela caridosa castelã.

O rico por seu lado, conheceu a ineficácia da esmola, enquanto que o pobre começava a considerar indigna até a ideia de recebê-la.

Hoje grita-se nas universidades e do alto das tribunas: Não queremos mais esmolas! Mas trabalho, cooperação, proteção e união! A esmola é o veneno subtil que mata no pobre o sentimento do dever e da dignidade.

É a voz da ciência econômica, que não vem combater a caridade, mas ao contrário, dá-lhe vida. Ela sugere ao rico que a solução do problema da miséria é urgente nos nossos dias, e interessa tanto ao rico ameaçado pelas teorias socialistas e internacionais, como ao pobre, que começa a dizer que tem uma parte por demais pequena nas vantagens sociais, comparada com o seu trabalho e as suas fadigas.

A caridade humana nunca foi tão generosa como nos nossos dias, nos quais vemos surgir, por meio de dádivas voluntárias, subscrições ou legados, toda a sorte de instituições destinadas a aliviar a miséria daqueles que sofrem.

A ciência matou a esmola pessoal e pequena, nas suas formas viciosas e ineficazes, e estuda o problema que a caridade não pôde resolver por tantos séculos.

C. V.

A ele é atribuída a descoberta da pólvora no século XIV.

²⁵⁹ Século XVII.



SETEMBRO E OUTUBRO DE 1878

A DINASTIA ROTHSCHILD²⁶⁰

Rothschild,²⁶¹ Plato,²⁶² Crespo²⁶³ e Milhões, são os sinônimos da dinastia que reina sobre os cofres de ferro, sobre os subterrâneos dos maiores bancos do mundo. Rothschild, palavra mágica, que pronunciada por quem a pode, faz jorrar os milhões, como Moisés fazia jorrar a água nos rochedos do deserto; santo invocado por todos os ministros de Finanças, em dificuldades, por todos os poderosos à procura de dinheiro, por todos os governos necessitados, dinastia que governa o mundo sem soldados e sem canhões, com pedaços de papel do comprimento de um palmo e da largura de três dedos.

Um pedaço de papel sobre o qual se achasse escrito este nome poderia satisfazer as reclamações as mais exigentes, criar portentos, armar um exército, fundar uma cidade, causar uma guerra, tornar possíveis centenas de cousas que parecem impossíveis, e impossíveis às empresas mais simples.

²⁶⁰ Família de banqueiros judeus, de Hamburgo, Alemanha. O primeiro Rothschild a ficar conhecido foi Izaak Elchanan Rothschild (1577).

²⁶¹ O fundador da dinastia financeira dos Rothschild foi o banqueiro alemão Mayer Amschel Rothschild (Francfort-sur-le-Main, 23/2/1744 – 19/9/1812).

²⁶² Referência a Platão e a suas ideias de riqueza na Grécia Antiga.

²⁶³ Rei da Lídia (VI a.C.). Simboliza a riqueza nas culturas grega e persa.

A cifra dos milhões que foram divididos pelos vários ramos desta família é conhecida, mas só representa a base das suas operações financeiras. Os trezentos ou quatrocentos milhões dos Rothschilds aumentam constantemente; todo o minuto que passa representa para eles um aumento; para esta família é que se realiza o provérbio: “o tempo é de ouro”.

Theófilo Gauthier,²⁶⁴ o espirituoso crítico parisiense, perguntou um dia ao mais velho dos Rothschild:

– Mas, que fazeis de tantos milhões.

– Sirvo-me deles, respondeu o grande artista dos algarismos, para fabricar outros.

O primeiro da família que dedicou-se a esta arte não parecia ao seu nascimento, destinado a criar uma escola tão poderosa entre os seus.

Nascido em 1743, em Frankfurt sobre o Meno, a cidade livre, na qual por tantos séculos se elegiam os imperadores da Alemanha, Meyer Anselmo Rothschild, havia feito no seio da pobreza os estudos de rigor para tornar-se mestre-escola; os lucros desta nobre, porém mesquinha profissão, levaram-no a pensar em achar outro meio de subsistência. Como todos os hebreus, ele tinha grande aptidão para o comércio; hesitou por muito tempo em escolher o ramo ao qual dedicar-se, a linha, as agulhas e os dedais dos negociantes ambulantes não o tentavam, talvez a instrução que havia recebido dava-lhe tendências mais elevadas. Pensou por muito tempo e afinal voltou-se para um ramo de negócio que à primeira vista não parece feito para mostrar-lhe o caminho da fortuna: o comércio das moedas e medalhas antigas.

Tendo tomado esta resolução, precisava procurar o dinheiro para estabelecer-se. Empregou-se como caixeiro subalterno em um banco de Henau, depois de alguns anos tornou-se gerente da mesma casa.

Tendo Anselmo ajuntado um modesto pecúlio neste emprego, voltou para Frankfurt, aí casou-se com uma excelente moça, filha de uma família honesta,²⁶⁵ porém pobre, estabeleceu-se em uma casa do Judengasse, ou “quarteirão dos judeus”, casa que hoje todos os viajantes vão visitar e que devia ser o berço da dinastia que devia fundar-se.

A profissão escolhida por Anselmo Rothschild, pode-se chamar a parte artística e científica da indústria que tornou esta família tão poderosa; o estudo da numismática, ou o estudo das moedas, considerado como elemento

²⁶⁴ Escritor francês (Tarbes, 30/8/1811 – Neuilly, 23/10/1872).

²⁶⁵ Casou-se com Gutle Rothschild (Frankfurt-sur-le-Main, 23/8/1753 – 7/5/1849) em 29 de agosto de 1770, quando esta contava com 17 anos de idade.

de ciência e como um ramo das belas-artes, havia preparado a Anselmo para o seu comércio, de modo que, em pouco tempo ele tornou-se uma autoridade. Ao mesmo tempo que fazia a compra e a venda de medalhas e moedas antigas, fazia também algumas transações bancárias, distinguindo-se sempre pela sua honestidade a toda prova. Entre os seus clientes, o Landgrave de Hesse,²⁶⁶ tinha-lhe tanta estima e afeição que, depois de ter-lhe de vez em quando confiado algum negócio, nomeou-o em 1801, seu agente em Frankfurt, e com o seu dinheiro facilitou a Anselmo algumas operações bancárias que este havia empreendido.

A fama de honestidade e de capacidade de que gozava Anselmo Rothschild, procurou-lhe em 1802 a comissão de negociar para a Dinamarca, um empréstimo de vinte milhões, que ele soube contrair do modo o mais satisfatório para o país que se havia fiado no seu critério. Vieram no entanto os tempos, tristíssimos para a Alemanha, das guerras e das invasões francesas, durante os quais ele continuou a prosperar, ora banqueiro, ora negociante de medalhas e moedas antigas. Não era porém com estes meios que ele poderia estabelecer os fundamentos da grandeza de sua casa.

A ocasião para a grande empresa ofereceu-se ao pequeno banqueiro da Judengasse de Frankfurt em 1806, ano em que o Landgrave de Hesse, viu-se obrigado a fugir precipitadamente ante os soldados franceses, confiando a Rothschild todos os seus haveres, em valores de diferentes espécies.

O Landgrave havia levado estes haveres consigo, porém o mais difícil da operação era fazê-los chegar a Frankfurt, iludindo a polícia de Napoleão I,²⁶⁷ que havia sequestrado todos os bens daquele pequeno soberano alemão.

Em Frankfurt há uma versão popular, geralmente acreditada sobre o modo pelo qual se pôde efetuar a passagem dos valores do Landgrave até aquela cidade.

Contam que o Landgrave pôs num cesto todas as suas riquezas e mandando chamar depois a um dos seus camponeses fiéis, continuou na sua presença a colocar no cesto uma quantidade de objetos de curiosidade, ao acaso, fingindo querer pôr a salvo todas essas cousas inúteis e que só tinham um valor de estima, recomendando ao mesmo tempo ao camponês que fizesse toda a diligência para levá-los a Frankfurt, em casa de Rothschild.

²⁶⁶ “Landgrave de Hesse” é o título de um governante de Hesse, na Alemanha. O primeiro Landgrave de Hesse foi Henrique I, que morreu em 1247. Fundou a Casa de Hesse em 1264. A crônica trata de Guillaume IX de Hesse-Cassel (Cassel, 3/6/1743 – 27/2/1821). Foi Landgrave de Hesse-Cassel de 1785 a 1805.

²⁶⁷ Imperador dos franceses (Ajaccio, 15/8/1769 – Sainte-Hélène, 5/5/1821). Coroado em 1804.

O vilão, tendo saído com o cesto às costas, pensando nas circunstâncias políticas, de então, nas perseguições que sofria o seu senhor, nas riquezas que devia ter e que naturalmente devia procurar pôr a salvo, imaginou que não havia confiado com tanto cuidado somente bonecos chineses, livros raros, ídolos e medalhas.

Eu levo a riqueza de uma família; o Landgrave me confiou somente objetos de curiosidade, levarei somente estes ao Judengasse. Ninguém saberá, e eu tornar-me-ei milionário.

Parou perto da ponte que ia atravessar naquele momento, apoiou o cesto ao parapeito e pôs-se a pensar; a honestidade e a fidelidade combatiam contra a cobiça e o desejo de experimentar a vida dos ricos. Eram então os tempos de violência soldadesca, de agitação e de rapina.

– Todos roubam, dizia ele, por que não posso eu roubar também?

A conclusão deste monólogo foi esta:

Não quero ter a responsabilidade deste negócio, a sorte que decida ou Deus. Com o bordão que trazia traçou uma linha de um lado ao outro da estrada, apoiou sobre esta linha a ponta do bordão, segurando-o ligeiramente pela extremidade superior com o polegar e o índice, tendo-o assim perfeitamente direito, depois fechando os olhos deixou-o cair, dizendo:

Se cai para a direita, em direção da minha casa, guardo os milhões; se cai para a esquerda, do lado de Frankfurt, levo tudo ao israelita.

Naquele momento, poucas gramas de madeira de um bastão de camponês, colocados de maneira que não conservassem o centro de gravidade, decidiam se no mundo existiria ou não a dinastia dos Rothschild.

O camponês ouviu cair o bastão, abriu os olhos e viu que apontava na direção de Frankfurt. Levantou-o com um suspiro, exclamando:

– Pois bem! Deus me quer vilão e vilão hei de morrer!

E levou fielmente ao negociante de medalhas e moedas antigas aquele cesto, do qual devia sair uma dinastia destinada a figurar como uma potência entre as grandes potências da Europa moderna.

Os capitães do Landgrave de Hesse,²⁶⁸ levados no cesto do camponês, ou como querem outros talvez melhor informados, salvos a custo de muitas fadigas e não poucos perigos, por Anselmo Rothschild, confiados à honestidade e à sábia administração do negociante de medalhas e de moedas antigas, fizeram com que este abandonasse o seu negócio, e tornaram-se a

²⁶⁸ Moedas cunhadas, representando a dinastia de Landgrave de Hesse. Disponível em <https://pt.numista.com/catalogue/ruler.php?id=7664>. Acesso em: 26 dez. 2024.

base de operações bancárias consideráveis, que estabeleceram o crédito de Rothschild I, dando ao Landgrave grandes benefícios, sempre crescentes. Os negócios do novo banco continuaram a prosperar; Anselmo estabeleceu sucursais no estrangeiro, e tornou-se um dos banqueiros mais acreditados da Alemanha. Nos acontecimentos políticos daquele tempo de guerras e mudanças, ele pôde render grandes serviços financeiros ao seu país e aos seus concidadãos, pelos quais, apenas foram concedidos os direitos civis e a liberdade de culto aos israelitas, ele foi nomeado membro do colégio eleitoral de Darmstadt.

Em 1812 quando a Alemanha começava a agitar-se, Anselmo morreu²⁶⁹ deixando cinco filhos e cinco filhas.

Quando próximo a expirar, mandou-os chamar a todos e fê-los prometer de viver unidos pelo amor fraternal, de nunca abjurar a sua religião. Todos juraram e todos cumpriram a promessa. Este não foi o menos importante dos legados que deixou à sua numerosa família, porque se não fora a sua união e solidariedade, os Rothschild, nunca teriam chegado à altura a que atingiram no mundo financeiro.

Foi naturalmente nesta época que adotaram a divisa: “Concórdia, Indústria e Lealdade”. A concórdia, nunca lhes faltou, nem tampouco a indústria, e é em geral admitido que o seu modo de tratar os negócios foi sempre leal e honesto; mas se atrás dos grandes que guardam a caixa o banqueiro pôde conservar a honestidade, nem sempre pôde provar que conservou intacto seu delicado perfume.

A Alemanha, no momento da morte de Anselmo Rothschild, preparava-se para opor a Napoleão I, aquela resistência que devia mais tarde provocar a queda do imperador; os Rothschild puseram o seu crédito à disposição da Pátria.

Anselmo II, nascido em Frankfurt em 1773, sucedeu a seu pai, e continuou a seguir os seus honestos preceitos.

As principais sucursais eram em Viena, Londres, Manchester, Nápoles e mais tarde em Paris; Samuel, nascido em 1774, dirigia a casa de Viena; Nathan nascido em 1777, obteve em vida do seu pai, a direção da sucursal de Manchester, que depois estabeleceu em Londres em 1803, ele era o mais

²⁶⁹ Faleceu em 19 de setembro de 1812. Seus filhos: Jeanette (1771-1859), Anselmo (1773-1855), Salomão (1774-1855), Nathan (1777-1836), Isabella (1781-1861), Babette (1784-1869), Carl (1788-1855), Julie (1790-1815), Henriette (1791-1866), James (1792-1868). Disponível em: <https://www.rothschildarchive.org/genealogy/#1,1>. Acesso em: 16 set. 2024.

ativo em negócios políticos, e em 1813, forneceu ao tesouro da Inglaterra, o dinheiro necessário para a continuação da guerra espanhola, quando todos os banqueiros recusavam qualquer auxílio ao tesouro inglês. Carlos, o quarto herdeiro, nascido em 1788, dirigiu do modo o mais brilhante a casa de Nápoles, e James nascido em 1792, dirigiu-se em 1813, quando contava apenas vinte e um anos, para Paris, estabelecendo aí o centro de uma série de operações perigosíssimas, de acordo com os seus irmãos, sem ter no entanto fundado uma sucursal propriamente dita; foi muito feliz por ter-se esquivado da vigilância da polícia de Napoleão, que teria facilmente encontrado um pretexto para condená-lo à morte. James não deixou Paris, senão depois dos Cem Dias,²⁷⁰ quando as suas relações com os bancos ingleses foram reveladas, na primeira queda do Império.

A Batalha de Waterloo foi um grande golpe de fortuna para a casa Rothschild. Nathan foi à Bélgica, para seguir de perto o exército inglês. Ele compreendia que a sorte da Europa estava para decidir-se; os valores públicos haviam atingido a máxima baixa possível em toda a Europa; se Napoleão era vencido, e uma longa paz assegurada, uma alta extraordinária era certa, rápida, instantânea por assim dizer. Era preciso pôr-se em posição para aproveitar imediatamente, antes de qualquer outro banqueiro. Dominado por esta ideia, Nathan estabeleceu uma série de postos de cavalos na estrada de Antuérpia, desde o campo de batalha até ao mar, e esperou os acontecimentos. Alguns dizem que ele estivera presente na Batalha de Waterloo, e que julgara do seu êxito mesmo antes que estivesse decidido, e partira enquanto ainda combatiam, e a maior parte dos oficiais estivessem em dúvida de que lado se declararia a derrota. Verdadeiro ou não este fato, o que é certo é que ele chegou à Antuérpia antes que aí se recebesse a notícia da derrota dos franceses, e correu imediatamente ao porto em procura de um navio. Levantava-se naquele momento um desses temporais que intimidam aos próprios marinheiros, nenhum capitão tencionava partir; encontrou afinal um mais corajoso do que os outros, que atreveu-se a fazer de vela; a fortuna protegeu a ousada empresa, e levou-os sãos e salvos às costas da Inglaterra, enquanto que a borrasca impedia a qualquer

²⁷⁰ Governo dos Cem Dias é a denominação do curto período em que Napoleão governou a França após retornar de seu exílio na ilha de Elba. Tem início em 20 de março de 1815, com a chegada do soberano a Paris, e se encerra em 22 de julho de 1815, com a Segunda Restauração e a ascensão de Luís XVIII ao trono. Esse período compreende drásticas transformações políticas como também grandes conflitos armados, incluindo a Batalha de Waterloo (18 de julho de 1815), da qual saíram vitoriosos os ingleses e os prussianos.

embarcação a passagem do estreito durante todo aquele dia. Nathan tinha 24 horas de adiantamento em seu favor; não perdeu um minuto, comprou enquanto teve fundos e crédito para comprar, e até que chegou a Londres a notícia da grande vitória do exército aliado, trazendo consigo a certeza de uma longa paz.

Num momento todos os valores tiveram uma alta extraordinária e Nathan Rothschild pôde contar um acréscimo de “vinte milhões” na sua caixa; as outras casas bancárias dos Rothschild realizaram também grandes benefícios, porque todos operaram no mesmo sentido, porém nenhuma teve a influência decisiva no progresso da firma, como a sucursal de Londres.

Na ocasião da entrada dos exércitos aliados em Paris e depois da proclamação da paz, os Rothschild, que se haviam unido e operado como um só homem em favor da Santa Aliança,²⁷¹ poderiam ter exigido grandes recompensas dos soberanos coadjuvados, limitaram-se porém em pedir patentes de nobreza e o título de barão para todos os cinco.

James estabeleceu-se então em Paris, onde os seus irmãos, ascendendo às suas instâncias, resolveram fundar aquela casa que devia chegar a uma celebridade universal.

O novo banco não foi porém confiado exclusivamente a James; teve a razão social de “Rothschild Frères”.

Esta casa começou logo as suas relações com a França, facilitando-lhe o pagamento da indenização de guerra que lhe fora imposta pela Europa coalizada; depois durante o Ministério Villèle²⁷² entrou francamente nos negócios financeiros do governo francês, e até a queda de Luís Filipe,²⁷³ pode-se dizer que não houve empréstimo contraído pela França, no qual a casa Rothschild não tivesse uma grande parte.

Os negócios com os outros estados não eram menos importantes; pouco a pouco todos os soberanos da Europa tornaram-se devedores dos Rothschild; a quantia de dinheiro emprestado por eles aos reis e aos imperadores subiu a milhares de milhões e sua influência tomou tais proporções,

271 Acordo político celebrado entre a Rússia, a Prússia e a Áustria, em 26 de setembro de 1815, após ao Congresso de Viena.

272 Jean-Baptiste-Séraphin-Joseph de Villèle, conde de Villèle (Toulouse, 14/4/1773 – 13/3/1854). Político francês durante o império de Napoleão I.

273 Duque de Orleans (Paris, 6/10/1773 – Surrey, 26/8/1850) e rei dos franceses sob o nome de Luís Filipe I (1830-1848).

que em alguns casos eles impuseram a paz à Europa que preparava-se para abrir o templo de Jano.²⁷⁴

A indústria das estradas de ferro abriu novas fontes de imensos lucros para esta casa já tão poderosa, cuja prosperidade atingiu ao seu auge.

Alemã de origem, saída da humilde casa do “quarteirão dos judeus”, em Frankfurt sobre o Meno, a família Rothschild é hoje anglo-franco-alemã.

Em 1817 a carestia de pão em Paris, levou o povo a acusar o *grand baron*, era este o nome que os parisienses haviam dado a James Rothschild, de ser o causador da fome entre o povo e de especular sobre a sua miséria, e a devastar o seu castelo de Suresnes²⁷⁵ em fevereiro de 1848, durante a Revolução. Este acontecimento não incomodou em nada ao barão James; até em tal ocasião declarou que se a República fosse ameaçada pela Europa ele pediria as suas cartas de cidadão francês. Seu filho Afonso²⁷⁶ no entanto naturalizou-se e James Rothschild deu 50.000 francos para as vítimas de fevereiro.²⁷⁷

Como vimos no número precedente,²⁷⁸ o último banco fundado pela casa Rothschild, foi o de Paris e o último dos cinco irmãos que estabeleceu-se foi James, que tomou a direção desta sucursal.

Este, enquanto viveu foi o verdadeiro representante histórico da dinastia, a figura saliente entre esta sucessão de príncipes do dinheiro, embora não tivesse levado a efeito nenhuma das empresas a que esta casa deve a sua riqueza. Mas ele, estabelecendo-se no momento da maior prosperidade da casa, foi o que dispôs de maior número de milhões e que tratou com os reis, os príncipes e as repúblicas, dos negócios mais importantes.

Em Paris chamavam-no o *grand baron*, como ao último dos Montmorency,²⁷⁹ embora ele estivesse muito longe de ser grande; a seu respeito contavam-se as mais estranhas lendas douradas.

Em geral, porém, era benquisto pelo povo por causa das grandes esmolas que fazia generosamente.

274 Abrir o templo de Jano significa iniciar um tempo de guerra.

275 Localizado nas proximidades de Paris.

276 Alfonso de Rothschild (Paris, 1/2/1827 – 26/5/1905). Homem de negócios francês. Primeiro filho varão de James Rothschild.

277 Fim da primeira parte.

278 Ver critério n° 20.

279 Família tradicional da França.

Na rua Lafitte, onde se acham as Tuileries²⁸⁰ da dinastia, entre os outros escritórios administrativos, havia o da beneficência com um chefe e seus empregados.

Diz-se que os falsos pobres e os tratantes nunca puderam obter subsídios, que a administração sabia descobrir com um tato singular a pobreza modesta e respeitável.

James Rothschild, não era belo; calvo, de estatura mediana, com a cabeça um pouco enterrada entre os ombros e um rosto afocinhado, não tinha a aparência de um ricoço, nem do homem de talento que era; falava com um acento alemão pronunciadíssimo. Tinha porém espírito e o gracejo fácil e incisivo.

Um descarado embrulhador de negócios industriais, tinha sido nomeado cavalheiro, vieram dizê-lo a James Rothschild, que o detestava particularmente.

– Muito bem! As finanças têm os seus barões, é justo que a indústria tenha os seus cavalheiros.

Não se podia chamar a um homem de cavalheiro de indústria de um modo mais delicado.

James, casou-se com a filha de seu irmão Salomão,²⁸¹ senhora muito inteligente e caridosa. Dirão que esta é uma virtude muito fácil de praticar por quem lida com bilhões; é um erro, pelo contrário a caridade é uma virtude muito rara na classe bancária. Deveu-se [sic] a James Rothschild, diversos estabelecimentos de instrução para os israelitas e entre outros em Paris, uma sinagoga²⁸² e um hospital.²⁸³ Ele possuía além do seu palácio em Paris, e uma quantidade de outras propriedades, um palácio vizinho ao Bois de Boulogne²⁸⁴ e uma casa de campo principesca em Ferrière.²⁸⁵

280 Alusão ao palácio real que foi incendiado em março de 1871 e efetivamente demolido em 1882. Os jardins subsistem até hoje.

281 Betty von Rothschild, baronesa de Rothschild (15/6/1805 – 1/9/1886), casou-se em 11 de julho de 1824.

282 Os judeus de Paris iniciaram a construção de uma sinagoga em 1819; o edifício ficou pronto em 1822, entretanto, foi fechado em 1850, pois a construção corria riscos. Uma nova sinagoga foi erguida no local, financiada por James Rothschild e entregue em 1852.

283 Hospital Rothschild, em Paris, inaugurado em 25 de maio de 1852.

284 Construído entre 1855 e 1861.

285 Construída entre 1855 e 1859 nos arredores de Paris.

Nesta casa recebeu em 1862 a visita de Napoleão III,²⁸⁶ acompanhado pelos embaixadores da Inglaterra e da Áustria; do conde Walewski,²⁸⁷ Ministro de Estado; de Fould,²⁸⁸ Ministro das Finanças, de Persigny,²⁸⁹ Ministro do Interior e do príncipe de Moskova,²⁹⁰ primeiro caçador do imperador.

A recepção foi esplêndida, digna do príncipe dos banqueiros e do imperador dos franceses; e a caçada no parque de La Ferrière, mostrou que aquela propriedade de Rothschild, era a mais rica em caça que existia em França.

James Rothschild, comprou Ferrière, que estava caindo em ruínas por causa do abandono em que fora deixada pelo seu último proprietário, Fouché, duque de Otranto,²⁹¹ famoso Ministro da Polícia de Napoleão I, exilado sob a restauração como regicida, morto meio ateu e meio beato.

Ferrière é estimada no valor de trinta milhões, contando todas as suas dependências em terras, parques e casas. O valor desta propriedade, no centro da qual James fez construir um soberbo palácio, é muito inferior, comparado com o dos tesouros recolhidos no *pavillon*, modesto título, que o barão deu àquele edifício.

Já vimos que a origem da fortuna dos Rothschild, fora uma tendência mista de amor ao ouro e amor à arte, visto que Anselmo, o fundador da casa, se havia dedicado ao comércio das medalhas e moedas antigas.

Esta tendência mista sempre se tem mostrado no gosto dos Rothschild, que sempre tiveram uma grande paixão pelas cousas de belas-artes, sempre foram, não protetores, mas compradores resolutos de quadros, estátuas, estampas, marfins, bronzes e esmaltes, fossem ou não obras de artistas antigos ou modernos.

Se a família Rothschild, reunisse em um só lugar todos os objetos de belas-artes que possui, a Europa contaria mais um museu famoso.

Trabalhador infatigável, teimoso e atento, James Rothschild, deixava repentinamente os negócios os mais importantes, para ocupar-se de um

286 Imperador dos franceses (Paris, 20/4/1808 – Chislehurst, Kent, 9/1/1873).

287 Alexandre Joseph Colonna, conde de Walewski (Walewice, Pologne, 4/5/1810 – Estrasbourg, 27/9/1868). Político e ministro do Exterior francês.

288 Achille Fould (Paris, 17/11/1800 – La Loubière, 5/10/1867). Político francês.

289 Jean Gilbert Victor Fialin, duque de Persigny (Saint-Germain-l'Espinasse, Loire, 11/1/1808 – Nice 12/1/1872). Político francês.

290 Michel Ney, duque de Elchingen, príncipe de Moskova (Sarrelouis, 10/1/1769 – Paris, 7/9/1815). Marechal e um dos Pares de França.

291 Joseph Fouché, duque de Otranto (Pellerin, 21/5/1759 – Trieste, 26/12/1820). Estadista francês.

quadro, de uma estátua ou de uma gravura, se não havia meio de fazê-las esperar outra ocasião.

Não havia leilão em que se anunciasse alguma obra de arte, ao qual não fosse em pessoa para ver a sua exposição; ele sabia onde se achavam as obras-primas, que de um ano para outro podiam ser vendidas em leilão e esperava-as, pode-se assim dizer.

Os objetos de arte que se acham na casa de Ferrière, bastariam por si sós para constituir um museu; são dignos do grande salão de recepção que do andar térreo sobe até ao telhado da sala dos banquetes, dignos de um rei e dos móveis que ornaram esta residência.

Não se pode calcular quanto terá custado tudo aquilo. James Rothschild, respondia sempre a quem lho perguntava.

– Nunca quis sabê-lo para não ver-me obrigado a repeti-lo.

Terminarei estes apontamentos com uma anedota. Em 1849, os negócios andavam mal em Paris e o das belas-artes muito mal; os pintores e os escultores trabalhavam quase com a certeza de não vender coisa alguma, sempre com o receio de ver entrar-lhes pelas casas os oficiais de justiça, encarregados de levar-lhes os móveis, por falta de pagamento do aluguel.

Um pintor de talento, que depois foi muito estimado, achava-se nestas condições. Era inquilino em uma das numerosas casas dos Rothschild, em Paris, receava uma penhora, coisa que Rothschild, porém nunca fazia.

O porteiro, porém, não cessava de fazer-lhe a ameaça a fim de obrigá-lo ao pronto pagamento do aluguel. O pintor não podendo mais suportar estas incertezas, resolveu-se a recorrer ao proprietário da casa. O barão James recebeu-o bem e ouvindo o pintor dizer-lhe que para pagá-lo só possuía duas telas, porém sem molduras...

– Traga-mas amanhã que eu as verei, respondeu o banqueiro.

O pintor como é fácil imaginar, não esqueceu-se e no dia seguinte apresentou-se com os dous quadros.

Rothschild que entendia de belas-artes, vendo as pinturas, perguntou o preço e sem regatear comprou-as, pagando até o último franco e embrulhando o dinheiro num recibo por três meses de aluguel.

James Rothschild morreu depois de curta enfermidade a 15 de novembro de 1868, cônsul-geral da Áustria, grande dignatário da Legião de Honra e condecorado com quase todas as ordens cavaleirescas do mundo.

A família não lhe fez um enterro suntuoso, porém nessa ocasião deu grandes esmolas.

Atrás do carro fúnebre iam os seus três filhos, Afonso, Gustavo, Edmundo²⁹² e dois netos.²⁹³ As casas de Londres, de Viena e de Nápoles, foram representadas por Anselmo, Velly, Adolpho e Antony.²⁹⁴

Como se vê, a árvore tem numerosos ramos e a dinastia não está próxima a extinguir-se por falta de descendentes. O rei é morto, viva o rei; um dos Rothschild, depois da morte de James, sentou-se na sua poltrona da rua Lafitte e tudo continuou como antes, no melhor dos bancos possíveis.

C. V.

²⁹² Os três filhos são: Meyer Alfonse (Paris, 1/1/1827 – 26/5/1905), Gustavo Samuel (Paris, 17/2/1829 – 28/1911) e Edmundo James (Boulogne-Billancourt, 19/8/1845 – 2/11/1934).

²⁹³ No *site* da família Rothschild localizamos as informações de que nos seguintes jornais foram registradas notícias sobre o enterro de James Rothschild: *L'Univers Illustré*, 21/11/1868; *Le Monde Illustré*, 21/11/1868; *L'Univers Illustré*, 28/11/1868. Localizamos, ainda, no *Le Petit Journal*, nas datas de 19 e 21 de novembro, e no *Le Figaro* de 19 de novembro, bem como no *Le Temps* de 19 de novembro, todos de 1868, várias informações sobre o cortejo fúnebre e o enterro conduzidos por seus três filhos e genros. Não localizamos no *site* da Gália o *Le Monde Illustré* na data citada, e nenhum dos jornais consultados apresentava referência à presença dos netos no cortejo fúnebre. Agradecemos à professora Jacqueline Penjon, que nos conduziu nesta pesquisa.

²⁹⁴ Localizamos no *site* Rothschild Archive, na seção “Origins of the Bussines”, as seguintes informações: Leonel Nathan de Rothschild (1808-1879), representante de Londres, administrou a sucursal de 1836 a 1879; Anselmo Salomão von Rothschild (29/1/1803 – 27/7/1874), representante de Viena, administrou a sucursal de 1855 a 1874. Adolpho Carl von Rothschild (21/3/1823 – 7/2/1900), representante em Nápoles, administrou a sucursal de 1855 a 1863, data do fechamento da casa. Não localizamos nenhuma referência no *site* da família Rothschild sobre Velly e Antony como possíveis representantes da família em outros países. Disponível em: https://www.rothschildarchive.org/business/origins_of_the_business/. Acesso em: 19 set. 2024.



OUTUBRO, 1878, JANEIRO E FEVEREIRO, 1879

UM CASO DE SONAMBULISMO²⁹⁵

Entre os numerosos casos de sonambulismo, que a ciência médica tem observado, este do sr. Dionysio Van-Spengel, seria com certeza considerado como um dos mais curiosos e raros. Resumiremos para os nossos leitores a profunda e curiosa memória publicada pelo dr. Croissart; frequentemente, para maior clareza, empregando as próprias palavras do ilustre escritor.²⁹⁶

I

O sr. Dionysio Van-Spengel,²⁹⁷ tem cinquenta e quatro anos. É uma figura seca, alta, eminentemente nervosa, com traços fisionômicos muito

²⁹⁵ Conto de Luigi Capuana traduzido por Corina Coaraci.

²⁹⁶ “*Un cas de sonnambulisme*, par le dr. Croissart”. Bruxelles, Mennier et fils, 1873. [...] A edição está esgotada; não se encontra um único exemplar, mesmo que se pague o seu peso em ouro. Um curioso, confrontando a narrativa do dr. Croissart com um mapa da cidade de Bruxelas, notou que os nomes das ruas foram alterados depois de 1873.

²⁹⁷ No conto italiano está grafado “Dionigi Van-Spengel”.

notáveis, especialmente o nariz e o modo de olhar. Visto uma vez, não é possível esquecê-lo mais. A sua fronte, pouco larga, porém muito elevada, é coberta de rugas que estão constantemente em movimento nervoso. Atrás dessa fronte palpita uma inteligência que ignora o que é o repouso.

O sr. Van-Spengel, é empregado há vinte anos na direção geral da polícia da Bélgica, tomou muito ao sério o seu ofício. Em diversas circunstâncias tem mostrado que não foi sem razão considerado o discípulo predileto do célebre sr. Vidocq.²⁹⁸

O olhar, embora devo dizer, neutralizado por um par de óculos de presbita, sempre trepados sobre o seu nariz, tem uma expressão fascinante; não olha, penetra. O homem o mais honesto do mundo tentaria em vão suportá-lo por alguns minutos, sem embaraçar-se.

“A primeira vez que conheci o sr. Van-Spengel, diz Croissart, foi por ocasião de uma sua doença. Achava-se ele, havia quatro meses, incomodado por uma insônia atroz; os médicos de Bruxelas e de Paris, já não sabiam o que fazer para combater um inimigo tão rebelde aos mais enérgicos tratamentos. Eu chegava então da província, onde uma cura feliz me havia tornado repentinamente conhecido; ele veio procurar-me. Nunca esquecerei a impressão que me fez aquela visita.

“Falando da sua doença, o sr. Van-Spengel olhava-me em face com aquele ar perscrutador todo seu, que tinha adquirido naturalmente no exercício da sua profissão, mas que, pareceu-me ser atribuído em grande parte ao seu nariz comprido, afilado, um pouco torto e voltado para cima, um nariz singularíssimo.

“Depois de alguns momentos já não podia prestar atenção ao que me dizia. Sentia-me atacado no santuário da consciência, procurava um meio de defender-me. Não é fácil deixar-me levar por ilusões desta ordem, porém naquele momento a fisionomia daquele homem, causava-me um receio indefinível. Cheguei a fantasiar que o seu nariz devia tornar inútil o espeto empregado pelos guardas da alfândega às portas da cidade; aquele nariz devia penetrar em todas as fibras e mais além.

“Quando finalmente o sr. Van-Spengel calou-se, eu não duvidava que ele conhecesse o meu coração tão bem, senão melhor do que eu.

²⁹⁸ Eugène-François (Arras, 24/7/1775 – Paris, 11/5/1857). Criminoso francês que se tornou criminalista. Fundador do Sûreté Nationale e chefe da primeira instituição de detetives particulares.

“Acreditei surpreender-lhe nos lábios um sorriso de triunfo. Fui, a pesar meu, obrigado a pedir-lhe desculpa e rogar-lhe humildemente que recomencesse a sua narração de novo.

“Seja que adivinhasse o motivo do meu pedido, ou seja que ficasse mortificado com a minha distração, o sr. Van-Spengel, fixou o olhar sobre o tapete e não o moveu dali, até que tivesse terminado a segunda narração dos seus sofrimentos.”

O dr. Croissart, não narra por modéstia a rápida cura do seu doente.

O sr. Van-Spengel, é solteiro. Não tem parentes. Vive com uma velha que o serve há trinta anos e mora em um pequeno quarto no próprio escritório da repartição geral da polícia. De hábitos muito regulares, passa as poucas horas desocupadas que tem, lendo. Come pouco e, cousa notável, não bebe vinho.

É muito certo que na noite de 1º de março de 1872, o sr. Van-Spengel, entrou nos seus aposentos mais cedo do que costumava. Estava de bom humor e ceava com apetite. Deitou-se às 11 e meia da noite, pouco depois a criada ouviu-o ressonar com força. Às oito e três quartos da manhã (2 de março), já estava de pé. A campainha avisou a *Mlle.* Trosse, que o seu amo esperava o café.

Mlle. Trosse, afirma que a aparência do sr. Van-Spengel, pareceu-lhe naquela manhã como era de costume, mesmo um pouco mais serena.

Nada indicava a triste catástrofe daquele dia.

O amo, contou depois a velha, bebeu o café exclamando de tempos a tempos; muito bom; excelente! Depois acendeu o seu cachimbo.

– Sabe? disse ele; creio que dormi nove horas seguidas! – E começou a rir.

Mlle. Trosse sacudiu a cabeça, mas não quis contradizê-lo.

À uma hora depois de meia-noite ela o tinha ouvido passear no quarto, e mover as cadeiras. Supondo que ele se achasse incomodado, e levantando-se, foi devagarzinho espiar pela fresta da porta. O seu amo envolvido na sua *robe de chambre*, e com o barrete de dormir na cabeça escrevia junto à mesa.

Às nove e meia, o sr. Van-Spengel acabara de fumar o seu cachimbo. E, segundo o seu costume, acabou de se vestir às pressas; fez-se ajudar pela criada quando vestiu a sobrecasaca e voltou-se para a escrivaninha para procurar os óculos. A criada tinha nas mãos o chapéu e a bengala.

– Que história é esta? exclamou de repente.

Pareceu surpreso ao encontrar alguns papéis sobre a sua escrivaninha. O sr. Van-Spengel tomou-os nas mãos e leu algumas linhas da primeira página; esfregou os olhos mais de uma vez, olhou em torno para cima, para

baixo, enfim para todos os lados do quarto, depois folheou lentamente todo o caderno, observando com viva atenção e grande surpresa a escrita fina e compacta que o cobria.

– Quem trouxe estes papéis? perguntou bruscamente à criada.

– Mas senhor!... respondeu *Mlle.* Trosse, sorrindo: (julgava que o seu amo estava brincando).

– Enfim, responda! Quem trouxe estes papéis? Não me disse nada a este respeito.

– Não sei, disse a criada, vendo a seriedade do amo; aqui não veio ninguém.

– Se é uma caçoadá, murmurou o sr. Van-Spengel, é preciso confessar que foi muito bem feita.

Sentou-se em uma das poltronas, fez sinal à criada que o deixasse só, e pôs-se a ler em voz alta: “Relatório ao senhor procurador do Rei sobre o assassinato cometido na noite de 1º de março, na casa n. 157 rua do Roi Lèopold, em Bruxelas”.²⁹⁹

Calou-se neste ponto para lançar os olhos sobre o calendário americano, que estava dependurado na parede, junto à escrivaninha.

O calendário marcava “2 de março”. O sr. Van-Spengel, havia poucos minutos antes, arrancado a folha do dia antecedente.

– Ou o diabo se meteu nisto ou eu estou doudo! Começou a murmurar de novo. Esta escrita é minha! Não há que duvidar, é minha! e batia com os dedos no caderno que colocara sobre os joelhos. – E no entanto eu não escrevi isto!

– Se o amo me der licença... disse timidamente *Mlle.* Trosse, que indo para o outro quarto tivera a malícia de deixar a porta aberta, a fim de ouvir melhor.

– Licença para quê? respondeu o sr. Van-Spengel, zangado.

– Queria lembrar-lhe que esta noite *Monsieur* escreveu desde uma hora até as quatro, e...

– Está douda?

– Desculpe, *Monsieur* deve lembrar-se. Eu levantei-me duas vezes, acreditando que estivesse incomodado; abri a porta sem que o senhor parecesse ter ouvido; e ambas as vezes eu o vi sentado à escrivaninha, ocupado em escrever. *Monsieur* dormiu sobre o seu trabalho, e é naturalmente o motivo que...

299 É uma homenagem ao primeiro rei da Bélgica, Leopoldo I.

– Deve ser assim! exclamou o sr. Van-Spengel, depois de um momento de reflexão. É estranho, mas deve ser assim. Sabe, continuou ele em seguida: sabe *Mlle.* Trosse, que na minha mocidade eu fui sonâmbulo?

– Ai meu Deus! disse a criada amedrontada. Quer dizer que *Monsieur* andava pelos quartos...

– Sim, senhora, sim; pouco mais ou menos deste modo; e falava e fazia tudo como se estivesse acordado; sem mais nem menos. Aos vinte anos porém, tive uma doença perigosíssima... quase morri... mas daquele tempo em diante não se deu mais um caso semelhante. Vai recomençar agora? E esta! Será um grande aborrecimento.

– Mas, é certo que escrevi dormindo! Vou falar já ao Doutor.

O sr. Van-Spengel, tomou de novo o caderno nas mãos, e voltando à primeira página, leu:

“Senhor

“Esta manhã, 2 de março, às 11 horas...”

Interrompeu-se de novo para tirar o relógio da algibeira.³⁰⁰

É curioso! Falta pouco para as dez e meia! Enfim, são cousas escritas dormindo.

E sorriu.

– Vá, disse depois, voltando-se para a criada; e feche aquela porta.

Voltou-se para ver que a sua ordem fosse cumprida, e tornou depois a ler o caderno; eis o que o sr. Van-Spengel leu: (Nós o traduzimos palavra por palavra do apêndice da obra já citada).

“Senhor,

Esta manhã, 2 de março, às 11 horas, dirigindo-me ao meu escritório no Ministério do Interior a fim de receber as ordens e instruções de Sua Ex., o ministro, ao sair da *rue* Grisolles, para entrar na do Roi Lèopold, vi um grande ajuntamento de povo em frente à casa, n. 159, imediata ao palácio do senhor visconde De-Moulmenant. Desconfiando que fosse um ajuntamento de sediciosos, contra o pasteleiro estabelecido perto desse lugar, n. 161, apressei-me para lá chegar, tendo chamado os dous guardas, Leruge e Poisson, que eu sabia estarem no posto da *rue* Bissot.

“Chegado ao lugar, vi logo que se tratava de cousa bem diversa. O cocheiro, o cozinheiro, dous lacaios e duas criadas, da senhora marquesa de Rotestein-Gourny estavam em frente à casa de dous andares, propriedade da mesma senhora, e depois de haver batido por mais de uma hora, não tinham conseguido

300 Fim da primeira parte, assina C.V.

fazer-se ouvir, nem pelo porteiro, nem pela criada, que se achava de serviço, nem pela Marquesa ou por sua filha.

“Aquelas pessoas de serviço tinham na tarde precedente, segundo asseveravam, obtido da Marquesa licença para assistir à festa do noivado da filha do cozinheiro e haviam-se demorado fora de casa toda a noite.

“Começava-se a suspeitar algum grave acontecimento, e a consternação parecia estampada no rosto de todos.

“O ajuntamento de povo aumentava sempre; as suposições multiplicavam-se; aquela pobre gente começava, como costuma dizer-se, a perder a cabeça.

“O cocheiro tendo escalado até o pequeno terraço que ficava por cima da entrada, procurava fazer-se ouvir, batendo sobre as venezianas com tal força a ponto de quebrar os vidros das janelas; sem tirar resultado. Parecia que aquela casa fora abandonada.

“Esquecia-me dizer que o sargento Jean-Roche, com outros seis guardas, já me havia precedido no lugar do ajuntamento. À minha chegada puseram-se logo à minha disposição, e ele disse-me, que havia mandado um dos seus homens ter com o Juiz do distrito, a fim de abrir o portão com todas as formas exigidas: louvei o zelo do sargento e esperei pela chegada do Juiz, que apresentou-se dali a poucos minutos, acompanhado do seu escrivão.

“Mandou-se chamar um serralheiro. Foi preciso esperar um pouco, antes que as fechaduras internas pudessem ser forçadas.

“Designados seis guardas para conter o povo, escolhidas duas testemunhas, entramos juntamente com elas e com os criados, fechando o portão atrás de nós. Os criados deviam-nos servir de guias, e dar-nos os esclarecimentos que se tornassem necessários.

“Feitos alguns passos, até o patamar da escada, uma cena horrível se nos apresentou. Ali jazia o cadáver do porteiro em toda a sua extensão; a cabeça, apoiada num dos degraus, nadava em sangue. As suas mãos haviam sido horripilantemente mutiladas em sentidos diversos (sinal de luta encarniçada). O cadáver mostrava dous ferimentos na região do coração, e três na parte inferior do abdômen.

“À vista desse horrível espetáculo, Luison, uma das criadas, caiu em convulsões violentas. Nichette atirou-se pela escada, gritando, chorando e chamando pela sua jovem ama. Os homens consternados e lívidos não proferiam uma palavra. O guarda Maresque foi logo mandado em busca de um médico. Começamos a subir.

“Havíamos apenas chegado ao meio da escada, quando Nichette apresentou-se no vestibulo gritando: Assassinnados! Assassinnados! – Subimos correndo.

“Os quartos apresentavam-se na maior desordem. Muitos objetos de valor espalhados pelo assoalho; todas as gavetas dos armários abertas e vazias. No salão de recepção as poltronas e os divãs, parte fora do seu lugar, parte de pernas para o ar. Junto ao piano, numa poltrona o cadáver da jovem *Mlle.* de Rotestain-Gourny!

“Ferida por uma única punhalada no coração, ficara com as mãos nos cabelos e a cabeça atirada sobre o espaldar da cadeira. Um pequeno sulco de sangue manchava apenas o roupão amarelado que trajava.

“As portas do salão que iam dar no quarto de dormir da Marquesa achavam-se abertas. No fundo, estendida sobre o chão, aparecia a forma de uma pessoa embrulhada atrapalhadamente em muitas cobertas. Era o cadáver da sra. marquesa de Rotestain-Gourny! Dous guardas a muito custo desembaraçaram-na. Diversas manchas escuras em torno do colo indicavam que ela fora em primeiro lugar estrangulada, e depois sufocada daquele modo, naturalmente a fim de que no caso de não estar ela morta, não pudesse recuperar os sentidos.

“A criada de quarto jazia assassinada no próprio leito, na saleta que ficava ao lado do quarto da sra. Marquesa.

“O dr. Mavol, chegado naquele momento, certificou, depois de um exame minucioso, que as quatro vítimas haviam sido assassinadas oito horas antes da descoberta do crime, pouco mais ou menos. Evidentemente o fim principal dos malfeitores não havia sido o de assassinar; mas não se penetra às ocultas em uma casa habitada por pessoas, que, embora não tendo nenhum meio de defesa, podem gritar por socorro e dar o alarme, que o assassinato já não esteja antecipadamente calculado. Pelo aspecto do teatro deste drama sanguinolento não era difícil imaginar o que se havia passado na noite precedente.

“O porteiro ouvindo rumor, havia-se levantado, para averiguar a sua causa, e fora agredido à saída do seu cubículo. Homem forte, alto e corajoso, livrou-se em pouco tempo dos braços de seus agressores, e embora estivesse ferido, tentou subir a escada a fim de avisar às pessoas da casa do perigo iminente. Naturalmente ele atracou-se com algum dos malfeitores, a ponto de quase o estrangular. Os companheiros defendiam-no, e rasgavam as mãos do porteiro com os seus punhais, para forçá-lo a largar a presa, enquanto que o acabavam de matar com cinco profundas feridas.

Tendo penetrado no primeiro andar, os assassinos dirigiram-se, alguns ao quarto da Marquesa, introduzindo-se provavelmente pela porta da direita, e outros à saleta onde dormia a criada. A Marquesa, despertada por algum leve rumor, havia tido talvez somente o tempo de levantar a cabeça, quando viu-se assaltada de modo a não poder soltar um só grito. Parece que ao mesmo tempo havia sido morta a criada, pois que *Mlle.* de Rotestain-Gourny ainda não se havia recolhido (assim o indica o seu vestuário), e admirada do insólito rumor que se fazia no quarto vizinho, tocou a campainha, diversas vezes com violência, a ponto de arrebentar o cordão. Neste ponto um dos assassinos apresentou-se à porta da sala. A jovem senhora fugiu imediatamente, seguida de sala em sala, atirando contra o seu perseguidor tudo aquilo que encontrava, cadeiras, mesinhas, poltronas, etc. Chegando porém ao grande salão, vendo-se cercada de diversos daqueles malfeitores, deixou-se cair aterrada em uma das poltronas, e aí foi assassinada com uma punhalada.

“Depois de longas e minuciosas pesquisas, pudemos averiguar que a prata, as joias, o dinheiro, enfim todos os objetos de valor haviam sido roubados com uma audácia sem igual.

“Porém de que lado e com que meios os assassinos haviam conseguido penetrar naquela casa?

“Era este um caso difícil de averiguar.

“O portão, que era muito sólido, aferrolhado pelo interior e seguro por uma esplêndida fechadura inglesa, assaz complicada, não mostrava ter sido aberto. Nas venezianas fechadas hermeticamente, tanto do lado interno como do externo, não havia sinal de violência. O portão de ferro fundido, que fechava a entrada do jardim, estava com a corrente que o prendia no seu lugar. Os muros das adegas intactos. Uma pequena porta na extremidade das adegas, e que abria para o beco Mignon, estava com todos os ferrolhos. Os tetos e os forros em perfeito estado. Em suma achávamo-nos ante um desses difíceis problemas que a inesgotável astúcia dos malfeitores apresenta à polícia.

“Apoiado à sacada de uma das janelas que dão para a *rue* Roi Lèopold, eu refletia, havia alguns momentos, quando de repente...”

– Hein? – disse o sr. Van-Spengel interrompendo a leitura, e olhando de um modo muito pouco lisonjeiro para *Mlle.* Trosse que mostrava-se por entre uma porta meio aberta, segurando com a ponta dos dedos um cartão de visita.

– O amigo Goulard! exclamou o sr. Van-Spengel, depois de ter lido o nome inscrito; e eu que o ia esquecendo. Diabo, são dez horas e três quartos! Enfim devo resignar-me a ler o resto mais tarde.

– *Mlle.* Trosse! acrescentou ele com certo ar meio cômico, pondo o manuscrito no bolso; vamo-nos tornar escritores, romancistas, como o seu amigo Ponson du Terrail;³⁰¹ o que diz a isto?

O sr. Van-Spengel não desdenhava gracejar às vezes com a sua criada.

– Tanto melhor, respondeu esta, que não compreendia cousa alguma.

– E escreveremos os nossos romances dormindo, continuou ele no mesmo tom.

– Tanto melhor, respondeu *Mlle.* Trosse, compreendendo menos ainda.

O sr. Van-Spengel deixou-se escovar da cabeça aos pés, endireitou tranquilamente os seus óculos que haviam deslizado até a ponta do nariz, pôs a cartola na cabeça, tomou a bengala e disse à criada que ia almoçar com o seu amigo Goulard. O sr. Goulard esperou-o até a noite, em vão. O sr. Van-Spengel não deu sinal de si durante todo o dia. Julgue o leitor, se teria sido possível adivinhar, mesmo de longe, o que lhe havia acontecido.

II

O sr. Van-Spengel nem sequer entrou na secretaria. Desceu as escadas rapidamente, e com a maior tranquilidade dirigiu-se pela rua dos Roulets até o ponto em que atravessa a *rue* des Grisolles, por onde seguiu.

O sr. conde de Ramcy, major de granadeiros encontrou-o um pouco além do Café de Paris, e o deteve conversando alguns minutos, confirmou as palavras da criada, a respeito da perfeita tranquilidade de espírito do seu amigo. Porém o sr. Van-Spengel devia estar (e como não?) vivamente impressionado pela leitura que fizera, porque entre as poucas palavras trocadas com o sr. de Ramcy, referiu este as seguintes:

“O *sr. Van-Spengel* – Crê no absurdo, major?”

“O *major conde de Ramcy* – De maneira alguma.

“O *sr. Van-Spengel* – Pois bem, esta noite lhe contarei uma cousa que lhe causará admiração.

³⁰¹ Pierre Alexis, visconde de Ponson du Terrail (Montemaur, 8/7/1829 – Bordéus, 10/1/1871). Romancista francês.

“O *conde de Ramcy* – Por que não agora?

“O *sr. Van-Spengel* – Vou com pressa.

O dr. Croissart refere o depoimento de outras quatro testemunhas, que falaram com o sr. Van-Spengel na *rue* des Grisolles, e todos afirmam a sua perfeita tranquilidade. Nenhuma delas notou nele cousa alguma de estranho, quer nas suas palavras quer no seu aspecto.

Desde a igreja de S. Michel até o encontro da *rue* des Grisolles com a *rue* Roi Lèopold o sr. Van-Spengel foi acompanhado pelo sr. Lebourmant, fabricante de calçado, que recomendava-lhe um seu negócio. Foi este senhor quem primeiro notou uma mudança instantânea e profunda na fisionomia do sr. Chefe de Polícia, depois de ouvi-lo repetir com voz trancada. Ah! meu Deus! Meu Deus!

“O sr. Van-Spengel, saindo da *rue* des Grisolles para entrar na do Roi Lèopold avistara um grande ajuntamento de povo ao lado do palácio do visconde De-Moulmenant, justamente em frente ao portão da casa da marquesa de Rostentain Gournay.

“Porém, refere o sr. Lebourmant que aquela perturbação durou pouco. Eu olhava para ele com surpresa. Não era natural que um homem da sua têmpera se assustasse com o ajuntamento de algumas centenas de pessoas. Suspeitei de algum acontecimento grave de natureza política, e a minha primeira ideia foi a de correr para fechar o meu negócio. Julguei que eram barricadas. O sr. Van-Spengel sacudiu a cabeça diversas vezes, abrindo e fechando os olhos como que para afugentar um mau pensamento; em pouco tempo tornou-se calmo.

– Com licença, disse-me ele, e voltou-se para a direita entrando na *rue* Bissot.

“Segui-o com os olhos. Voltou pouco depois com dous policiais e em companhia deles dirigiu-se para o ajuntamento. Meti-me entre os curiosos. Todos perguntavam o que havia, e ninguém sabia responder.

“Reconhecendo o Chefe de Polícia o povo separou-se para deixá-lo passar. Uma escada de pedreira estava apoiada sobre o terraço central do palacete Rostentain-Gourny; quando o sr. Van-Spengel chegou perto do portão, a pessoa que havia subido, descia, dizendo em voz alta:

– Nada! absolutamente nada! Por Deus! Tem o sono bem duro.

As pessoas vizinhas do sr. Van-Spengel viram-no empalidecer. O encontro do seu escrito com a realidade era tão evidente que mesmo um espírito ainda mais forte do que o seu teria recuado. Forçoso é dizer que o seu caráter devia ser uma têmpera de aço, se ele pôde resistir e dominar até o último momento a sua crescente comoção.

Deixemos a palavra ao dr. Croissart.

“É difícil, escreve o ilustre Médico, adivinhar com precisão o que se passava no espírito do sr. Van-Spengel na presença da terrível confirmação dada pelos fatos, a visão de sonâmbulo. O juiz, o sr. Lamère, apenas chegando ao lugar do ajuntamento notou que a fisionomia do Chefe de Polícia estava muito transtornada. Olhava a roda um pouco espantado, e mordida os lábios secos, mostrando impaciência. Estava de uma palidez mortal, quase cinzenta, e respirava com dificuldade. O sr. Lamère dirigiu-lhe a palavra duas ou três vezes sem conseguir outra resposta além de dous ou três monossílabos.

“Entraram.

“À vista do cadáver ensanguentado do porteiro, o sr. Van-Spengel deixou escapar dos lábios um ‘oh!’ prolongado e passou a mão pela fronte duas ou três vezes. Subindo as escadas, suava; tirou o lenço da algibeira repetidas vezes, para enxugar as mãos e o rosto. Na sala de recepção esteve um minuto firme, imóvel ante o cadáver da jovem *Mlle.* de Rostentain-Gourny, apertando fortemente a cabeça com as duas mãos.

“O sr. Lamère apressou-se em perguntar-lhe se sentia-se incomodado.

– Um pouco, respondeu ele. – E dirigiu-se para a janela que abre sobre a *rue* Roi Lèopold.

“Quando o sr. Juiz convidou-o para assistir as pesquisas, ele respondeu somente: Podem fazê-las! e deixou-se ficar absorto nos seus pensamentos, com a cabeça inclinada, apertando as mãos uma na outra apoiadas ao queixo e aos lábios, com as costas voltadas para a rua.

O dr. Marrol encontrou-o nesta posição. Mas, pouco depois, quando terminou o exame da ferida de *Mlle.* de Rostentain Gourny, viu o sr. Van-Spengel com os cotovelos apoiados sobre a sacada, e a cabeça nas mãos, olhando fixamente para a rua. Conservou-se assim durante três quartos de hora. O Juiz tendo terminado as suas pesquisas, foi ter com o Chefe de Polícia; queria consultá-lo sobre as providências a tomar; ele acreditava que os criados, que pelo menos algum dos criados, tivessem tomado parte naquele crime.

– Parece-me prudente, disse o Juiz, mandar prender imediatamente todos os serventes da Marquesa. As particularidades do crime demonstram como quatro e quatro são oito, que aqui andou a mão de alguém de casa.

Um momento! respondeu o sr. Van-Spengel depois de alguns momentos de reflexão.

Dirigiu-se lentamente para um divã que ficava do lado oposto à janela e sentou-se, tirou então do bolso algumas folhas de papel dobradas e passando diversas pôs-se a ler com muita atenção.

O aspecto do sr. Van-Spengel tinha naquele momento alguma coisa de fantástico.

Os abundantes cabelos grisalhos que cobriam-lhe a cabeça, estavam arrepiados, quase hirtos, como que pelo terror. As cintilações dos vidros de cristal dos seus óculos, todas as vezes que levantava a cabeça como que para respirar, aumentavam a expressão sinistra que espalhava-se pelo seu rosto. As rugas da sua fronte pareciam sob o domínio de uma corrente elétrica interior, e comunicavam a sua assustadora mobilidade a todos os músculos da face. Os seus lábios tinham contorções convulsas, enquanto que os pés calcavam e esfregavam o tapete com força.

– Todos os chefes de polícia são assim? perguntou admirado o sr. Lamère ao dr. Marol.

– Como posso eu saber? respondeu este ainda mais admirado do que o Juiz. Passaram-se dez minutos.

O sr. Van-Spengel dobrou afinal apressadamente o seu manuscrito e foi ter rapidamente com o Juiz e o dr. Marol que estavam encostados à janela.

– Então?

– Não, respondeu o sr. Van-Spengel, iam prender a inocentes! Esperem, e deixem-me fazer o que entender – Maresque, Poisson! exclamou ele em seguida, chamando os dous guardas, que vieram imediatamente. Com sua licença, eu preciso deste lugar, disse ele voltando-se para o Médico e o Juiz. Agora cheguem-se à janela perto de mim um depois do outro, disse ele em seguida aos guardas, falando rapidamente, finjam indiferença. Tomem bem sentido nas minhas indicações. Rapazes! alerta!

E chegou-se à janela com o guarda Maresque.

O sr. Lamère que estava perto ouviu o seguinte diálogo.

“O *sig. Van-Spengel*: – Vês aquele touro, junto à porta de Cadolle, o ourives?

Maresque: – sr. Van-Spengel, aquele que usa roupa cinzenta, e um barrete polaco?

O sr. *Van-Spengel*: – Bravo! exatamente; olhe bem para ele, e fixe bem na memória a sua figura.

Maresque: – Conhecê-lo-ei entre mil, sr. Van-Spengel.

Maresque retirou-se.

– Agora tu Poisson, disse o sr. Van-Spengel, e repetiu o mesmo diálogo com o outro guarda.

Cousa extraordinária. Nesse ponto o sr. Van-Spengel não parecia o mesmo homem de poucos momentos antes.

Estava calmo, e dava as suas ordens com a indiferente facilidade dos homens do seu ofício.

– Vamos! disse ele suspirando. Sairemos pelo beco Mignon, a fim de evitar a curiosidade dos basbaques que estão lá embaixo.

Tu, Maresque, chegarás perto do nosso lourinho sem parecer vê-lo. Estou certo que a cor da tua divisa de policial, far-lhe-á mal aos nervos. Procurará afastar-se e tu o seguirás de perto, porém de modo a não atrair a sua atenção.

Poisson virá comigo.

– Sr. Juiz, disse em seguida voltando-se para o sr. Lemère, e tomando o chapéu, em um quarto de hora um dos assassinos estará aqui. Tenha a paciência de esperar.

– E foi-se, seguido de Poisson.

– Falará sério? perguntou o sr. Lémère dirigindo-se ao Médico.

Enfim!... respondeu o dr. Marol, levantando os ombros.

– Ele falou na casa de Cadolle, continuou o Juiz, não é verdade.

– Cadolle o ourives, ali está ele.

E ambos chegaram à janela entre incrédulos e curiosos³⁰².

A aglomeração do povo não diminuía. Mais de três mil pessoas estavam paradas havia três horas, naquele pequeno espaço da rua, em frente ao palacete Rostentein-Gourny, presas pela curiosidade de conhecer o resultado das indagações da autoridade judiciária; as imaginações exaltadas pelas poucas e contraditórias informações que circulavam. Os cinco minutos que passaram antes que o guarda Maresque saísse do beco Mignon, e se metesse entre o povo, pareceram um século ao Médico e ao Juiz. Maresque parou diversas vezes, e depois dirigiu-se lentamente para a casa Cadolle.

O moço louro, indicado pelo sr. Van-Spengel esteve parado um minuto, e em seguida deu dous passos, depois três, e depois dez em direção ao Largo

302 Fim da segunda parte, assina C.V.

Egmont e desapareceu, sem voltar-se para trás. Maresque desapareceu após ele. O Chefe de Polícia e o outro guarda os seguiam a vinte passos de distância. Pouco antes de chegarem à Praça Egmont, o guarda Poisson separou-se do sr. Van-Spengel, precedendo-o com passo apressado. Então o Juiz e o Doutor não viram mais nada. A sua surpresa era imensa.

O louro, segundo a expressão do sr. Van-Spengel, sentiu um abalo nervoso vendo a farda de Maresque, e tinha-se afastado com uma indiferença capaz de enganar ao homem mais perspicaz. Parece porém que ele não suspeitava ao princípio que era alvo dos olhares de Maresque, mas que afastava-se do guarda por precaução, quase por simples instinto.

Era um moço de trinta anos pouco mais ou menos com longos bigodes tratados com esmero, olhos azuis, límpidos porém inquietos, e com aquela aparência artística tão procurada e desejada pelos pintores; um daqueles seres sociais que nunca se pode saber a que classe pertencem, que mudam de aparência com uma facilidade maravilhosa; às vezes não passam de caracteres híbridos, fracos, falsos, porém inofensivos, assunto para os satíricos e tipos para os comediantes; outras vezes são caracteres malfazejos, mentes pervertidas, corações corrompidos que vivem encostados às galés e à força, onde nem sempre caem; homens hábeis como poucos em tirar proveito das circunstâncias, os quais ordinariamente em certa idade, perdem-se como uma gota de água no oceano do mundo; porém não raras vezes, sobem, sobem, levados pela onda dos acontecimentos, e fazem finalmente esquecer pelo esplendor do acaso as neblinas da sua aurora.

Trajava com a desdenhosa elegância, que vem do hábito de uma vida fácil e desocupada, um vestuário de fantasia, uma mistura de modas diversas; desde o barrete polaco às botinas parisienses, do paletó húngaro às calças inglesas e à gravata americana; mas esta mistura não se tornava ridícula, pelo contrário, harmonizava com a sua figura. Ninguém, ao ver este moço elegante teria descoberto nele um assassino.

Porém, o sr. Van-Spengel não se havia enganado, ele havia lido a segunda parte do seu trabalho de sonâmbulo, e encontrado nos interrogatórios escritos antecipadamente, as mais minuciosas particularidades daquilo que havia de acontecer em seguida; tinha-se posto pois a seguir com afincos o programa do dia, visto que a primeira parte do manuscrito correspondia exatamente com os acontecimentos da casa Rostentein-Gourny.

Voltando-se para a direita do Largo Egmont, o louro descobriu o guarda que ia pelo mesmo caminho, e suspeitou que o seguia. Pôs-se a andar um pouco mais devagar. Perto do beco dos Trois Fous, tentou escapar de

um modo audaz. Parou por um momento em frente a um portão, e depois entrou rápido como um raio. A casa tinha uma outra saída pela *rue de la Reine*.³⁰³ Se ele tivesse conseguido fazer-se perder de vista por vinte segundos estaria salvo. Porém ele devia comportar-se como um homem que não queria dar suspeitas. Não estaria enganado? Aquele guarda naturalmente tinha que fazer nessa rua, e talvez nem se lembrasse dele. Maresque apareceu imediatamente, seguindo-o.

O louro então compreendeu; era preciso desaparecer sem deixar vestígios.

Aproveitando de alguns carros que estavam parados na *rue de la Reine* perto do Restaurant des Artistes, enfiou-se com destreza entre eles, e voltando para trás, enquanto Maresque ainda o procurava com os olhos entre o povo, e entrou à direita, em um beco estreito, torto, sujo, uma dessas estranhas anomalias que frequentemente se encontram no centro das grandes cidades.

O louro enganava-se no seu cálculo.

O sr. Van-Spengel o havia visto de longe.

O louro entrou rápido em uma pequena porta, escondendo-se entre os tabuleiros cheios de frutas e hortaliças de um hortelão, e os trapos de um judeu, negociantes de roupas usadas, que estavam dependurados à porta.

Poisson chegou à mesma porta em dous saltos. Maresque que viu Poisson correr para aquele lugar, surgiu ao lado de seu colega como por encanto. O Chefe de Polícia juntou-se a eles depois de dous minutos. Lançou um olhar para a espelunca, e, sem dizer palavra começa a subir a escada que achava-se logo perto da porta.

Encontraram um vestíbulo largo e comprido, uma espécie de corredor; o assoalho que era de tijolos estava em ruínas; por toda a parte via[m]-se buracos; um lugar frio, escuro, de aparência sinistra. Seis portas, marcadas com grandes números de tinta encarnada, indicavam seis quartos, talvez seis famílias, ou pelo menos seis inquilinos; porém o silêncio perfeito que aí reinava fazia supor que nessa casa não morava pessoa alguma.

O sr. Van-Spengel chegou-se à porta n. 5 e bateu três vezes de modo a ser ouvido.

– Quem está aí? perguntou uma bela e sonora voz de homem.

– A lei! respondeu o sr. Van-Spengel.

A porta abriu-se imediatamente.

Apareceu à entrada um homem vestido de um roupão, esse homem parecia ter quarenta anos pouco mais ou menos, rosto completamente

303 Uma homenagem à rainha Louise Marie d'Orleans (Palermo, 3/4/1812 – Ostende 11/10/1850).

barbeado, cabelos pretos e muito longos, óculos sobre o nariz e um livro na mão. O roupão não era nem novo, nem muito decente; descobria-se facilmente aqui e acolá algum rasgão.

– Incomodo-o? perguntou o sr. Van-Spengel com imperceptível ironia.

– Mas, de modo algum, respondeu o homem inclinando-se. A lei é a melhor criatura deste mundo. Às suas ordens, senhor.

Os guardas trocaram olhares interrogativos, e responderam-se mutuamente levantando os ombros.

– Meu caro dr. Bassottin, disse o sr. Van-Spengel fixando naquele homem os seus olhos chamejantes. Meu caro dr. Bassottin, ou por outro Colichart, ou se lhe agrada mais, sr. Anatolio Pardin, escolha!... (o homem ao ouvir pronunciar aqueles três nomes diferentes, fez três movimentos bruscos de surpresa). Está provado que a noite passada o senhor, com os seus companheiros Broche, Vilain, Chasseloup, Callotte e Paulain, com o auxílio de dous instrumentos ingleses mandados fabricar pelo senhor em Londres no mês de outubro passado, pelo ferreiro Tom Black, penetrastes às duas horas e um quarto desta madrugada em casa da senhora marquesa de Rostentein-Gourny, na rua Roi Lèopold n. 157.

O homem a quem eram dirigidas estas palavras, olhava atrevidamente para o Chefe de Polícia, contentando-se em fazer um sinal negativo com a cabeça.

O senhor foi o último que subiu, continuou o sr. Van-Spengel, fechando a porta com o mesmo instrumento com o qual a havia aberto, e apenas na rua, foi ter com os seus companheiros, e então começastes todos a cantar e a rir, a fim de não causardes suspeitas; depois todos espalharam-se em diversas direções, para reunirem-se daí a uma hora neste lugar, para dividir o produto do roubo.

– Mas senhor, interrompeu o outro com voz calma e insinuante, (quase sorria); aqui deve haver um engano. Eu sou realmente o dr. Bassottin, em carne e osso, médico cirurgião de Bruges. O senhor vem encontrar-me entre os meus livros de ciência e os meus instrumentos. Eu não estava preparado para esta visita. Creia!... aqui há um engano!...

– Vamos é inútil continuar a comédia, respondeu o sr. Van-Spengel. Dous dos seus companheiros já caíram nas mãos da justiça, e confessaram tudo.

– Qual é pois, senhor, a sua intenção? perguntou o suposto Doutor no mesmo tom de voz, calmo, benévolo, cheio de indulgência.

– Sr. Anatolio, replicou o Chefe de Polícia, chegando-se lhe ao ouvido. Eu sei de uma cousa que os seus cúmplices ignoram. Sei onde o senhor escondeu aquele diadema de brilhantes que a sua habilidade de pelotiqueiro, fez desaparecer de repente sem que eles o vissem.

Aquele homem empalideceu, deu dous saltos para trás assustado, exclamando:

– O senhor é o diabo!

E deixou-se ficar encostado à parede, tremendo como uma folha. Parecia que estava prestes a desmaiar. O sr. Van-Spengel fez sinal aos seus homens para que entrassem.

– Dispam-lhe aquele roupão!

Anatolio Pardin não resistiu.

– Arranquem-lhe aquela cabeleira.

Pardin parecia petrificado. Como haviam reaparecido as roupas, apareceram também os cabelos louros do jovem tratante. Os dous guardas estavam tão surpreendidos que faziam o seu dever como que sonhando.

– Se quer tornar a colocar os seus bigodes, disse o sr. Van-Spengel com toda a seriedade, não faça cerimônia, não se incomode por minha causa.

Pardin que parecia sob a influência de uma força magnética poderosíssima, tirou maquinalmente do bolso os bigodes postiços, e colocou-os no rosto como os havia trazido na rua.

– E agora ponham-lhe as algemas, ordenou o sr. Van-Spengel virando-lhes as costas.

Pardin hesitou alguns momentos antes de estender as mãos, o que não impediu a Maresque de prendê-las nas suas enquanto Poisson aplicava o pequeno instrumento de aço ao pulso do prisioneiro.

O sr. Van-Spengel bateu resolutamente em diversos pontos do assoalho do pavimento e levantou um dos ladrilhos com a ponta da bengala. Apareceu uma cavidade redonda. Poisson tirou dela algumas caixas, e dous embrulhos que colocou sobre a mesa. O sr. Van-Spengel abriu uma por uma as caixas, observando os objetos de ouro e as pedras preciosas que continham fechando-as em seguida cuidadosamente. Nos dous embrulhos havia um serviço de talheres de prata.

– Vamos! disse ele com voz brusca e severa, passando as mãos diversas vezes pela frente.

O primeiro carro que por ali passou foi tomado, e nele subiram todos os quatro, Maresque levava em um lenço os objetos encontrados. Durante o trajeto pela *rue* de la Reine, seguiam-nos muita gente. Ao chegarem diante do portão do palacete Rostentein-Gourny o ajuntamento do povo era enorme.



Enquanto o sr. Van-Spengel ocupava-se em aprisionar um dos assassinos, como acabamos de narrar[,] o sr. juiz Lamère e o dr. Marol haviam observado ainda uma vez e mais minuciosamente os ferimentos das vítimas deste sanguinolento drama, perdendo-se em um labirinto de suposições procurando explicar o modo pelo qual se dera este acontecimento.

Um pequeno episódio os comoveu até às lágrimas. Achavam-se então no quarto da jovem *Mlle.* de Rostentein, e desejavam saber a razão pela qual a haviam encontrado assassinada na grande sala de recepção e não nos seus aposentos. A moça ainda estava acordada às duas e meia horas da madrugada. O que estaria ela fazendo? Escrevia.

O dr. Marol foi o primeiro que descobriu uma carta por terminar sobre a escrivanhina; não ousou lê-la. A delicadeza dos seus sentimentos impedia-lhe de violar os segredos dos mortos; e demais o segredo de uma menina!

O juiz Lamère em vez tratou aquela carta como um documento para o processo futuro, e leu-a.

Ei-la pois, tal qual como foi publicada pouco tempo depois pelos jornais belgas e franceses daquele ano:

“Minha querida,

“Sou feliz! Preciso dizer-te desde já estas palavras: tu as compreenderás melhor quando tiveres lido esta carta até a última linha. Sou feliz! Se tivesse conservado estas palavras por mais tempo no coração, podiam fazê-lo estalar. Oh! agora poderei morrer! Hoje sou feliz! Demasiado feliz!

“Imagina! Sentei-me às onze e meia horas à escrivanhina para escrever-te esta carta: já é uma hora depois da meia-noite, e tenho-a apenas começada! Mas nestas duas horas e meia não fiz outra cousa senão falar contigo em voz alta, como se estivesses a meu lado, e tenho-te repetido mais de uma vez aquilo que devia escrever-te... Loucura! Minha querida!

“A culpa não é minha. A pena não corresponde com a presteza que eu desejava, aos voos do pensamento, aos ímpetos da alma. Por que não podem as pessoas que se querem entender-se de longe, nem escrever nem falar? Estou tardando em prosseguir, e tenho tantas cousas para dizer-te. Vamos, sejamos sérias! Escuta!

“Ele me ama!

“Disse-mo esta manhã, no salãozinho, onde nos achamos por dous curtos minutos a sós. Eu tremia como uma criança ao ouvi-lo falar. Ele... tremia mais do que eu. Não me lembro das primeiras palavras. Compreendi-as sem tê-las

ouvido distintamente. Respondi-lhe, meu Deus! como se estivesse sonhando! Não esperava tal declaração naquele momento! Oh! foi delicado, modesto, de um cavalheirismo sem igual! Parecia pedir-me perdão por ter-me tornado tão feliz!

“Desci logo para o jardim. Não podia conter-me. A emoção que dominava tornava-me quase louca.

“Ali tudo sorria; o ar estava impregnado de harmonias e perfumes. As flores saudavam-me curvando a cabecinha sobre a haste, com uma graça indizível; as cascatinhas murmuravam alegremente com as suas águas cristalinas cousinhas maliciosas que faziam-me ter os estremecimentos de uma alegria até então desconhecida para mim.

“Eu corria pelas alamedas, parava, cheirava e acariciava as flores; agitava com as mãos quase convulsas as águas do lago.

“Parece impossível que uma só palavra nos possa transformar assim. Queria ficar séria e não podia. Parecia-me que profanava o divino sentimento do amor, manifestando o meu júbilo daquele modo; despeitava-me... e tornava a fazer ainda maiores loucuras. O mais leve rumor fazia-me correr de novo, saltar e acariciar ainda uma vez as minhas flores... Coitadinhas! Com as minhas carícias eu as maltratava, machucava-lhes as pétalas, e as corolas; às vezes esfolhava-as... Ai! os felizes são cruéis!

“Ele me ama! Era preciso que ele mo dissesse? Não, oh! não!... Mas eu não vivia tranqüila; duvidava sempre, torturava-me essa incerteza; enquanto que agora!...”

O sr. Lamère e o dr. Marol tinham os olhos cheios de lágrimas. A mão que havia traçado aquelas poucas linhas através das quais se sentia palpitar um coração tão cheio de amor e esperanças, estava gelada pela morte!

O sr. Lamère colocou a carta sobre a escrivaninha no lugar onde a encontrara, e juntamente com o dr. Marol foi contemplar o cadáver da infeliz menina.

A jovem tinha morrido em uma posição de terror, como que se tivesse visto brilhar, antes de senti-lo penetrar no coração, o punhal que devia arrancar-lhe a vida que lhe era agora tão bela! Porém as formas graciosas e perfeitas do seu corpo delicado, davam-lhe mais que outra cousa a aparência de uma daquelas estátuas em que o arrojo dos artistas procura quase rivalizar com a realidade. A palidez da morte comunicava a sua pele com o brilho do mármore...

O sr. Juiz e o dr. Marol olharam-se surpreendidos quando viram entrar o sr. Van-Spengel seguido do jovem louro prisioneiro e dos dous guardas. O sr. Van-Spengel parecia acometido de um terrível acesso nervoso; metia medo.

– Escrivão, disse o sr. Lamère, parece a hora de começarmos o interrogatório.

O sr. Van-Spengel adiantou-se cambaleando com um sorriso de doudo nos lábios.

– Pode poupar-se desse incômodo, balbuciou. O interrogatório, eu o escrevi na noite passada... dormindo!

E apresentou o manuscrito ao Juiz que deixou-o cair das mãos.

O sr. Van-Spengel deu uma horrível gargalhada nervosa. Estava louco!

C.



ABRIL DE 1879

CRISTIANO ANDERSEN E AS SUAS OBRAS

Para muitos é o nome deste distinto poeta e romancista dinamarquês completamente desconhecido, mas temos a certeza que granjeará a simpatia dos nossos leitores logo que o tenhamos apresentado.

João Cristiano Andersen nasceu em Odense, na Fiônia em 1805. A sua família, que havia sido rica, caíra em tal estado, que o pai de Cristiano para ganhar a vida exercitava o humilde ofício de sapateiro, e nem parece que procurasse de qualquer modo remediar a sua mesquinha condição. Não obstante a pobreza quis casar-se, e, com toda a imprevidência do amor, escolheu uma moça tão pobre como ele.

A miséria da futura família chegava a ponto de não terem com que cobrir um leito. Por boa sorte morreu naqueles dias um nobre de Odense; fizeram-lhe uma rica essa; terminada a cerimônia fúnebre, os herdeiros venderam os panos pretos que haviam servido nessa ocasião, e, certamente por preço muito pequeno, pois que o sapateiro comprou parte deles, e o poeta veio ao mundo no meio daqueles lúgubres cobertores.

Ele nunca esqueceu os negros paramentos ainda manchados dos pingos de cera, junto aos quais brincava criança. Quem sabe dizer a influência que este aspecto melancólico não exerceu na sua jovem imaginação?

Apesar dos esforços do pobre pai, era um dia de festa quando não faltava o pão quotidiano à família, e se de tempos a tempos algum acaso favorável e inesperado permitia que um pouco de alegria entrasse na pobre casa. Logo que as suas mãozinhas tornaram-se capazes de prestar algum serviço, Cristiano foi mandado para a fábrica, e aí trabalhava todo o dia; à noite ia à escola para aprender aquilo que todos aprendem na Dinamarca: ler, escrever e contar.

Dar a seu filho maior instrução do que esta, era, como se vê, impossível ao humilde pai de família.

É esta, sobretudo, a grande desgraça dos pobres! A praga da nossa sociedade!

Parece que Cristiano compreendeu bem depressa que só de si dependia para tirar-se da miséria em que vivia; tomou, pois, a resolução de criar para si um futuro melhor e mais elevado. Um vizinho de seu pai, possuidor de alguns livros, consentiu em emprestá-los ao estudioso menino, que os leu com avidez, procurando animação e exemplo nos grandes homens, cuja vida estudava: sonhos dourados de esperanças, que todos nós conhecemos, embora não tenhamos tido a coragem e a tenacidade de Andersen para realizá-los. Para cúmulo de infelicidade perdeu o pai aos doze anos; esta terrível desgraça não fez senão robustecer a energia das suas secretas resoluções, e, mais do que nunca, procurou os meios de ganhar a vida seguindo um outro caminho.

A natureza lhe havia dado uma belíssima voz, e o rapaz, que não deixava de ter muita confiança em si, alegrava-se e ensoberbecia-se com a atenção que prestavam às suas canções; pareceu-lhe encontrar nelas um elemento de fortuna mais seguro do que qualquer outro, porque os dinamarqueses são loucos pela música e a cultivam com paixão. Recitava de cor alguns fragmentos de comédias, e, vendo que um ingênuo auditório aplaudia com entusiasmo aos seus ensaios de declamação e mímica dramática, veio-lhe a ideia de fazer-se ator. Sabia ele que Shakespeare e Molière haviam estreado daquele modo? É pouco provável que se tivesse lembrado de tal. Comunicou os seus projetos a sua mãe; a boa mulher scandalizou-se deveras e por longo tempo lamentou-se; opôs-se, o quanto pôde, a um projeto, no qual não entrevia senão desilusão e infelicidade.

Andersen persistiu na sua resolução, e pôs-se a ajuntar um pequeno pecúlio de viagem, *shilling* por *shilling*, e à força de privações conseguiu reunir cerca de trinta e três francos.

Esta soma pareceu-lhe suficiente, e acreditou que a parte mais difícil do seu projeto estava resolvida. Mas a mãe, desconsolada, resistia sempre;

antes de dar o seu consentimento para essa empresa temerária, quis consultar uma velha que predizia o futuro.

A feiticeira era muito malvista em Odense, mas os dinamarqueses acreditam firmemente nas adivinhações e no destino; as suas sombrias florestas, as suas grandes massas de águas e o próprio lar, são povoados de seres misteriosos; não há bosque, não há lago não há rochedo que não tenha uma legenda. Não houve, pois, meio para Andersen de evitar a feiticeira, de cujos lábios pendia na realidade o seu destino. Ela veio; foi recebida com todo o respeito possível; ofereceram-lhe a melhor cadeira, e dignou-se aceitar uma xícara de café; enfim, disseram-lhe o que esperavam da sua formidável ciência.

Andersen estava pálido e trêmulo.

A velha pôs os óculos sobre o nariz, tomou a mão esquerda do rapaz, examinou-a, estudou-a, e pareceu absorta em profunda meditação; depois, levantando a voz, disse com acento solene: “Um dia, Odense fará uma grande iluminação em honra de Andersen.”

Se a anedota não tivesse sido referida pelo próprio Andersen, quem não a acreditaria inventada depois de dado o fato? já que é um fato o de Odense ter-se iluminado para festejar o rapaz que se tornara poeta célebre.

Como bem se pode imaginar, a sua mãe, depois de ter ouvido a voz do destino, não se opôs mais à partida de seu filho; deu-lhe os seus conselhos, a sua bênção, e ele dirigiu-se para Copenhagen, convencido que encaminhava-se para a fortuna e a glória.

“Eu saudei, escreveu mais tarde Andersen, os férteis prados sobre os quais corria o meu olhar, e o mar que se estendia em frente a mim. Mas, quando cheguei além de segundo Belt³⁰⁴ atirei-me de joelhos na sua margem, e, prorrompendo em soluços, roguei a Deus que me não abandonasse.”

Fez a sua entrada em Copenhagen com seus trinta e três francos, e aí, não conhecendo o valor do dinheiro, fez despesas, que são bem perdoáveis em um rapaz da sua idade. Tendo entrado em uma hospedaria e, persuadido de que o seu tesouro bastava para satisfazer a todos os seus caprichos, tratou-se como um fidalgo, o que quer dizer que daí a poucas horas tinha gasto quase todo o seu dinheiro.

Na sua ingênua e imperturbável confiança em si mesmo (o que sempre foi um traço dominante do seu caráter) foi oferecer os seus serviços ao diretor do teatro. Este o recebeu, segundo o modo tradicional perpetuado

304. Grande Belt: estreito entre as ilhas de Zelândia e Funen, na Dinamarca.

até os nossos dias; não quis fiar-se nos pequenos talentos de Andersen, e contentou-se em responder-lhe que “era muito magro”.

Tendo-lhe dado esta boa razão, voltou-lhe as costas, e o nosso pobre rapaz foi meditar, passeando no porto, sobre os meios práticos de ganhar a vida. Mas a meditação não podia ser longa, porque a fome principiava a fazer-se sentir. Empregou-se como aprendiz de um alfaiate; oh! valia bem a pena abandonar o teto materno para obter este belo resultado! E era assim que se realizavam as alegres predições da feiticeira.

Quis tomar resolutamente a agulha, pois sentia a imperiosa necessidade de assim proceder, mas foi-lhe impossível renunciar às suas esperanças, aos seus sonhos; e restituiu a agulha ao seu patrão, para vagar pelas ruas da cidade, sem saber o que procurava, no meio de uma multidão, na qual não tinha nem um amigo, nem um conhecido.

Veio-lhe de novo a ideia de tirar da sua voz o meio de ganhar a vida. Achava-se então em Copenhague um célebre professor de música, chamado Siboni;³⁰⁵ o audacioso rapaz foi, sem hesitar, bater a sua porta. Veio abri-la uma criada, e o rapaz pôs-se a contar-lhe que possuía uma voz muito apreciada em Odense, e que contava com este dom do Céu para viver feliz sobre a Terra. A rapariga foi logo referir o caso ao patrão, fazendo sem dúvida sobressair o lado um pouco burlesco da aventura.

Siboni tinha naquele dia diversos convidados, entre os quais os poetas Baggesen³⁰⁶ e o mestre de música Weyse,³⁰⁷ em quem a história da criada provocou o bom humor. Mandaram entrar Andersen e receberam-no com benevolência; Siboni fê-lo cantar, prometeu-lhe lições de música, e deu-lhe a esperança de obter a sua entrada para o teatro. Mas como viver até esse dia? A honesta resolução do pobre rapaz havia cativado a simpatia de Weyse; pediu para ele o auxílio de seus amigos, e, tendo obtido deles setenta escudos, exortou Andersen para que procurasse viver modestamente, e que estudasse solfejo. O rapaz parece que seguiu os conselhos de seu protetor demasiado bem, pois que uma manhã acordou sem voz.

Aconselharam-no então que voltasse a Odense, e recomeçasse a sua vida tranquila do ponto em que havia deixado; mas ele recusou-se a isso obstinadamente. Não podendo cantar entrou para uma aula de dança, e,

305 Giuseppe Siboni (Forlì, 27/1/1780 – Copenhague, 28/3/1839). Tenor, maestro e professor italiano de canto.

306 Jens Immanuel Baggesen (Korsør, 15/2/1764 – Hamburgo, 3/10/1826). Poeta dinamarquês.

307 Christopher Ernst Friedrich Weyse (Altona, 5/3/1774 – Copenhague, 8/10/1842). Compositor e organista dinamarquês, fundador do Conservatório de Música de Copenhague.

depois de algumas lições, teve a honra de figurar em segunda linha em alguns bailados do teatro. Ganhava deste modo seis francos por mês; o inverno era rejíssimo, um inverno de Copenhague! e ele ia para o teatro vestindo umas miseráveis calças de brim, confiando que recuperaria o seu tesouro perdido, a sua voz.

Quando voltava a casa atirava-se sobre a sua pobre enxerga, e, embrulhando-se na coberta para encontrar um pouco de força e calor, estudava algum papel de um drama, querendo, custasse o que custasse, de um modo ou de outro, seguir a carreira teatral. “Naquele tempo, diz Andersen, eu tinha ainda todo o candor, toda a ignorância, todas as ingênuas superstições de um menino. Tinha ouvido dizer que aquilo que se fazia no primeiro dia do ano, fazia-se durante todo o resto dele. Pensei que se eu pudesse entrar no dia 1º de janeiro no teatro seria um bom preságio. Naquele dia, enquanto que os carros estavam em movimento pela cidade, enquanto que os amigos e parentes trocavam visitas e palavras de amizade, eu entrei por uma porta secreta até aos bastidores e de lá até ao palco cênico. Mas então a consciência da minha miséria assaltou-me com tal força que, em vez de pronunciar o discurso que havia preparado, caí de joelhos e recitei o *Padre-Nosso*.

Pobre rapaz! Mas devia bem proximamente sair da sua estrada de amargura, e ver despontar a aurora da glória, que Vauvenargues³⁰⁸ achava tão doce.

O velho poeta Guldberg³⁰⁹ adivinhara que alguma centelha confusa, mas sólida e esplêndida, agitava-se na alma de Andersen, e pareceu-lhe justiça e honra auxiliar aquele talento prometedor. Guldberg pôs à disposição do jovem a sua casa e a sua bolsa; deu-lhe conselhos, emprestou-lhe livros e animava-o a escrever. Andersen não possuía senão uma instrução elementar; como tantos outros, acreditava – para mais tarde desiludir-se – que aquela espécie de audácia, batizada pelos idiotas de “gênio”, bastava para tentar qualquer empresa; escreveu, pois, uma tragédia; é a regra e medida ordinariamente seguidas pelas loucas vaidades. Guldberg achou-a detestável. Oito dias depois Andersen havia escrito outra e mandava-a ao diretor do teatro. O suplício da expectativa não foi longo; o autor adolescente recebeu em breve uma resposta; o diretor do teatro convidava-o a ir

308 Luc de Clapiers, marquês de Vauvenargues (Aix-en-Provence, 6/8/1715 – Paris, 28/5/1747). Moralista e ensaísta francês.

309 Frederick Hoegh-Guldberg (Copenhague, 26/3/1771 – 21/8/1852). Poeta e filólogo dinamarquês.

procurá-lo. O jovem foi bem recebido, e o sr. Collin³¹⁰ – é justo que lembremos o nome deste diretor, – depois de ter-lhe dito que a tragédia não podia ser representada, ajuntou porém que ela revelava tanto talento que ele se havia animado a pedir para o seu autor um lugar gratuito no liceu de uma pequena cidade, e que esse lugar lhe fora concedido.

Andersen aceitou o benefício com a maior gratidão e dirigiu-se sem demora para o liceu designado. Aí levou uma vida penosa e triste; aos dezanove anos via-se obrigado a tomar lugar nos bancos da escola ao lado de crianças que zombavam da sua ignorância; acresce que o reitor, homem indigno, em cuja escola era o único que não pagava, exprobrava-lhe a sua pobreza. A existência que levava no liceu era tão infeliz que muitas vezes chorou pelos tempos em que, ganhando seis francos por mês, tremia de frio debaixo das suas calças de brim.

Este estado de humilhações e de sofrimento não era o mais apto para excitar a emulação e infundir coragem; porém Andersen trabalhou com assiduidade para passar os exames que deviam abrir-lhe as portas da Universidade de Copenhague.³¹¹ Fez os seus exames, e teve excelentes classificações. Entrou, pois, para a Universidade,³¹² precedido de uma reputaçãozinha, por ter publicado algumas poesias que lhe haviam obtido o acesso em diversas casas respeitáveis. Os escritores dinamarqueses tomaram-no sob a sua proteção, e, tendo concluído os seus estudos, obteve da munificência do rei os meios para viajar; daquele dia em diante entrou na verdadeira carreira literária. A pobre crisálide fizera-se borboleta de vivas cores.

“Visitei, de 1833 a 1834, disse Andersen a Marmier,³¹³ a Alemanha, Suíça, França e Itália, estudando a língua, os costumes, a poesia dos lugares por onde passava. Eis-me agora cidadão de Copenhague: não tenho emprego nem pensão; escrevo em uma língua pouco conhecida para um público pouco numeroso, mas os romances que eu escrevo, cedo ou tarde, vendem-se, e o livreiro Reitzel³¹⁴ paga-me pontualmente. Frequentemente, quando vejo as

³¹⁰ Jonas Collin (Copenhague, 6/1/1776 – 28/8/1861). Jurista dinamarquês e *Geheimrat*. Grande patrono das artes durante o Século de Ouro Dinamarquês. Chegou a ser diretor do Teatro Real de Copenhague.

³¹¹ Fundada em 1479.

³¹² Ingressou nessa universidade em 1828.

³¹³ Xavier Marmier (Pontarlier, 22/6/1808 – Paris, 11/10/1892). Escritor, tradutor de obras literárias e viajante francês. Informação extraída do livro *Contes d'Andersen*, traduzido por Marmier (1876).

³¹⁴ Carl Andreas Reitzel, mais conhecido como C. A. Reitzel (Copenhague, 4/10/1789 – 7/6/1853). Livreiro e editor dinamarquês. Dono da editora e livraria C. A. Reitzel, inaugurada em 1819, em Copenhague. Prestou serviços para os principais autores do Século de Ouro Dinamarquês.

belas cortinas que guarnecem a minha sala de Nyhavn,³¹⁵ e os livros que me cercam, acredito-me mais rico do que um príncipe, e abençoo a Providência pela sua divina bondade e pela sorte que reservou-me.”

Em 1828 Andersen publicou uma *Viagem a pé do canal de Holm à ponta oriental de Amager*; em 1830 uma primeira coleção de poesias, à qual se seguiu rapidamente uma segunda (*Fantasia e esboços*). Na primeira viagem à Alemanha, em 1831, granjeou a amizade de Tieck³¹⁶ e Chamisso,³¹⁷ chefes da crítica dramática.

De 1833 a 1834 percorreu, como dissemos, a Suíça, a França, e a Itália, onde concluiu o seu *Improvvisatore*,³¹⁸ vivo e brilhante quadro da vida artística em Roma; naquele mesmo tempo publicou uma novela *Ignezio o marinheiro*;³¹⁹ depois vieram as suas *Aventuras, contadas aos meninos*;³²⁰ *O. T.*,³²¹ exata e curiosíssima narração dos costumes dinamarqueses; *Uma simples rabeca*,³²² romance; *O livro de imagens, sem imagens*.³²³ Em 1842, depois da sua viagem ao Oriente, publicou o *Bazar de um poeta*;³²⁴ em 1846 visitou de novo Roma, Nápoles e os Pirineus, e terminou a sua autobiografia, sob o título de *Contos da minha vida*.³²⁵

Andersen também escreveu para o teatro, e um de seus dramas *O mulato*,³²⁶ teve um êxito surpreendente.

Andersen era de estatura média; no seu espírito encontravam-se de um modo singular a sagacidade, a confiança e a ingenuidade.

Procurava e gostava de cercar-se de um auditório de crianças, a quem contava as mais maravilhosas histórias; professava grande respeito para

315 Denominação de uma popular região da cidade de Copenhague, construída em torno do canal homônimo, que se estende do Öresund ao Parque Kongens Nytorv.

316 Johann Ludwig Tieck (Berlim, 31/5/1773 – 28/4/1853). Poeta alemão.

317 Louis Charles Adélaïde de Chamisso de Boncourt, conhecido como Adelbert von Chamisso (Castelo de Boncourt, Champagne, 30/1/1781 – Berlim, 21/8/1838). Botânico e poeta do romantismo alemão.

318 *Improvvisatore: or, life in Italy*. Publicado em 1835.

319 Segundo informação de Ana Maria Martins da Costa Santos Langkilde, diretora cultural e responsável pelo acervo do Instituto Hans Christian Andersen, não há nenhuma obra publicada com esse nome.

320 Publicado em 1835 [?].

321 *O.T.: a Danish*. Romance publicado em 1836.

322 Publicado em 1837.

323 Publicado em 1840.

324 Publicado em 1842.

325 Publicado em 1849.

326 Representado em 3 de fevereiro de 1840.

com os seus jovens apreciadores, e as composições que lhes dedicava eram trabalhadas com esmero; mas quando falava exigia que as róseas boquinhass se calassem. Os seus contos infantis são escritos com espírito e simplicidade, com uma ligeira cor fantástica e melancólica.

Para apreciar todo o encanto das poesias de Andersen, é preciso ser dinamarquês das regiões dos grandes bosques de sombrias profundezas. É toda a fantasmagoria alemã que passa através das paisagens descritas com rara exatidão. A musa do poeta tem acentos cheios de ternura e de sentimento religioso; ama a natureza, os vastos horizontes, as noites cheias de melancolia, as flores, os pássaros; mas, sobretudo, delicia-se com as crianças.



Para dar uma ideia do talento deste escritor, publicaremos no próximo número uma daquelas suas historietas, com as quais atraiu a si mais de uma loura cabecinha.

C. V.



MAIO, JUNHO E JULHO DE 1879

A SEREIA CONTO DE ANDERSEN

Lá muito longe, no mar, a água é azul como o anil, pura como o cristal, mas tão profundo que seria inútil atirar ali a âncora, e seria preciso ajuntar um número infinito de torres de igreja, umas por cima das outras, para medir a distância que vai do fundo à superfície.

É aí que vive o povo do mar. Mas não vão crer agora que o fundo do mar compõe-se tão somente de areia branca, não; aí crescem plantas e árvores estranhas, e tão flexíveis que o menor movimento da água agita-as como se estivessem vivas. Todos os peixes, grandes e pequenos, atravessam por entre os galhos dessas árvores, como os pássaros no ar.

No lugar, o mais profundo do mar, acha-se o castelo do rei do mar; as janelas de belo âmbar amarelo e os telhados de conchas, que abrem-se para receber a água ou rejeitá-la. Cada uma dessas conchas tem no seio pérolas brilhantes, a menor das quais faria honra a uma coroa de rainha.

Havia já alguns anos que o rei do mar era viúvo, e a sua velha mãe dirigia a casa. Era uma mulher de espírito, mas tão orgulhosa de sua posição, que trazia doze ostras na cauda, enquanto que as outras pessoas só traziam seis. Merecia, no entanto, elogios pelos cuidados que dispensava às suas seis

netas, todas princesas encantadoras. A mais moça, porém, era ainda mais linda do que as outras; tinha a pele fina e diáfana como uma folha de rosas, os olhos azuis como um lago profundo; mas não tinha pés, assim como suas irmãs, o seu corpo terminava por uma cauda de peixe.

Todo o dia as crianças brincavam nas grandes salas do castelo, onde as flores vivas do mar cresciam. Quando se abriam as janelas de âmbar, os peixes entravam por elas como as andorinhas nas nossas casas, e deixavam-se afagar pelas princesas. O solo compunha-se de uma areia branca e fina, e um clarão maravilhoso que espalhava-se por toda a parte, teria feito acreditar que se estava no ar, no meio do azul do céu, em vez de se estar na profundidade do mar. Nos dias de calma podia-se avistar o sol através da água, semelhante a uma pequena flor de púrpura, espalhando a luz do seu cálix.

Cada uma das princesas tinha no jardim o seu pequeno terreno que podia cultivar a seu gosto. Uma dava ao seu jardim a forma de uma baleia, outra a de uma sereia, a mais moça porém deu ao seu uma forma redonda como a do sol, e só plantou flores vermelhas como ele. Era uma criança esquisita, silenciosa e refletida.

Quando as suas irmãs brincavam com objetos provenientes de navios naufragados, ela divertia-se em ornar uma estatueta de mármore branco, representando um encantador menino, colocado debaixo de um magnífico chorão cor-de-rosa. O seu maior prazer era ouvir contar a história a respeito do mundo onde vivem os homens. Sempre pedia à sua avó que lhe falasse dos navios, das cidades, dos homens, dos animais.

— Quando tiveres quinze anos, dizia a avó, eu te darei licença para subires à superfície do mar, e sentar-te ao luar, sobre as gráveas, e veres passar os navios e conheceres as florestas e as cidades.

No ano seguinte, a mais velha das irmãs completava quinze anos, e como só havia um ano de diferença entre as idades das irmãs, a mais moça devia esperar ainda cinco anos para sair do fundo do mar. Mas umas prometiam sempre às outras de contarem-lhes as maravilhas que vissem à primeira saída, pois que a avó nunca podia contar-lhes bastantes cousas, e havia tanta coisa que desejavam saber!

A mais curiosa era a mais moça; frequentemente à noite punha-se ela junto à janela aberta, procurando romper com o olhar a densidade da água do mar, onde nadavam os peixes aos milhares.

Ela viu, com efeito, a lua e as estrelas, mas todas pálidas e consideravelmente aumentadas pela água.

Quando alguma nuvem negra as cobria, ela sabia que era uma baleia ou um navio cheio de homens que passava.

Com certeza esses homens não pensavam que uma sereiazinha estendia as suas mãos para a querena.

Chegou o dia quando a princesa mais velha completou os quinze anos, e subiu, pois, à superfície do mar.

Na sua volta tinha mil cousas para contar.

– Oh! dizia ela, é delicioso ver, estendida ao luar, sobre uma larga praia, junto ao mar calmo, a grande cidade onde brilham as luzes como centenas de estrelas, ouvir a música harmoniosa, o som dos sinos, e todo esse ruído que acompanha a existência dos homens.

No ano seguinte, a segunda irmã fez a sua viagem; chegou à superfície do mar quando o sol tocava ao extremo do horizonte, e o esplendor deste espetáculo a encantou.

– Todo o céu, dizia ela, narrando as suas impressões, parecia de ouro, e a beleza das nuvens era acima de tudo que se pode imaginar. Passavam ante os meus olhos vermelhas e roxas, e entre elas, voava em direção ao sol como um longo véu branco, um bando de cisnes selvagens. Eu também quis nadar para o grande astro, mas repentinamente ele desapareceu, e a luz rosada que coloria o mar assim como as nuvens apagou-se.

Chegou também a vez da terceira. Era a mais corajosa; subiu o curso de um largo rio. Viu colinas admiráveis, todas cobertas de vinhas, castelos, herdades, e florestas soberbas. Ouviu o canto dos pássaros, e o ardor do sol forçou-a diversas vezes a mergulhar a cabeça no rio, a fim de refrescar as suas faces. Em uma baía encontrou diversos entezinhos humanos que brincavam, banhando-se. Quis brincar com eles, mas fugiram, todos assustados, e um animal preto (era um cão), pôs-se a ladrar tão terrivelmente contra ela, que por sua vez assustando-se, apressou-se em ganhar o mar alto.

Mas nunca pôde esquecer as florestas, as colinas, e as lindas crianças, que sabiam nadar, embora não tivessem uma cauda de peixe.

A quarta irmã era mais tímida; preferiu ficar no meio das ondas selvagens, onde o céu estendia-se sobre a água como uma enorme cúpula de cristal azul.

Viu de longe os navios dos homens, os delfins alegres, divertindo-se entre si, as baleias colossais atirando repuxos de água pelas narinas.

Chegou a vez da quinta irmã: o seu dia caiu no inverno; viu, pois, aquilo que as outras não haviam visto.

O mar tinha uma cor esverdeada e de todos os lados nadavam, tomando formas estranhas e brilhantes como o cristal, montanhas de gelo.

“Cada uma delas assemelhava-se a uma pérola, maior do que as torres de igrejas que constroem os homens.” Subiu para uma das maiores, e todos

os navegantes fugiram desse lugar, onde ela se reclinou, soltando os longos cabelos ao vento.

À noite, uma tempestade cobriu o céu de nuvens negras; luziram os relâmpagos, roncou o trovão, enquanto que o mar, negro e agitado, levantando os montões de gelo, fazia-os brilhar na escuridão; o terror espalhou-se por toda a parte, os navegantes gemiam assustados, mas ela tranquilamente sentada no seu trono de gelo, via os raios caírem em zigue-zague, e apagaram-se nas ondas fosforescentes do mar.

Na primeira vez que uma das irmãs subia do fundo do mar, ficava encantada pelas cousas que via; mas uma vez crescida, quando podia subir a seu gosto, o encanto desaparecia, e dizia no fim de um mês, que embaixo tudo era mais bonito, e que nada valia às profundezas do oceano.

Frequentemente, à noite, as cinco irmãs abraçadas subiam assim à superfície da água. Tinham vozes encantadoras, como nunca teve igual criatura humana; se por acaso alguma tempestade as fazia crer que um navio perdia-se, elas iam ao seu encontro e entoavam canções divinas, sobre as belezas do mar, convidando os marinheiros a segui-las. Mas estes não compreendiam as palavras das sereias, e nunca puderam ver as belezas por elas cantadas, porque afogavam-se; e só os seus cadáveres chegavam ao castelo do rei do mar.

Durante a ausência de suas irmãs, a mais moça ficava só e as seguia com a vista, e tinha vontade de chorar. Mas as sereias não têm lágrimas, e o seu coração sofre mais por isso.

— Oh! se eu tivesse quinze anos! dizia ela; sinto já quanto havia de amar o mundo de cima, e os homens que o habitam!

Veio o dia em que ela completou quinze anos.

— Vais partir, disse-lhe a sua avó; quero vestir-te como o fiz para as tuas irmãs.

Colocou-lhe sobre os cabelos uma coroa de lírios brancos, feitos de pérolas; depois pregou-lhe na cauda oito grandes ostras para indicar a sua posição elevada.

— Incomodam-me muito! disse a sereiazinha.

— Se queremos estar bem-vestidos é preciso sofrer um pouco, respondeu a velha rainha.

No entanto a princesa teria rejeitado voluntariamente todo este luxo. As flores vermelhas do seu jardim pareciam-lhe mais bonitas; mas não ousou exprimir o seu pensamento.

— Adeus, disse ela, e leve como uma bolha de sabão, atravessou a água.

Quando a sua cabeça passou à superfície do mar, o sol acabava de desaparecer, mas as nuvens brilhavam ainda como rosas e ouro e a estrela da tarde brilhava no horizonte. O ar estava brando e fresco, o mar calmo. Perto da sereia achava-se um navio de três mastros; só uma das velas estava solta, por causa da calmaria, e os marinheiros estavam juntos às vergas, descansando. A música e o canto ressoavam, e ao chegar a noite, acenderam-se cem lanternas de cores diversas. Suspensas às cordoalhas pareciam flutuar as bandeiras de todas as nações. A sereiazinha nadou até perto das janelas do grande camarim, e todas as vezes que a água as levantava, ela via através dos vidros transparentes uma quantidade de homens magnificamente vestidos.

O mais belo entre eles era um jovem príncipe de longos cabelos negros, de dezesseis anos pouco mais ou menos, e era para festejar o seu aniversário que o navio enfeitava-se.

Os marinheiros dançavam sobre o tombadilho, e quando o príncipe mostrou-se entre eles, cem girândolas subiram ao ar, espalhando uma luz brilhante como a do dia.

A sereiazinha teve medo e escondeu-se debaixo da água; mas logo depois animou-se a levantar a cabeça e então pareceu-lhe que todas as estrelas do céu choviam sobre ela. Nunca tinha visto um fogo de artifício, e o espetáculo parecia-lhe deslumbrante; grandes sóis giravam de um lado; peixes e pássaros de fogo fendiam o ar, e todo o mar puro e calmo, mandava mil cintilações. Sobre o navio distinguia-se a menor cousa, e os homens sobressaíam do meio de toda essa confusão. Ah! como era belo o príncipe!

Mas a festa terminara; já era tarde; mas a princesa seguia sempre o navio e o príncipe, sem desprender dele um só momento, os olhos.

Porém, o mar começava a agitar-se; as ondas cresciam, e grandes nuvens negras cobriam o céu. Ao longe roncava o trovão; começava medonho temporal. O navio oscilava sobre o mar tempestuoso; as ondas revoltas levantavam-se, ora como montanhas em torno dele, e o impeliam vertiginosamente para diante, ora abriam-se em abismos insondáveis, como que o querendo tragar.

A sereiazinha ao princípio divertiu-se com esta viagem acidentada; mas, quando o navio recebendo inúmeros choques começou a estalar, quando o grande mastro quebrou-se como um junco e que o navio inclinou-se para um lado enquanto que a água jorrava no porão, então ela compreendeu o perigo, e teve que fugir das vigas que caíam. Havia momentos que a escuridão era tão profunda que ela não distinguia a menor cousa; em outras,

os fuzis iluminavam a cena de um modo sinistro, descortinando-lhe todos os horrores do naufrágio. A agitação estava no seu auge no navio: ainda um choque! o navio partira-se em dous e ela viu o príncipe afundar-se no mar fundo.³²⁷

A sereia encheu-se por um momento de alegria, julgando que o príncipe ia descer à habitação do rei do mar, mas lembrou-se logo que os homens não podem viver debaixo da água, e que por conseguinte chegaria morto ao palácio de Coral. Então para salvá-lo, atravessa a nado o espaço que a separava do lugar onde desaparecera o príncipe por entre as vagas e tábuas que caíam de todos os lados, arriscando assim de deixar-se esmagar, mergulhou profundamente repetidas vezes, e assim conseguiu chegar até o infeliz moço no momento em que as forças o abandonavam e ele fechava os olhos, prestes a morrer. A sereiazinha o agarrou, levantou a sua cabeça acima da água e depois abandonou-se com ele ao capricho das ondas.

Na manhã seguinte o bom tempo voltara, mas não restava um só vestígio do navio. Um sol vermelho, de raios ardentes parecia querer chamar o sangue às faces do jovem príncipe, mas os seus olhos conservavam-se sempre fechados. A sereia depôs um beijo na sua fronte e dela afastou os seus cabelos úmidos; achou que ele assemelhava-se à estátua de mármore do seu jardim, fazendo esforços para poder salvá-lo das ondas do mar. Chegou, afinal, adiante da terra firme, coberta de altas montanhas azuis, no cimo das quais brilhava a neve. Ao pé da costa, ao lado de uma soberba floresta estendia-se uma aldeia, onde havia uma igreja ou um convento. Fora dos seus muros cresciam grandes palmeiras, e os seus jardins estavam cheios de laranjeiras e limoeiros em flor. Não longe desse lugar, o mar formava uma pequena baía, estendendo-se até os pés de um rochedo coberto de areia fina e branca. Foi aí que a sereia depôs o jovem príncipe, tendo o cuidado de conservar-lhe a cabeça alta, e voltada para o sol.

Daí a pouco tempo, começaram a soar os sinos da igreja, e um grupo de mocinhas apareceu num dos jardins. A sereia afastou-se a nado e ocultou-se atrás de um rochedo para observar o que aconteceria ao príncipe.

Alguns instantes depois uma das moças passou perto dele; a princípio assustou-se, mas em breve recobrando o sangue frio, correu para chamar outras pessoas, que apressaram-se em prodigalizar ao príncipe toda a sorte de cuidados. A sereia viu-o recuperar os sentidos, e sorrir a todos que o cercavam; só ela é que não sorriu, ignorando quem o havia salvo. Assim, também, quando ela

³²⁷ Fim da primeira parte.

viu que o conduziram para uma grande casa, mergulha tristemente no mar e voltou ao castelo de seu pai.

Ela sempre fora silenciosa e retraída; desse dia em diante tornou-se ainda mais melancólica. Suas amigas interrogaram-na a respeito do que vira, mas ela conservou-se calada.

Frequentes vezes, voltou ela ao lugar onde deixara o príncipe, na louca esperança de revê-lo.

Baldado empenho! As flores caíram das árvores, as frutas amadureceram, a neve cobria de branco o cimo das montanhas, mas o príncipe não aparecera; a pobre sereia fazia-se de dia em dia mais triste. A sua única consolação era ao fundo do mar, onde podia esconder-se no seu pequeno jardim, então inculto, e abandonar a horas inteiras na contemplação da estatueta, cercando-a com os seus braços, e lembrando-se da noite em que salvara o príncipe da morte.

Essa existência tornou-se-lhe insuportável. Contou as suas mágoas a uma de suas irmãs, que por sua vez contou a história a uma de suas amigas. Ora aconteceu que esta última presenciara a festa a bordo do navio do príncipe, e sabia o lugar onde era situado o seu reino.

A sua irmã e a amiga conduziram-na até a superfície do mar, em frente ao castelo do príncipe.

Desde então a sereiazinha veio frequentes vezes a esse lugar, tanto de noite como de dia. Veio o príncipe frequentes vezes, e quando ao som da música ele passeava ao luar no seu barco, via ao longe brilhar o véu branco da sereia entre os rochedos, tomava-a por um cisne que abria as asas.

Um dia perguntou ela a sua avó que conhecia tão bem o mundo dos homens...

Se os homens não se afogam, vivem eles eternamente? Não morrem como nós?

Sem dúvida, respondeu a velha, eles morrem, e mesmo a sua existência é mais curta do que a nossa. Nós vivemos às vezes trezentos anos, e depois cessando de existir transformamo-nos em espumas, porque no fundo do mar não há túmulos para receber os corpos inanimados. A nossa alma não é imortal; com a morte tudo acaba-se. Somos como os nenúfares; uma vez colhidos, não florescemos mais. Os homens ao contrário possuem uma alma que vive eternamente, que vive mesmo quando o seu corpo desfez-se em pó; essa alma sobe através do ar até às estrelas que brilham e assim como nós nos elevamos do fundo do mar para ver o país dos homens, eles se elevam a regiões deliciosas, desconhecidas, inacessíveis ao povo do mar.

Mas por que não temos nós também uma alma imortal? perguntou a sereia aflita; daria de boa vontade os longos anos de vida que me restam, para ser homem, embora fosse por um só dia, para poder gozar em seguida do mundo celeste.

Não digas tolices, respondeu a velha, somos mais felizes aqui no mar do que os homens na terra.

Então um dia hei de morrer! Não serei mais do que um pouco de espuma! Não ouvirei mais o murmúrio das águas, não verei mais as flores, o Sol! Tudo se acabará!

Não há pois algum meio para que eu adquira uma alma imortal?

Um só, mas quase impossível.

Seria preciso que um homem concebesse por ti um amor infinito, que tu te tornasses para ele mais querida do que a sua mãe.

Então se prezo a ti com toda a sua alma, ele fizesse unir por um padre a sua mão direita à tua, prometendo-te uma fidelidade eterna, a sua alma se comunicaria ao teu corpo, e tu serias admitida a gozar da felicidade dos homens. Mas nunca tal cousa se poderia fazer. O que aqui passa pela tua maior beleza, a cauda de peixe, seria julgada detestável na Terra. Pobres homens! para ser belo imaginam que é necessário possuir pernas!

A sereiazinha suspirou tristemente olhando para a sua cauda de peixe.

Sejamos alegres! disse a velha, divirtamo-nos o mais possível durante os trezentos anos da nossa existência; olha que é um espaço de tempo, bem bonito! repousar-nos-emos melhor depois. Esta noute há baile na corte.

Na terra não se pode fazer ideia do esplendor de um baile no palácio do rei do mar. A grande sala de dança era toda inteira de cristal. Milhares de conchas enormes alumiarão a sala de uma luz azulada, que através dos muros transparentes esclareciam o mar que os cercava.

No centro da sala estendia-se um largo rio, no qual dançavam os delfins e as sereias ao som de suas vozes que eram soberbas. A sereia cantou melhor do que todos: aplaudiram-na tanto que por um momento a satisfação que ressentiu fê-la esquecer as maravilhas da terra. Mas em breve a sua melancolia voltou, pensando no príncipe e na sua alma imortal. Fugiu das canções e dos risos e saiu às escondidas do castelo para ir ao seu jardimzinho. Aí ouviu o som de cornetas que penetravam através da água.

Ei-lo que passa aquele a quem amo com todo o coração, com toda a alma, aquele que ocupa todos os meus pensamentos, a quem desejaria confiar a minha felicidade.

Afrontaria todos os perigos por ele e para ganhar uma alma imortal! Enquanto dura a festa do castelo, irei à procura da feiticeira do mar, que me tem até hoje inspirado tanto horror.

Ela talvez me poderá dar algum bom conselho, ou vir em meu auxílio.

E a sereiazinha saindo dos seus jardins nadou em direção dos turbilhões medonhos do *maelstroem*³²⁸ atrás dos quais habitava a feiticeira. Ela nunca havia seguido esse caminho. Nem uma flor, nem uma concha encontrava-se na areia escura e áspera que se estendia até o lugar em que a água revolvendo-se [*sic*] em um redemoinho terrível, e absorvia tudo que vinha ao seu alcance.³²⁹

A princesa viu-se obrigada a atravessar esses assustadores turbilhões para chegar aos domínios da bruxa, cuja habitação erguia-se no meio de uma floresta medonha. Todas as árvores e todos os arbustos não eram senão pólipos, meio animais e meio plantas, que se assemelhavam às serpentes de cem cabeças, saindo da terra. Os galhos eram braços longos e viçosos, terminados por dedos em forma de vermes, que remexiam-se sempre. Esses braços enlaçavam tudo aquilo que se lhes aproximava, e não o largavam mais.

A sereia, assustada, teria bem querido voltar para trás; mas lembrando-se do príncipe e da alma imortal, armou-se de toda a sua coragem. Enrolou os seus longos cabelos à roda da cabeça para que os pólipos não a agarrassem por eles, cruzou os braços sobre o peito, e assim nadou rápida como um peixe por entre essas feias criaturas; cada uma delas retinha nos braços alguma coisa, quer fosse um esqueleto branco de naufraga, quer fossem as carcaças de algum animal marinho. Para cúmulo de susto a princesa viu um que enlaçava uma sereiazinha sufocada.

Afinal, chegou ao seu destino; aí a floresta abria-se em um grande espaço livre, onde rolavam enormes e asquerosas serpentes do mar. No meio deste espaço achava-se a habitação da feiticeira; a casa era construída dos ossos dos naufragos, e a bruxa sentada sobre uma pedra, dava de comer a um sapo que tinha na mão. Ela chamava às horrendas serpentes as suas joias, e comprazia-se em enroscá-las no seu colo viscoso.

— Já sei o que queres, gritou ela, vendo a princesa; os teus desejos são estúpidos. Não obstante presto-me a satisfazê-los porque sei que serás infeliz. Queres te livrar da tua cauda de peixe, para a substituíres por duas

³²⁸ Palavra de origem nórdica: famoso “redemoinho” marítimo da Escandinávia.

³²⁹ Fim da segunda parte.

daquelas peças, com as quais caminham os homens, a fim de que o príncipe se apaixone por ti e case-se contigo, dando-te assim uma alma imortal.

Terminando estas palavras, ela deu uma gargalhada horrorosa, que assustou o sapo e as serpentes, a ponto de fazê-las fugir espavoridas.

Enfim, fizestes bem em vir. Amanhã ao raiar do sol já seria tarde, e terias de esperar ainda um ano. Vou preparar-te um elixir, que levarás à terra antes da alvorada. Senta-te na costa e bebe-o. Imediatamente a tua cauda se separará para formar o que os homens chamam duas belas pernas. Mas previno-te que isso te fará sofrer como se te cortassem com uma espada afiada. Todo o mundo admirará a tua beleza; conservarás um andar gracioso e ligeiro, mas cada um de teus passos te causará dores como se andasses sobre ponta de pregos. Se queres suportar todos esses sofrimentos, então consinto em auxiliar-te.

– Eu suportarei, disse a sereia com voz trêmula; pensava no príncipe e na alma imortal.

– Mas lembra-te que uma vez mudada em ente humano, nunca mais te poderás tornar sereia, nunca mais verás o castelo dos teus pais, e se o príncipe te amando com toda a alma, com todo o coração, não quiser abençoar a sua união contigo por um padre, nunca terás uma alma imortal. O dia em que ele esposar outra mulher, teu coração estalará, e não serás mais do que um pouco de espuma balouçada pelas vagas.

– Embora, consinto, disse a princesa pálida como a morte.

– Nesse caso, é preciso que me pagues, e eu não peço pouca coisa. Tua voz é a mais bela dentre as que existem no fundo do mar, e pensas com ela encantar ao príncipe; é precisamente a tua voz que exijo em pagamento. Quero aquilo que tens de mais belo em troca do meu precioso elixir; pois que para torná-lo mais eficaz, deva derramar nele o meu próprio sangue.

– Mas se tu me tomas a voz, o que me resta? perguntou a desgraçada sereia.

– Tua encantadora figura, respondeu a bruxa, o teu andar gracioso e os teus olhos expressivos. Isso é bastante para enfeitiçar a um homem. Vamos! coragem! ponha a língua para fora a fim de que eu a corte, e depois te darei o elixir.

– Seja! respondeu a princesa; e a bruxa cortou-lhe a língua. A pobre criança ficou muda.

Em seguida a feiticeira pôs a caldeira no fogo para fabricar a sua bebida mágica.

– O asseio é muito recomendável, disse ela, tomando um maço de víboras para limpar a vasilha.

Depois fazendo um pequeno corte no peito, deixou correr o seu sangue negro no cozimento. Um vapor espesso saiu da caldeira, tomando as formas as mais fantásticas. A cada instante a horrível velha juntava mais ingredientes à sua mistura infernal, e quando esta chegou a ferver, o chiar da caldeira assemelhava-se aos gemidos de um crocodilo. O elixir, uma vez preparado, assemelhava-se à água a mais cristalina.

– Aqui o tem, disse a bruxa depois de tê-lo vertido em um vidro. Se os pólipos quiserem agarrar-te ao passares pela floresta, basta que lhes atire com uma gota desta bebida, e eles se farão em pedaços.

Este conselho era inútil, porque os pólipos vendo o elixir contido na garrafinha, que brilhava na mão da princesa como uma estrela, recuavam espavorecidos do seu caminho. Assim ela pôde atravessar a floresta e o *maelksroem*.

Quando chegou ao palácio de seu pai, as luzes da grande sala de dança estavam apagadas, e todos dormiam, sem dúvida, mas ela não ousou entrar. Ela já não lhes podia falar, e em breve ia deixá-los para sempre. Parecia-lhe que o seu coração estalava de dor. A furto esgueirou-se para o jardim, de onde colheu uma flor de cada canteiro de suas irmãs, mandou com a ponta dos dedos mil beijos ao castelo, e subiu à superfície do mar.

O Sol ainda não se havia raiado quando ela chegou em frente ao palácio do príncipe. Sentou-se na praia e bebeu o elixir. Foi como se uma espada atravessara [*sic*]-lhe o corpo; perdeu os sentidos e ficou como morta. O sol brilhava já sobre o mar quando ela tornou a si, sentindo uma dor atroz. Mas em sua frente estava o belo príncipe que não desprendia dela os seus olhos negros. A sereiazinha baixou os seus, e então viu que a sua cauda de peixe havia desaparecido e que era substituída por duas pernas brancas e graciosas. O príncipe perguntou-lhe quem ela era e de onde vinha. A pobre princesa fitou-o com um olhar doce e aflito sem poder articular uma só palavra, em seguida o moço tomou-a pela mão, conduziu-a ao castelo. Cada passo que dava, como lhe havia dito a feiticeira, causava-lhe dores atrozes; no entanto apoiada ao braço do príncipe, ela subiu a escada ligeira e graciosa como uma bola de sabão, e todos admiravam o seu andar gracioso. Vestiram-na de sedas e filós, sem que pudessem cessar de admirar a sua beleza; mas lastimavam que ela fosse muda. Escravas vestidas de seda e ouro, cantavam ao som do alaúde na presença do príncipe, os autos feitos dos seus avós. Elas cantavam bem, e o príncipe as aplaudia, sorrindo para a sereia.

Se soubesse, pensava ela, que por amor dele sacrifiquei uma voz mais bela ainda!

Depois do canto as escravas puseram-se a dançar em bailado gracioso, ao som de uma música encantadora.

Mas quando a sereiazinha pôs-se a dançar, levantando os braços acima da cabeça, e pisando nas pontas dos pés sem quase tocar no assoalho, enquanto os seus olhos falavam melhor à alma do que o canto das escravas, todos ficaram extasiados; o príncipe disse que ela nunca o havia de deixar, e deu-lhe licença para dormir sobre um coxim de veludo à porta do seu quarto.

Todo o mundo ignorava os sofrimentos que ela tinha suportado enquanto dançava.

No dia seguinte o príncipe deu-lhe um vestuário de amazona, para que ela o seguisse ao passeio a cavalo. Atravessaram florestas perfumadas e subiram altas montanhas; a princesa embora rindo sentia sangrar os pés.

À noite quando os outros dormiam, ela desceu a escada de mármore e foi à praia para refrescar os seus pés na água fresca do mar, e a lembrança da pátria veio-lhe ao espírito.

Uma noite viu as suas irmãs que nadavam abraçadas: cantavam tão tristemente que a pobre sereia não pôde deixar de fazer-lhes um sinal. Tendo-a reconhecido elas vieram para junto da princesa, e contaram-lhe a mágoa que a sua fuga lhes havia causado. Todas as noites voltaram, e uma que fez, trouxe-ram consigo a velha avó, que já havia muitos anos que não punha a cabeça fora da água, e o rei do mar com a sua coroa de coral. Ambos estenderam os braços à sua filha, mas não ousaram aproximar-se da praia como faziam as sereias.

De dia para dia o príncipe mais gostava dela, mas a amava como se ama uma criança boa e meiga, mas sem ter a menor ideia de casar-se com ela.

No entanto para que ela tivesse uma alma imortal e que não se tornasse um dia em espuma, era necessário que o príncipe esposasse a sereia.

Não me amas mais do que todas as outras? Eis o que pareciam dizer os olhos da pobre pequena, quando, tomando-a nos braços ele depunha um beijo na sua fronte.

— Certamente, respondia ele, pois que tens melhor coração do que todas as outras; e tu te pareces com uma moça que vi um dia, mas que sem dúvida nunca mais verei. Achando-me em um navio que naufragou, fui atirado pelas ondas a uma praia que ficava perto de um convento habitado por diversas moças. A mais moça dentre elas encontrou-me desmaiado à beira-mar, e salvou-me a vida, mas eu só a vi duas vezes. Nunca no mundo poderei amar a outra. Pois bem, tu te pareces com ela, às vezes mesmo substituis a sua imagem na minha alma.

Ah! pensou a sereiazinha, ele ignora que fui eu quem o salvou das ondas e o levou até o convento. Ele ama a outra! No entanto essa moça está presa no convento e nunca sai: talvez ela a esquecerá por mim!

Eu que o amo tanto, e que lhe serei dedicada por toda a vida.

“O príncipe vai casar-se com a encantadora filha do rei vizinho, disseram um dia, ele está armando um navio esplêndido, sob pretexto de visitar o rei, mas na realidade vai casar-se com a filha.” Estas palavras faziam sorrir a sereia, que sabia melhor do que ninguém o pensamento do príncipe, pois que ele lhe havia dito:

“Já que meus pais o exigem irei ver a bela princesa, mas nunca poderão forçar-me a me casar com ela. Não a posso amar... Ela não se parece como tu, com a menina do convento, e eu preferia desposar-te a ti pobre criança; de olhar celeste, apesar do teu eterno silêncio.”

Falando assim depunha de um beijo sobre os longos cabelos da princesa. O príncipe partiu.

“Espero que não tenhas medo da mãe”, dizia ele a bordo do navio que as levava ao reino vizinho. Em seguida falou-lhe das tempestades e do mar em fúrias, dos peixes estranhos e de tudo aquilo que os mergulhadores encontravam. Estas palavras faziam-na sorrir; seguramente ninguém conhecia melhor do que ela o fundo do mar.

No dia seguinte o navio entrou no porto da capital do reino vizinho. Soavam os sinos do alto das torres, a música rompia de todos os lados, os regimentos em ordem vinham recebê-lo. Todos os dias haviam *[sic]* festas, bailes, torneios: mas a princesa ainda não havia voltado do convento onde recebera uma brilhante educação.

A sereiazinha ardia em curiosidade para ver essa beleza tão decantada: teve afinal essa satisfação.

Não pôde deixar de reconhecer que nunca havia visto uma criatura tão linda, cútis tão branca, olhos negros tão sedutores.

“És tu! exclamou o príncipe ao vê-la, és tu quem me salvaste a vida! e apertou nos braços a sua noiva. É demasiada felicidade! continuou ele, voltando-se para a sereiazinha, os meus ardentes votos estão satisfeitos! Tu te alegras com a minha felicidade, bem o sei! porque me amas mais do que os outros!”

A filha do mar beijou-lhe a mão, sentindo que o seu coração estalava.

No dia do casamento do príncipe ela devia tornar-se espuma do mar.

A alegria reinava em toda a parte, os arautos anunciaram o noivado por toda a parte. Na grande igreja brilhavam mil luzes, lâmpadas de prata, os padres queimavam incenso; os noivos uniram as mãos e receberam a benção do bispo. Vestida de seda e ouro a sereia assistia à cerimônia, mas ela pensava em sua morte próxima e em tudo que havia perdido neste mundo.

Nessa mesma tarde partiram os esposos para o seu reino. O navio estava galhardamente adornado, e no centro haviam levantado um esplêndido pavilhão, onde havia um leito para os noivos. Encheram-se as velas e a embarcação deslizara ligeira sobre o mar calmo e límpido.

À noute acenderam luzes por toda a parte e os marinheiros dançaram alegremente na coberta. A sereia lembrou-se da noute em que pela primeira vez vira o mundo dos homens; também quis dançar, e ligeira como uma andorinha extasiou a todos, que declaravam que ela tinha as graças de um ente sobre-humano. Mas era impossível exprimir as angústias do seu coração; no meio da dança pensava naquele por quem ela havia abandonado pátria e família, sacrificado uma voz maravilhosa, suportado sofrimentos atrozes. Essa noute era a última em que poderia respirar o mesmo ar do que ele em que poderia contemplar o mar profundo, o céu estrelado. Em noute eterna, uma noute sem sonhos a esperava, pois que não possuía uma alma imortal. Até à meia-noute a alegria e os risos reinaram em torno dela; ela mesma dançava e ria com a morte no coração.

Enquanto o príncipe e a princesa retiraram-se para a sua tenda, tudo ficou silencioso, e o piloto ficou só de pé junto ao leme. A sereia apoiada às bordas do navio, olhava para o oriente do lado da aurora; sabia que o primeiro raio de sol ia matá-la.

De repente as suas irmãs surgiram a seu lado, tão pálidas como ela; os seus longos cabelos estavam cortados.

“Nós os demos à feiticeira, disseram elas, para que ela venha em teu auxílio, e te salve da morte. Deu-nos este punhal bem afiado que vês aqui. Antes do raiar do sol é preciso que o enterres no coração do príncipe, e quando o seu sangue ainda quente te cair sobre os pés, estes se ajuntarão e se mudarão em cauda de peixe.

Tu te tornarás sereia e pode vir ao fundo do mar conosco, e só na idade de trezentos anos é que tornarás em espuma.

Mas apressa-te! porque antes do raiar do sol é preciso que um dos dous morra, ou tu ou ele. Mata-o e vem ter conosco. Vês aquele risco vermelho no horizonte? em alguns momentos o sol aparecerá e tudo se acabará para ti.” Depois elas afastaram gemendo.

A sereia afastou a cortesia do pavilhão e viu a jovem esposa que dormia, a cabeça repousando no peito do príncipe. Aproximou-se deles, inclinou-se e depôs um beijo na fronte daquele a quem havia amado tanto. Em seguida voltou os olhos para a aurora que tornava-se cada vez mais brilhante, olhou alternativamente para o punhal e o príncipe que em sonho pronunciava

o nome da sua esposa, levantou a arma com mão trêmula, e... e lançou-a longe de si, nas ondas. No lugar onde caiu o punhal, parecia que a água fizera-se sangue; olhou mais uma vez para o príncipe, e a sereia atirou-se ao mar onde sentiu o seu corpo que se desfazia em espuma.

Nesse momento o sol saía do mar, os seus raios doces e benfazejos caíam sobre a espuma fria, e a sereia sentiu que não estava morta; viu o sol brilhante, as nuvens de púrpura, e acima dela pareceu [*sic*] voar mil criaturas transparentes e celestes. As suas vozes uniam-se em uma melodia encantadora, mas tão baixa, tão sutil que nenhum ouvido humano a podia ouvir, assim como nenhum olhar de homem podia ver essas criaturas.

A filha do mar percebeu que tinha um corpo semelhante aos seus, e que pouco a pouco desligava-se da espuma.

“Onde estou? perguntou ela como uma voz de que nenhuma música pode dar ideia.

“Com as filhas do ar, responderam-lhe as outras.

A sereia não tem uma alma imortal, e só pode-a adquirir pelo amor de um homem; sua vida eterna depende de um poder supremo. Como a sereia as filhas do ar não têm alma, mas podem obtê-la por meio de suas boas ações. Nós voamos nos países quentes onde o ar envenenado mata aos homens, para levar-lhes a frescura: espalhamos no ar o perfume das flores; por toda a parte onde passamos, levamos-lhes socorro, e damos-lhes a saúde. Quando tivermos praticado boas ações durante trezentos anos, recebemos em recompensa uma alma imortal, a fim de participar da felicidade dos homens. Pobre sereia! fizeste também todos esses esforços, como nós também sofrestes e saíste vitoriosa dos teus martírios, e te levaste até o mundo dos espíritos do ar, onde só de ti depende para ganhar uma alma imortal, praticando boas ações.

E a sereia levantando os braços para o céu, chorou pela primeira vez!...

A alegria fez-se de novo ouvir no navio, mas ela viu o príncipe e a sua bela esposa olharem fixamente para a espuma do mar, como se adivinhassem que ela se havia precipitado nas ondas.

Invisível beijou a fronte dos noivos, e depois subiu com as outras filhas do ar, a uma nuvem cor-de-rosa que deslizava na amplitude do céu...

C. V.



MAIO DE 1879³³⁰

CONVERSÇÕES COM MINHA FILHA
A MULHER LITERATA

Maria folheava alguns jornais ilustrados, e parecia tão atenta, que não viu quando aproximei-me dela. Segui silenciosa a direção dos seus olhos sobre as páginas, e vi que lia um conto, um daqueles milhares de contos, – para não dizer milhões – que vêm e passam e vão deixando, como as neblinas, o tempo como acharam. Estava assinado com o nome de uma mulher.

Maria tinha as faces inflamadas, e quando acabou de ler, levantou-se de um salto; só então percebeu a minha presença.

– Mamãe! ia agora mesmo procurá-la!

– Veja (e colocou o dedo sobre a assinatura), é uma das minhas companheiras de colégio, mais velha do que eu só cinco anos!

– Tem então dezoito.

– Exatamente. Uma autora de dezoito anos, mamãe?! que lhe parece?

– Não desejava que essa autora fosse minha filha.

Maria ficou um pouco amuada com estas palavras pouco entusiásticas, e, olhando para a sua historieta, perguntou:

330 Publicada na *Ilustração Popular* em 7 de outubro de 1876.

– Então é um mal...

– Um mal, como tu o entendes, não... mas também não é um bem.

– Por que mamãe?

– Antes de tudo, as mulheres literatas são uma exceção, um fenómeno, uma coisa fora do comum. São toleradas, porém quase nunca granjeiam admiração. Sobre cem mulheres que escrevem, noventa nunca chegam a cousa alguma, as outras dez são, ou aborrecidas ou pedantes, ou então copiam aquilo que foi escrito por outros.

– Oh! mas a senhora se esquece...

– Não, minha filha, não esqueço. Queres dizer-me um nome – pensando muito talvez dous ou três – mas depois? São as exceções, os fenómenos de que te falava. Queres modelar-te sobre os fenómenos? As pintoras nunca pintaram mais do que flores, passarinhos mortos, e as suas casas de campo; as poetisas algum soneto de rimas obrigadas e as escritoras em prosa... Eis aqui, podes ver a novela da tua amiga.

– Como é severa, mamãe!

– Sou tanto mais porque as nossas filhas tendem muito a seguir a opinião que proclama a independência da mulher, a sua aptidão para seguir os estudos do homem, o seu direito a disputar-lhe as honras e a fama. Serei sobretudo severa com aquelas meninas que, com a memória cheia de suas leituras de Dumas e Ponson du Terrail,³³¹ e de suas composições escolásticas, porque de vez em quando têm uma frase feliz, porque sabem colocar o substantivo antes do verbo, se persuadem que o público deve ouvi-las em êxtases. A palheta do artista é séria demais para as mãos da mulher, e os seus dedos se estragam entre as diferentes tintas.

– A mulher pode ser artista em um gênero...

– Não, Maria, não. O artista verdadeiro, o poeta de coração, deve abraçar e tocar todas as cordas da sensibilidade humana, levantar todos os véus. Qual a mulher que tem forças para tanto? No romance de uma mulher verás soldados, estudantes, homens do povo, que falam todos do mesmo modo, que têm todos o mesmo caráter, gente delicada, honesta e casta – porque já se sabe que uma mulher não deve escrever senão com a maior delicadeza, honestidade e modéstia. Mas deste modo não se é artista, – e o literato que não é artista corre grande risco de vir a ser um pedante.

³³¹ Alexandre Dumas pai (Villers-Cotterêts, 24/7/1802 – Puys, 5/12/870) e Pierre Alexis, visconde de Ponson du Terrail (Montmaur, 8/7/1829 – Bordeaux, 21/1/1871). Escritores franceses. Conhecidos por seus romances de folhetim.

– Mas, mamãe, vamos que este gênio prepotente, este fenômeno, como a senhora o chama, exista... se ele não tentar... não se apresentar ao público...

– Menina! O escritor deve apresentar-se ao público com confiança no seu talento; deve sair da sua obscuridade todo armado como Minerva da cabeça de Júpiter.³³² E não é por certo aos dezoito anos que uma mulher o pode fazer.

– E se minha amiga sente vocação desde já...

– Há duas vocações: a dos quinze anos, e a dos trinta – aquela da OCASIÃO, nascida no fervor do estudo e no espírito imitativo, que se arrebenta e se evapora, como a bola de sabão, ao menor sopro do vento contrário.

– E a outra, mamãe?

– A outra, a vocação verdadeira, a vocação do instinto, amadurecida nas lutas titânicas do pensamento contra os obstáculos da vida real... que vem sentar-se, qual lívido fantasma, ao lado do sonhador agitado. Combatida, repelida, mal compreendida, cai como o leão ferido para depois atirar-se mais ardente, mais indomável. Vence as mais caras afeições, derriba as barreiras do convencionalismo, e só, nua, a fronte alta, mostra as suas feridas, e combate corpo a corpo com a sua energia – a fortuna –, e por sua vez a prostra sob o seu joelho potente, e dita-lhe as suas leis. Oh! só então, dilacerados, ensanguentados, o poeta e o artista conquistarão, a preço de lágrimas e de dor, o direito de educar e de comover; só então podem apresentar-se ao público e dizer-lhe:

– Ouve-me!... mas uma menina de dezoito anos... nascida ontem às primeiras emoções da vida, envolta no prisma irradiante do primeiro amor, uma moça que ainda não chorou...

– Sim, mamãe, quando a puseram no colégio.

– Ah! pois bem, que escreva o seu diário de educanda, mas guarde-o para si.

Desta vez Maria calou-se por algum tempo; afastou-se da mesa onde se achavam os jornais, tomou o seu bordado, e sentou-se em silêncio.

Eu interrompi o seu silêncio.

– Pelo que vejo, menina, as minhas palavras fizeram-te má impressão.

– É verdade, mamãe, estou consternada com as suas teorias, que tendem a fechar todo o caminho por onde a mulher possa fazer-se grande e célebre.

– Eu já te disse muitas vezes, minha filha, que em geral a mulher não foi feita para os triunfos populares; e falando das exceções, os caminhos fáceis

³³² Minerva, filha de Júpiter e Métis, teria nascido a partir do crânio de seu pai, totalmente armada e revestida de armadura.

e planos, nunca conduzirão à glória. É debaixo dos golpes do desengano, severo educador, que o gênio se desenvolve potente. Não é, pois, necessário abrir novas portas à mediocridade, que já é numerosa, e sufoca. Neste caso, eu sou um pouco espartana; por que cansar-se para dar ao mundo raquíticas e escrofulosas produções de talentos indecisos? Deixai-os percorrer a sua estrada de espinhos: se são realmente dignos do seu fim, eles lá chegarão, apesar de tudo; se não podem, é melhor o esquecimento.

– Então, mamãe, está segura que este seu sistema não sufoca às vezes algum pequeno “gênio futuro”, perguntou Maria, rindo.

– Muito segura, porque, se o gênio é pura flama do fogo de Prometeu,³³³ nenhuma força humana o poderá sufocar. Como tudo aquilo que é imortal, não morre senão para renascer mais luminoso, mais brilhante.

– E eu queria escrever uma carta de parabéns à minha amiga...

– Espero que não o farás [*sic*]. Na luta de Jacó³³⁴ com o anjo, ninguém veio de permeio. Espera, pois, em silêncio, o triunfo do mais forte.

Aniroc.

³³³ Criador da raça humana, enganou Júpiter roubando-lhe o fogo, o último elemento que lhe faltava para desenvolver uma civilização.

³³⁴ Terceiro e último patriarca da *Bíblia*, neto de Abraão e filho de Isaque e Rebeca, descendente do povo de Israel. No livro *Gênesis* sua fé é posta à prova em luta contra um emissário de Deus. Ao final desse conflito, Jacó conseguiu a benção divina para legitimar sua liderança sobre os israelitas, passando a se chamar Israel.



JULHO DE 1879

A MÚSICA DO FUTURO

Breve, muito breve, teremos entre nós a companhia lírica.

Quer isto dizer que em pouco tempo no Rio de Janeiro só se tratará de música.

Nota-se um extraordinário rebuliço nas filarmônicas e entre os amadores: desde já faz-se sentir uma “fúria concertante” que nos ameaça com uma dose de música verdadeiramente formidável.

As nossas elegantes já não dividem o ano, como o faziam as nossas boas avós, em verão e inverno; hoje só se conhecem a “estação lírica”, e a “estação campestre”; nesta última fogem todas para Petrópolis ou Nova Friburgo, procurando o sossego e o descanso após o rodомoinho de festas que sempre traz consigo a época em que se acha entre nós a companhia do sr. Ferrari.³³⁵

Bate-nos esta última à porta e os amadores e amadoras preparam-se para ouvir boa música, para em seguida repeti-la com todas as variantes possíveis e em todos os tons imagináveis, nos salões e nos clubes onde se

³³⁵ Angelo Ferrari (Castel Novo, 1835 – Buenos Aires, 1897). Maestro italiano. Dirigiu o Imperial Teatro D. Pedro II, entre 1876 e 1886.

pretende cultivar a música. A “melomania” impera em toda a parte; todos pouco mais ou menos sofrem de uma “harmonite” aguda; começam os *dilettanti*³³⁶ a reunirem-se nos salões, para em família discutirem o grave assunto que tanto as preocupa; sacode-se o pó do piano, o afinador já o pôs em ordem, duetos, tercetos, solos, cavatinas, árias ecoam nas salas elegantes, e, espantinho dos rapazes e das meninas apaixonadas da polca e da valsa, o “pianista clássico” começa a fazer exibição nessas reuniões do seu talento, da agilidade de seus dedos e da transcendente sublimidade dos seus estudos.

Quando ele se senta ao piano todos acomodam-se em silêncio por conveniência, mas na maioria *in petto*³³⁷ mandando-o para os diabos; às primeiras notas, cada um fazendo da necessidade virtude, recolhe todas as forças de atenção de que dispõe, e as volta para o pianista, como a lebre volta as orelhas para o lado de onde sente o rumor. Quem sabe se o Deus da música difícil não se revelará e manifestará aos incrédulos. Alguns iniciados naquele gênero de harmonias, reúnem-se em um grupo e dispõem-se para ouvir religiosamente às inspirações musicais do seu autor favorito, pretendem entender de música clássica, trocam olhares de inteligência, como que dizendo: nós somos do número dos eleitos. Os sons desprendem-se do instrumento e se espalham no ambiente: o pianista dá princípio a uma “sonata” em tom menor, começando por uma frase deploravelmente gemedora e monótona que é repetida de todas as formas com todas as transposições possíveis, em todos os tons, ora sem acompanhamento, ora embrulhada em uma catadupa de variações e escalas.

A repetição daquela frase começa a operar sobre os nervos do auditório; o bocejo circula entre os assistentes; vai colocar-se como uma alavanca nos queixos dos ouvintes e os move, abrindo alguma boca, que naquele momento parece enorme, insinua nos membros, que se estendem de todos os modos, procurando evitar a atenção, quando de repente cessa a primeira frase sob uma tempestade de notas e escalas; o pianista é invadido por todas as fúrias das aspirações do mundo moderno, os seus dedos correm vertiginosamente sobre o teclado, os pés quase calçam os pedais, o grito da águia, o rumor de correntes sacudidas, o sibilar das balas e das flechas, os trovões, os raios, parecem escapar-se dentre as notas tocadas pelo músico que parece um possesso, que move-se como um desesperado, metendo a cabeça entre os ombros e o nariz sobre o teclado, como se já não bastassem os movimentos

³³⁶ Palavra italiana: “dilettante”.

³³⁷ Locução italiana: “secretamente”.

desordenados dos seus braços e mãos, inspirando sérios receios à dona do piano, que a cada acorde pensa vê-lo voar em pedaços.

A sonata termina; o pianista está mais morto do que vivo, e um velho que se lembra da *Somnambula*,³³⁸ da *Lucia*,³³⁹ do *Barbeiro de Sevilha*³⁴⁰ e da *Linda*,³⁴¹ levanta-se zangado, e, sorrindo com desprezo, diz ao vizinho: MÚSICA DO FUTURO!



Debaixo do título de “Música do futuro”, muitos compreendem a música clássica alemã, e parte da música clássica francesa e italiana; outros tão somente consideram tal a música em que predomina a harmonia, e que tantos veriam de boa vontade excluída do reino musical; ao passo que outros desejariam que fosse a única a empunhar o cetro.

A escola em que predomina a harmonia em outros ramos da ciência, é cousa velha; em filosofia chama-se panteísmo, e na pintura teve grande desenvolvimento, principalmente na paisagem.

Uma árvore, ou um grupo de árvores, que se destaca isolado junto a outras plantas, dá uma ideia das criações melodiosas: uma floresta que não impressiona com a beleza de uma mangueira ou de uma palmeira, mas sim com a magnificência do seu conjunto, é a imagem das criações da escola da harmonia. Um rochedo em que vem gemendo o bater as vagas é uma melodia; o mar, os pampas, os desertos, as florestas, são as harmonias da criação.

Aquilo que os estéticos chamam “belo” é propriamente a melodia; o “sublime” é do domínio exclusivo da harmonia; e como o belo é mais fácil à compreensão do que o sublime, assim a música melodiosa é mais própria para ser compreendida pelo povo.

O belo arrebatava e transporta; o sublime subjuga, aniquila, fascina, mas pode afinal cansar: o belo agrada sempre, o sublime não é sempre que é bem-vindo; ao belo todos podem mais ou menos chegar, como a um jardim

³³⁸ Ópera de Vincenzo Bellini com libreto de Felice Romani.

³³⁹ *Lucia di Lammermoor*, ópera de Gaetano Donizetti, com libreto de Salvatore Cammarano, baseada no romance *The bride of Lammermoor*, de Walter Scott.

³⁴⁰ Ópera de Gioachino Rossini, com libreto de Cesare Sterbini, baseada na comédia de Pierre Beaumarchais, *Le barbier de Séville*.

³⁴¹ *Linda di Chamounix*, ópera de Gaetano Donizetti, com libreto de Gaetano Rossi.

florido; ao sublime não se pode aproximar senão com muitas fadigas, como aos mais altos píncaros dos Apeninos.³⁴²

O paralelo que fizemos entre o belo e o sublime, aplica-se em todos os desenvolvimentos à música melodiosa ou à música de harmonia. Estes dous aspectos da arte não se excluem um do outro; a melodia não se pode de todo afastar da harmonia, e esta se desenvolve em um entrecho de melodias; a arte pode dar criações nas quais predomine mais um dos dous elementos do que outro, mas não se pode excluir nenhum dos dous. São, pois, tão ridículos aqueles que negam Beethoven³⁴³ por Bellini, como os negam Bellini por Beethoven.

C. V.

³⁴² Cordilheira na Itália que vai do centro à costa leste do país.

³⁴³ Ludwig van Beethoven (Bonn, 17/12/1770 – Viena, 26/3/1827). Compositor alemão.



1879/1880³⁴⁴

CONVERSÇÕES COM MINHA FILHA
A MULHER FEIA

Maria experimentava em frente ao espelho um chapéu novo que lhe dera o papai. De repente, sem refletir, naturalmente, escapou-lhe esta frase:

– Meu Deus! como deve ser desagradável para uma mulher feia o mirar-se no espelho!

– É muito modesta a minha Maria, respondi rindo.

Corou e balbuciou confusa:

– Eu não queria dizer... eu não queria dizer... acredite mamãe... eu não queria dizer com isso que me tinha em conta de bonita.

– Bonita não, mas perto disso. Vejamos, não és nem bonita nem feia – porém dado que fosses muito feia, seria isso um motivo de desespero?

– Que quer, mamãe! as pessoas feias, especialmente as senhoras, não agradam a ninguém.

– É possível! Já te ouvi dizer tantas vezes que a Júlia era-te muito simpática – no entanto ela é feia.

344 Na *Ilustração do Brazil*, foi publicada em 1879/1880, ano 2 – Nova série – n.º 13. Publicada na *Ilustração Popular* em 14 de outubro de 1876.

– Ah! mas a Júlia tem tanto espírito!

– E a tia Carolina que é a mais feia de todas as tuas tias, por que a amas tanto?

– É tão boa!

– E Helena, a tua amiga predileta, com aquele nariz!

– Ah! mas a sua graça, os seus bons modos, fazem com que todos lhe queiram bem!

– Aí estás presa na rede. Pelas tuas palavras confessas que a beleza não é necessária para agradar. Pensa um pouco, se se olhasse somente para a beleza do rosto e só ela fosse apreciável, então, passados os quarenta anos só nos restaria morrer.

– Quando se é velho é outra cousa – disse Maria rindo.

As meninas da idade de Maria compreenderam o que ela queria dizer; eu na minha qualidade de mamãe não tinha obrigação de compreender, e então respondi:

– Pois bem; admitamos que tu és feia.

– Eu já o sou um pouco, mamãe.

A hipocritazita queria livrar-se do adjetivo irônico de modesta, com o qual poucos minutos antes a havia designado, mas fingi não perceber e continuei muito séria:

– Admitamos que sejas ainda mais feia; a tez mais morena, a boca maior, o nariz duas vezes mais comprido – e os pés e as mãos... concluamos que já és bastante feia, e vejamos o que acontece. Eu amo-te do mesmo modo, e o teu pai, teus irmãozinhos e tua irmã também. Não creio que as tuas tias, e a boa tia Carolina te deixassem de amar por isso. Na família, pois, és feliz – todos te amam. Resta a sociedade, o mundo como o chamam. E não te parece que, se soubesses reunir a bondade, o espírito e a graça, o mundo não te amaria também?

– A bondade, paciência! mas a graça não é dada a todos, e o espírito muito menos ainda!

– Portanto precisa-se mérito para adquiri-los?

– Assim me parece.

– E a beleza, custa alguma cousa a quem a tem?

– Nada absolutamente.

– Bem vê, minha querida filha, que o valor da mulher está na graça e no espírito, – a beleza não é senão uma cousa secundária, pois que a mulher que não tem outros dotes senão este agradará muito menos do que uma senhora educada e espirituosa. Eu não quero fazer-te a injustiça de

supor que o teu espírito não possa chegar a certo grau de fineza, e quando chegares a esse ponto, compreenderás que o poder da inteligência é onipotente. São inumeráveis os exemplos de pessoas feias que fascinam só com a força da sua inteligência, com o ardor da palavra, com as cintilações do olhar, com aquela energia inspirada que conquista e subjuga. A celebridade de Safo³⁴⁵ te é conhecida, e no século passado *Mme* de Staël, destituída de beleza, como era, conquistou as simpatias de toda a Europa. E Cristina da Suécia,³⁴⁶ a filha de Gustavo Adolfo,³⁴⁷ aquela famosa rainha, célebre pela sua sabedoria, poderosa, respeitada, temida e amada dos súditos, querida dos grandes talentos a quem ela sabia proteger, tinha beleza? O conde de Mirabeau,³⁴⁸ horrível de ver se dominava com o poder da sua palavra, com a grandeza de seu gênio. Gustavo Modena³⁴⁹ era quase disforme, e no entanto da plateia e dos camarotes cheios, milhares de corações agitados e comovidos estavam presos aos seus lábios. É a beleza que se procura na amiga confidente, afetuosa e fiel dos nossos pequenos desgostos? É a beleza que se procura na esposa, companheira da virilidade do homem, guarda da sua casa e da sua honra?

– Porém mamãe deve admitir que uma mulher feia tem uma carta de menos no jogo, e que deve apoiar-se sobre todas as outras qualidades, para compensar a sua fealdade.

– Admito. E não te parece que o amor-próprio desta mulher lisonjear-se-á agradavelmente, quando sair triunfante e vitoriosa do seu combate com as belas? E será vitoriosa, esteja certa disso, porque em todos os tempos tem-se visto o gênio triunfar da ignorância, o espírito da matéria.

– Mas será permitido, pelo menos, a esta mulher o tornar-se o menos feia possível?

– Que pergunta! Todos nós temos a permissão, até direi quase a obrigação de conservar a nossa pouca beleza, como até de realçá-la com os vestuários elegantes em relação à nossa idade e condição. As feias mais do que outras devem ocupar-se com o seu vestuário, mas não para fazer-se figurinos de modas, ou vidraças ambulantes, mas sim devem vestir-se com

345 Safo (Lesbos, c. 610 a.C. – c. 570 a.C.). Poetisa grega.

346 Maria Cristina Alessandra Vassa (Estocolmo, 8/12/1626 – Roma, 19/4/1689). Rainha da Suécia e importante mecenas das artes e ciências.

347 Gustavo Adolfo II (Estocolmo, 19/12/1594 – Lützen, 16/11/1632). Rei da Suécia de 1611 a 1632.

348 Gabriel Honoré de Riqueti, conde de Mirabeau (Loiret, 9/3/1749 – Paris, 2/4/1791). Orador e político francês. Na infância, foi vitimado pela varíola, o que fez com que seu rosto ficasse desfigurado.

349 Ator italiano (Veneza, 13/1/1803 – Turim, 20/2/1861).

aquele bom gosto e discernimento, que possam acompanhar a sua fealdade. Uma simplicidade artística, a distinção, o extremo asseio, não podem deixar de agradar em qualquer mulher. Há certo gênero de elegância que parece querer atrair a atenção e outra que procura passar despercebida. É fácil de compreender que é a esta última que as senhoras feias devem dedicar-se. E com o argumento final, estou quase tentada a declarar que a fealdade física não existe. O que é uma fonte? o que é uma boca? o que é um corpo mais ou menos proporcionado, quando a chama divina o abrasa, quando a poesia o exalta, ou o amor o embriaga? O que são os traços sem a expressão! O que é Vênus a par de Galatea? ...³⁵⁰

O pai de Maria, que vinha pedir informações sobre o chapéu novo, interrompeu a nossa conversação; mas foi com imenso prazer que eu observei que a minha filha olhava muito menos para o espelho.

Anirot.

³⁵⁰ Galatea, estátua de marfim feita por Pigmaleão, saiu tão perfeita que o escultor apaixonou-se por sua obra e pediu a Vênus, deusa do amor, que a tornasse humana, sendo assim atendido.



1879/1880³⁵¹

UMA ALMA PARA NASCER
ALEXANDRE DUMAS.

Há seis mil anos pouco mais ou menos...

O mundo contava meio século de existência. Deus já havia expellido Adão e Eva do paraíso terrestre. Não havia, pois no Céu, senão as almas que deviam descer um dia à Terra e animar sucessivamente os corpos que nascessem.

A primeira que voltou a Deus foi a de Abel, e os cantos dos arcanjos e a benção do Senhor acolheram a alma exilada e mártir, que devera a luz a uma falta e a morte a um crime.

A segunda foi a de Eva, e quando as portas do Céu abriram-se ante essa alma, abatida pelo pecado, porém purificada pelo padecimento, todas as almas do futuro rodearam-na para saber alguma cousa da Terra.

Eva contentara-se em responder: “Pequei, sofri e orei; a vida tem muitas paixões, muitas dores, e bem poucas alegrias.” Para todas essas almas que só conheciam o Céu, eram bem desconhecidas as palavras – paixões e dores. Só compreendiam uma eternidade calma, como só viam o infinito do céu sereno; assim passeavam elas sonhadoras nos extensos jardins de estrelas que Deus fizera brotar sob os seus pés, perguntando umas às outras

351 Na *Ilustração do Brazil* foi publicada em 1879/1880, ano 2, Nova série, n. 13.

o que seriam essas cousas ignoradas no Céu, e que na Terra chamavam-se paixões e dores.

Ora, entre todas essas almas curiosas de conhecer a Terra, havia uma a quem o seu bom anjo dissera: “Nascerás um dia do seio de uma mulher, deixarás a tua forma imortal para ires ao mundo que o Senhor acaba de fazer.”

– E quando devo nascer? perguntou a alma.

– Espera, orando enquanto esperas, respondera o anjo.

E voara para o oriente dos céus, deixando a pobre alma mais curiosa do que antes.

Um dia, o sol escondeu-se nos céus, uma outra alma deixara a Terra, e quando apresentou-se à porta do Senhor, o anjo da justiça a expulsara.

Todo o cortejo radiante do Senhor ajoelhara-se, redobrando de louvores e orações, perguntando o que havia feito aquele que Deus repelia.

Deus respondeu:

– Chamava-se Caim, e matou Abel.

E o céu cobriu-se para o primeiro crime, como o havia feito para a primeira falta.

– O que pode haver nesse mundo, perguntou a alma curiosa, para que um irmão mate a outro irmão?

E ela esperava sempre, e orava esperando.

No entanto a primeira falta e o primeiro crime haviam excitado a cólera de Deus, de modo que as mortes sucediam-se com rapidez, e no Céu entravam muito menos almas do que de lá haviam saído. Mas todas as vezes que chegava uma, pediam-lhe notícias da Terra, e ela sempre respondia: “Na presença de Deus perde-se a lembrança dos homens; mas tudo que Deus faz, é belo, e a Terra apesar de suas dores, tem muitas alegrias.”

Os séculos passavam, e a alma esperava sempre. Um dia os anjos, curvados ante o trono do Senhor, viram, não a cólera, mas uma lágrima nos olhos de Deus, e essa lágrima fez o dilúvio.

Quarenta dias chorou o Céu sobre as faltas da Terra, e a Terra desapareceu.

Do alto da abóbada celeste, os anjos seguiam com o olhar e com o pensamento, como nós na Terra seguimos uma estrela, um objeto que resvalava sobre as águas: era a arca de Noé.

A pobre alma que esperava o seu nascimento, acreditara que o mundo apagara-se para sempre, e que ela nunca nasceria; a Arca deu-lhe esperança: o mundo refez-se.

Todas as vezes que uma alma deixava o Céu pela Terra, a que esperava acompanhava-o o mais longe possível e dizia-lhe:

“Minha irmã, na volta me contarás o que se faz no mundo.

E desaparecia.

Todas as vezes, que à hora da oração achava-se junto do seu bom anjo, perguntava-lhe:

– Nascerei breve?

– Espera ainda.

E os séculos passavam-se.

Mas o mundo fazia-se de todo mau. Os louvores redobravam no Céu, à medida que o culto perdia-se na Terra.

Apenas de tempos a tempos voltava uma alma exilada, mas essa era recebida entre cantos e flores, e Deus a abençoava.

Como o castigo não havia corrigido os crimes, Deus quis experimentar o perdão. Fez uma alma igual à sua pureza, e mandou-a a Terra. Os anjos acompanharam-na cantando, e deixaram-se ficar muito tempo ajoelhados atrás dela, quando a haviam perdido de vista.

Apenas havia essa alma, a quem Deus dera o nome de Filho e a quem os homens chamaram de Jesus, passado trinta anos na Terra, as outras almas começaram a voltar ao Céu, purificadas por esse homem divino. Cada dia era festa, cada dia a eternidade de alegria começava radiante e esplêndida para as virgens e os mártires que enchiam o Céu.

Enfim o filho de Deus voltou da sua missão, trazendo nas mãos dilaceradas uma coroa de espinhos.

Deus lhe disse:

– Vem, meu filho; teus pés rasgaram-se nas pedras do caminho, mas o teu coração conservou-se puro ante as tentações.

E fê-lo sentar-se à sua direita.

– O que era esse mundo, perguntava a alma sonhadora, onde ousam matar o filho de Deus?

No Céu, só se falava de uma grande pecadora, que o Cristo havia convertido, e que era esperada com impaciência.

Chegou afinal.

A primeira alma que lhe falou foi aquela que esperava ainda o seu nascimento.

– Minha irmã, qual é o teu nome? perguntou-lhe.

– Madalena, respondeu a pecadora.

– E a Terra tem muitas alegrias?

– Sim; mas elas são passageiras, e as que nos dá o Senhor, são eternas.

E Madalena foi ajoelhar-se aos pés de Deus.

A alma continuava a esperar; ouvira o Senhor dizer à Madalena: “Ser-te-á muito perdoado, porque muito amaste.” E ela perguntava a si o que era esse amor desconhecido no Céu, que perdera Eva, e salvava Madalena.

Também de dia para dia tornava-se ela mais impaciente de ver esse mundo onde Deus exilava tantas almas; esse mundo longínquo e desconhecido onde, por alguns anos de paixão, não temiam algumas a felicidade eterna. Não era um desejo, a sua natureza não o permitia; era uma esperança. Talvez como as outras, quisesse ela sofrer o martírio, para voltar a Deus cingindo uma coroa de dores; talvez fosse ela de uma essência menos divina que as suas irmãs, e havia ela recebido em cheio o bafo de cólera que ao deixar o Céu o anjo caído, Lúcifer, lhes havia atirado. No entanto, no meio da felicidade eterna, era esta alegria temporal que ela esperava.

E todas as vezes que encontrava o seu anjo fazia a mesma pergunta, e recebia a mesma resposta.

No entanto as notícias da Terra não eram das mais animadoras; todos os dias chegavam ao Céu almas que na Terra haviam seguido a religião do Cristo; todos louvavam a Deus por tê-las livrado da vida terrestre.

A alma esperava sempre.

Os séculos passavam.

Enfim a lei do Senhor triunfou. A luz fora no princípio demasiado forte; em vez de alumiar, deslumbrara, era o momento para vir à Terra.

Não existiam mais imperadores cruéis; não haviam *[sic]* mais apóstolos mártires; tudo parecia caminhar segundo a vontade do Senhor, e para a alma que se contentasse com a obscuridade e o amor, a Terra contava muitas alegrias; pelo menos era isso que diziam certas almas, cujo primeiro cuidado ao chegar no Céu era o de procurar aquelas que haviam perdido na Terra e continuar sob os olhos de Deus o amor começado entre os homens.

– É só na Terra que se encontra esse amor, dizia a alma. Quando nasceri eu pois?

A alma foi ter com o anjo e disse-lhe:

– Deus permitirá que eu vá à Terra breve?

– Sim, respondeu o anjo.

– Quando?

– Daqui a um século, ou um século e meio.

Onde se poderá ser paciente se no Céu não o fossem?

A alma esperou.

Decididamente o mundo tornava-se feliz, e parecia voltar à idade de ouro. O Cristo havia-se servido do amor terrestre para chegar à fé. Ele havia

posto uma revelação no primeiro pecado da primeira mulher, e graças a isso, podia-se passar alguns meses na Terra sem se comprometer muito.

No entanto a alma compreendia que essa esperança de um outro mundo fora da presença de Deus já era em si um pecado, e que ela chegaria à Terra manchada por uma falta original, tanto maior, pois era cometida no meio da inocência eterna. Assim quando ela orava pelos outros, orava também um pouco por si.

O tempo passava-se. A alma via chegar com alegria o momento desejado. Passeava à hora em que a noite desce sobre a Terra nos caminhos os mais solitários do Céu, procurando levantar um canto do véu estrelado que todas as noites Deus estende no Céu. Seguia sonhando a Via Láctea, dizendo: “Que castigo me fará sofrer o Senhor pela falta que cometo junto a ele, quando não devia ter senão um desejo, a sua presença; uma felicidade, a oração; uma alegria, a eternidade?”

De tempos a tempos o anjo passava junto a ela, e dizia-lhe: “Paciência!”

A alma esperava.

Enfim, uma noite que ela sonhava como de costume, seguindo as revoluções de uma estrela, o anjo aproximou-se dela e disse-lhe:

- Tua mãe nasceu hoje.
- Minha mãe?! exclamou a alma.
- Sim.

Então só tenho que esperar uns dezoito anos, pouco mais ou menos, pois que espero e desejo que minha mãe case-se moça.

- Espera, pois.

A alma esteve radiante. Deixou a solidão e veio participar às suas companheiras o nascimento de sua mãe.

Agora que tinha a certeza de nascer ainda uma cousa a preocupava: era saber se nasceria homem ou mulher. Mas nesse caso os mistérios do futuro eram impenetráveis; era preciso esperar.

Todos os dias perguntava ao anjo:

- Como vai minha mãe?
- Nasceu-lhe hoje o primeiro dente.
- Que felicidade! dizia a alma.

No entanto cada dia entranhava-se mais no seu pecado; antes mesmo de nascer já tinha uma falta a expiar.

Uma manhã o anjo veio ao seu encontro e disse-lhe:

- Tua mãe casou-se hoje.
- Minha mãe casou-se?!

- Há uma hora.
- Então só tenho que esperar?...
- Nove meses.

A alma foi participar o casamento de sua mãe, como o havia feito na ocasião do seu nascimento.

Recebeu os parabéns de todos. A crônica chega a dizer que recebeu encomendas de algumas companheiras que haviam esquecido ou deixado alguma cousa na Terra.

De mais a mais como um pecado produz outro, ela tornou-se de um orgulho insuportável; não havia meio de chegar-se a ela; a certeza que tinha de ir à Terra, transtornou-lhe a cabeça de tal modo, que fizera muitos inimigos, e chegara a brigar com três profetas e cinco mártires.

Que castigo reservava Deus a essa alma que transtornava assim a serenidade do céu?

De novo encontrou o anjo.

- E então? exclamou ela.
- Tua mãe está grávida.
- De mim?
- De ti.

A alma lançou uma exclamação, que na Terra seria um pecado, e que no Céu era um crime.

Nunca se havia visto uma alma tão ocupada e mais desejosa de sua vida corporal. Também aqueles que não tinham outro amor além de Deus começavam a orar por ela.

A sua alegria aumentava à medida que via passar o tempo, e um dia que estava mais contente que de costume, porque acabava de calcular que faltavam-lhe poucos dias para nascer, o anjo veio ter com ela.

- E então? disse a alma.
- Ai! respondeu o anjo, tua mãe morreu há pouco!
- E eu, exclamou a alma egoísta.
- Tu, tu morreste ao nascer!

O castigo seguiu de perto a falta. A alma sentiu que faltava-lhe o Céu sob os pés; fora precipitada no limbo.

Corinna de Vivaldi



1880³⁵²

CONVERSÇÕES COM A MINHA FILHA: A MULHER INDEPENDENTE

- Como eu desejava ser homem, mamãe!
- E por que, Maria?
- Por tudo, imagino! Um homem faz aquilo que quer; vai, vem, grita e ordena; um homem pode ser advogado, médico, engenheiro, deputado, ministro, general. Uma mulher não pode ser senão uma mulher.
- É verdade, mas numa sociedade educada, esta mulher, esta pobre mulher, poderá sempre tomar lugar ao lado do advogado, do médico, do ministro e do general.
- É um favor que se lhe faz, mamãe, não é um direito que tem.
- E por que este favor?
- Porque a mulher é fraca.
- Não, é porque a mulher é forte. A mulher é uma potência que o homem respeita. O homem e a mulher são dous grandes motores, mas de

³⁵² Na *Ilustração do Brasil*, em 1880, ano 2, nova série, n. 14. Esta crônica não foi assinada, mas, devido à sequência de publicações “Conversações com minha filha: a mulher literata” e “Conversações com minha filha: a mulher feia” é possível atribuir a autoria à Corina. Publicada na *Ilustração Popular* em 2 de outubro de 1876.

forças opostas – se fossem iguais não se poderiam tolerar. Mas queres concluir por isso que uma é superior à outra! Quem tem a superioridade? a terra que fornece as nuvens de água, ou as nuvens que a reenviam para a terra? Cada uma preenche a parte que lhe coube na ordem da natureza. O nosso globo precisa do sol; mas sabes se o sol existiria se o globo não existisse? Todos os átomos da matéria, da flor ao rochedo, do animal à estrela, do mar ao homem, mostram a sua comum origem na perfeita igualdade de toda a criação. Só o espírito imaginou as distâncias; proclamou os diferentes grãos, e ninguém até agora pôde estabelecer se a inteligência da mulher é superior ou inferior à do homem. Creio que ela partilha com o homem a soberania da natureza no seu estado mais perfeito.

– Mas, por que então a mulher não pode fazer aquilo que faz o homem?

– Dize cá, Maria. Quem limpa os nossos quartos e faz as nossas camas?

– Que pergunta, mamãe! é a nossa criada.

– Quem lava a nossa roupa?

– Francisca.

– Quem corta os teus vestidos?

– A costureira.

– Quem faz o teu calçado?

– Ora esta! o sapateiro.

– Quem faz os móveis?

– O carpinteiro.

– Por que então Francisca não faz o teu calçado, por que o carpinteiro não cose os teus vestidos, e o sapateiro não lava a tua roupa?

– Porque cada um tem o seu ofício.

– Ora aí está! Pensa só que confusão não haveria se as mulheres tivessem de partir para a armada ou o exército, e se fossem discutir no Parlamento! Os homens seriam obrigados a ficar em casa para remendar a roupa.

– E seria justo! – exclamou Maria com as faces afogueadas – porque eles têm a melhor parte da vida, a parte nobre e livre! e nós, pelo contrário, estamos condenadas à agulha e à casa.

– E quem te disse que a missão do homem é mais bela, mais nobre e mais livre do que a nossa? Eles no entanto quase nunca podem dedicar-se aos seus estudos prediletos; pois que muitas vezes a necessidade os obriga a seguir outros; tem um alvo certo, e devem passar todos pelo mesmo caminho, reto e árido. Para a maior parte deles o estudo é uma corrente que devem arrastar sempre consigo junto à mesa do emprego. Queiram ou não queiram a conscrição os espera. A política, a hidra de sete cabeças os fascina.

Ocupados com os negócios, têm raras vezes uma hora que possam passar à sua vontade. As preocupações do dia os seguem até no descanso da noite, e a sua imaginação presa entre o “dever” e o “haver” não pode elevar-se até os voos da poesia, nem extasiar-se na contemplação do belo. É esta a independência que invejas? A mulher, senhora da sua casa e senhora do seu tempo, entre as ocupações calmas do descanso da família, cercada dos risos dos filhinhos – com as suas amigas, com o seu bordado, com os seus livros favoritos, numa cômoda poltrona, no vão da janela, cercada de flores – a mulher com os seus privilégios, com os seus direitos, não te parece mais livre e mais feliz do que o homem?

E se olharmos para a nobreza da sua missão – a quem foi confiado o cargo de tornar a vida suave e agradável ao homem? de aliviar-lhe as dores? de fortificar-lhe a alma pela fé e pela esperança? Onde está a maior força do amor senão na mulher, e onde está a grande alavanca do mundo senão no amor! Não há dúvida que a influência que nós exercitamos sobre o homem é muito maior do que a que ele exercita sobre nós. O menino copia o que faz sua mãe, o irmão imita a sua mana mais velha e o marido ouve sua mulher. É da família, e de entre os braços da mulher que o homem sai para lançar-se no turbilhão do mundo – e sai educado nos afetos santos, nos pensamentos delicados. Deus criou o homem, e a mulher o corrigiu.

Então a mulher é superior ao homem?

– Mas os homens, mamãe, têm-nos em conta de cabecinhas sem ideias e incapazes de compreender os grandes pensamentos.

– Não sei se os homens pensam assim, mas se é verdade o que dizes, o sistema que queres seguir, não é por certo aquele que nos fará crescer na opinião dos homens. Com o desejo de seres homem mostras o de teres a mulher em pouca conta – e se começarmos por nos desprezar, como poderemos exigir o respeito dos homens? Já é muito e já é demasiado o modo por que dizem que o nosso sexo é volúvel, que é leviano, que é ignorante e cheio de vaidade. Pois bem! façamos ver o contrário. Sejam mulheres fortes – eduquemo-nos pelos estudos severos e para as grandes virtudes. Sejam companheiras dignas dos homens, e seja esta a nossa maior glória.

– Sim, mas não poderemos ser úteis fora do lar doméstico; as nossas virtudes são só para a família; os nossos estudos servirão só para o ensino dos meninos, o nosso amor pátrio se reduzirá a ler história dos nossos antepassados.

– Pelo que vejo, minha filha, a glória militar te atrai, e crês portanto que não há outro modo de servir o seu país, senão com a espada em punho.

– Confesso que é verdade: Camila,³⁵³ Joana d’Arc³⁵⁴ e Clara Camarão³⁵⁵ sempre me pareceram mulheres superiores às outras.

– E por que superiores à mulher de Coriolano,³⁵⁶ e a mãe dos Gracchos?³⁵⁷ Porque superiores a tantas mulheres, que no silêncio da casa, sem alarde, sem ostentação, sem escrever o seu nome nas páginas da história, assinaram com o sangue dos seus filhos e dos seus maridos a liberdade da Pátria? Oh! Grandes e desconhecidas virtudes da mãe de família; eu as assemelho ao orvalho. Quando todos dormem, sem ser visto, silencioso, desce e vem restaurar os nossos campos, dar vida às flores, refrescá-las, tornando assim mais verdejante a erva dos nossos prados, de maneira que, quando acordamos, achamos a natureza mais bela e mais alegre. Maria, a missão da mulher é como a do orvalho: lenta, perseverante, sublime; – uma missão que se serve de preferência dos meios brandos, cuja ação é sobre o coração e a fantasia. Ah! não digas que a mulher é incapaz de melhorar a sociedade. O homem representa a força material, mas a mulher é a alma.

Maria correu aos meus braços, e escondendo a cabeça no meu seio, murmurou não sei que promessa.

353 Destacou-se na arte da caça e da guerra.

354 Também chamada Jeanne la Pucelle ou a Pucelle d’Orléans (Domrémy, 6/1/1412 – Rouen, 30/5/1431). Heroína francesa pelos seus feitos realizados na Guerra dos Cem Anos. Beatificada em 1909.

355 Indígena potiguar (final do século XVI), participou da guerra dos Tejucupapo, que se deu a 23 de abril de 1646, no estado de Pernambuco, cujo objetivo era expulsar os holandeses. Era casada com Filipe Camarão.

356 Virgília dirigiu-se ao acampamento volscano para pedir que Caio Márcio Coriolano não sitiasse Roma.

357 Cornélia, Africana (c. 189 a.C. – c. 110 a.C.). Romana. Casou-se com Tiberius Sempronius Gracchus, com quem teve 12 filhos. Sempre apoiou as ideias políticas reformistas de seus filhos, que morreram assassinados.



1880³⁵⁸

UM SONHO³⁵⁹
LUDOVIC HALÉVY

Meu amigo Raul casava-se ontem em Santa Clotilde.³⁶⁰ Chego à igreja muita gente e a cerimônia já principiada.

Vou me esgueirando para um dos lados. O sacerdote concluía sua prédica, que terminava com esta frase:

“Sejam pois unidos na Terra até que sejam unidos definitivamente no Céu.”

Eu não pude reter uma exclamação: Raul não se casava com uma menina: casava-se com a encantadora condessinha Joana de Charmelieu, viúva do meu amigo Gastão de Charmelieu.

Aquela amável criatura estava destinada a fazer a felicidade dos meus amigos. Raul depois de Gastão. Na Terra nada mais simples. Tendo-se retirado Gastão, ficava Raul; mas lá em cima, no Céu, para a união definitiva serão dous: Gastão e Raul, o primeiro e o segundo marido.

³⁵⁸ *Illustração do Brazil*, em 1880, ano 2, nova série, n. 16.

³⁵⁹ No periódico esta crônica foi publicada após “Finda com o atual número da *Illustração do Brazil*”. Entretanto, as organizadoras optaram por registrá-la na ordem em que se encontra para manter a coerência textual.

³⁶⁰ Basílica neogótica localizada em Paris, no 7º *arrondissement*. Sua construção teve início em 1846 e terminou em 1857.

Caí em profundas reflexões.

Aquela frase do padre de Santa Clotilde fazia provavelmente parte de todos os pequenos discursos que servem para os casamentos.

Naturalmente cinco anos antes haviam feito a mesma promessa a Gastão; disseram-lhe, sem dúvida, que, se ele vivesse e morresse como cristão, encontraria de novo a sua Joanhinha, no Paraíso, entre os Anjos, Arcanjos, os Tronos e Dominações.

No entanto, grande rebuliço em torno de mim. A missa estava acabada. Os órgãos tocavam a *Marcha nupcial* de Mendelssohn.³⁶¹ Segui a onda que levava-me à sacristia. Aperto de mão à noiva, aperto de mão ao noivo. Não lhes dirigi uma só palavra, e fiz muito bem, pois que tinha uma tolice na ponta da língua; creio que não poderia ter deixado de dizer a Raul: ouviste, e compreendeste bem esta frase sobre a união definitiva? Serão dous, meu amigo, para a união definitiva.

Saio da igreja, faço duas ou três visitas, volto a casa, monto a cavalo, janto no *Club*, vou à Ópera,³⁶² e sempre essa estúpida ideia fixa a perseguir-me: “Como se haverão eles no outro mundo, Gastão e Raul?”

Deito-me e adormeço, e aqui é que o sonho começa. Um sonho é bom não esquecer, é um sonho.



Achava-me no Paraíso: na estação, grande movimento de trens; os vagões partiam vazios e voltavam mais ou menos cheios. O chefe da estação era S. Tomás.

Eu conversava com ele, e muito cortesmente explicava-me a organização do serviço.

Os trens, dizia-me ele, partem da Terra, tocam no Inferno, tocam no Purgatório e param no Paraíso. Presentemente temos aqui muita gente. Tem-se atormentado um pouco o Santo Padre nestes últimos anos; houve contra a religião como que um pequeno laivo de perseguição, que animou

³⁶¹ Foi composta para a peça de William Shakespeare, *Sonho de uma noite de verão*.

³⁶² Num primeiro momento, pode-se pensar na Ópera Garnier. Mas, houve, em Paris, outras casas anteriores, como o Teatro Nacional de Paris, conhecido também como Ópera Montansier ou Ópera de La Rue de Richelieu. Com o fim dessa instituição, nasceu a Ópera de la Rue Le Peletier, destruída por um incêndio em 1873. Esse evento apressou a construção da Ópera Garnier, inaugurada em 1875.

os tímidos e decidiu os indiferentes. O concílio é uma cousa excelente e que nos faz muito bem.³⁶³

“Enfim, estamos satisfeitos, satisfeitíssimos; há, de meses para cá, constante progressão de viajantes para o Paraíso. Todos os dias, a hora da partida, na Terra é necessário ajuntar vagões ao trem... E isto devido em parte às bexigas, não nego; mas é sobretudo devido à recrudescência da fé. Em suma, vai ser-lhe proporcionada ocasião de julgar. Sete horas e dez.... O trem “expresso” vai chegar.... Sim.... temos “expressos” que vêm diretamente da Terra.... Ouve o assobio? Eis aí o trem. Copiamos a organização francesa; é a melhor. Uma grande companhia que emitiu suas ações por meio de subscrição pública; os títulos garantidos pelo Céu.

“As nossas linhas principais acham-se terminadas, mas não comunicamos ainda com todos os planetas, ocupamo-nos atualmente com a nossa segunda rede. Atenção! chega o trem. Como vê, temos vagões de três classes: primeira, segunda e terceira; um carro de cargas e um compartimento para os cães. Descem; repare bem nisto: pouca gente na segunda classe; a pequena burguesia dá pouco, é geralmente revolucionária, voltairiana e livre pensadora. Em compensação, na terceira classe muita gente: o povo ou é todo bom ou todo mau; as mais das vezes, bom. Muita gente igualmente na primeira classe. Ah! é preciso reconhecer também que os ricos têm grandes facilidades para alcançar a salvação. Têm todo o tempo para si, e admitindo mesmo que a melhor parte da sua existência, dão-na a Satã, acham sempre de longe em longe, com um pouco de boa vontade, uma hora ou duas na qual ajustam suas contas com a religião. Deus não é tão severo como se julga. Com pouco se contenta também. Fique aqui uns dous ou três dias, verás chegar uns cinquenta trens; e nesses trens encontrará com certeza gente sua conhecida. Terá ocasião de ver que o Paraíso ganha-se facilmente.”

S. Tomás é um tagarela. Falava, falava, falava; mas eu, desde alguns instantes, já não o ouvia. Era ela! a minha viúva de Santa Clotilde, a mulher de Gastão, a mulher de Raul!

Eu vira sua linda cabecinha à janela de um vagão-salão; depois, leve e faceira, saltou do trem, deixando um pouco ver as pernas que eram encantadoras. E ela corria de um lado para outro, exclamando:

O Paraíso? Onde está o Paraíso?? Tenho o meu bilhete!

³⁶³ Alusão ao Concílio do Vaticano I, convocado pelo papa Pio IX, que ocorreu de 8 de dezembro de 1869 a 18 de dezembro de 1870.

Lembrava-me tê-la visto assim um dia na estação de Compiègne, descendo de um trem especial que levava ao castelo os convidados da Imperatriz.³⁶⁴ E naquele dia também havia mostrado um pouco as pernas, e também havia corrido de um lado para outro da estação, exclamando:

Minhas malas! não esqueçam as minhas malas! trago quatorze.

E um oficial da coroa veio ter com ela na estação de Compiègne, dizendo-lhe:

Não tenha receio, sra. Condessa, encarrego-me das suas malas; estou aqui para as malas dos convidados.

E S. Pedro veio ter com ela na estação do Paraíso e disse-lhe:

O seu bilhete, minha senhora. Quer ter a bondade de mostrar-me o seu bilhete?

Aqui o tem, senhor.

Está perfeitamente em regra; pode passar. É por aqui a entrada do Paraíso.

A minha amiguinha fez uma graciosa reverência e passou.

Tive então um desejo louco de segui-la no Paraíso.

Quem sabe? Raul talvez tivesse morrido, e a minha viúva ia achar-se entre seus dous maridos.

Perguntei a S. Tomás se não poderia proporcionar-me um meio de entrar.

Facilmente, respondeu.

Sim, mas uma hora somente! Não me obrigarão a ficar? Poderei sair depois? porque, olhe, embora seja o Paraíso muito agradável, se tiver ainda alguns alegres anos para passar na Terra, eu não quisera perdê-los. A vida passa depressa, e o Paraíso é eterno.

Não tenha susto, poderá sair. Vamos.

E levou-me para junto de S. Pedro.

Reconhecerá aqui o senhor? disse-lhe S. Tomás; é um curioso que quer apenas entrar e sair.

Entre, senhor, entre; eu o reconhecerei.

Eis-me no Paraíso. Era tempo, e eu chegava justamente no momento preciso. Raul e Gastão, que haviam esperado os viajantes à chegada, já se haviam precipitado ao encontro da “sua mulher”.

Gastão agarrara na mão direita da Condessa e, puxando-a para o seu lado, dizia:

Joana, minha querida Joana.

³⁶⁴ O Chateau de Compiègne foi uma das moradias da realeza, construído por Luís XV e restaurado por Napoleão Bonaparte.

Raul tomara a mão esquerda e, puxando para o outro lado, dizia:
Marta, minha adorada Marta!

Tinha a Condessa dous nomes de batismo, e havia julgado conveniente não conservar na intimidade, para o segundo marido, o nome que havia servido para o primeiro. Era uma adorável criatura e de extrema delicadeza de sentimentos.

No entanto, Raul e Gastão não pareciam, nem um nem outro, dispostos a largar a presa.

Joana!

Marta!

Eu sou teu primeiro marido!

Sou teu segundo marido!

Os meus direitos são indiscutíveis!

Senhor, largue a senhora!

Não estou falando com o senhor, não o conheço!

“Não o conheço”... Ora note-se que quando vivos sobre a Terra eram amigos íntimos; tratavam-se por “tu”, não podiam viver um sem o outro. Raul, o segundo marido, não saía da casa de Gastão... e as más línguas diziam que... mas se fôssemos acreditar em tudo aquilo que dizem as más línguas!...

A disputa, no entanto, entre Raul e Gastão torna-se mais violenta. As vozes alteram-se; a vida é doce e pacífica no Céu, porém um tanto monótona: e o menor incidente faz o efeito de um desastre de carro em uma cidadezinha de província. Os bem-aventurados e as bem-aventuradas chegam de todos os lados.

Uns tomam o partido do primeiro marido; outros, o do segundo.

Quanto a Joana, não se mexia; tinha desembaraçado as mãos, e não dizia palavra nem a Gastão, nem a Raul.

S. Tomás me havia acompanhado no Paraíso.

Este caso, disse-lhe eu, já se deve ter apresentado aqui. As mulheres de dous maridos não são raras sobre a Terra.

De acordo; mas o que é novo, absolutamente novo aqui, é esta fúria de dous maridos disputando uma mulher. Ordinariamente, nesta circunstância, entre maridos, a disputa é para não retomarem a mulher.

E quando a situação é inversa; quando há duas mulheres para um só marido?

Oh! então é diferente: e entre as mulheres trata-se de ver qual apanhará o marido. As mulheres têm a fúria do casamento mesmo no Paraíso. No entanto, tivemos um incidente bem curioso no dia da chegada de Napoleão I.

Ah! Napoleão I está no Paraíso?!

Oh! fez primeiramente uma pequena estada no Purgatório, e, com franqueza, era justo. O seu procedimento com Pio VII em Fontainebleau!...³⁶⁵ Em suma ele ainda estava no Purgatório quando em 1852, em seguida do golpe de Estado, Napoleão III foi tão cortês com Pio IX,³⁶⁶ que julgou-se aqui pouco decente deixar no Purgatório o tio de semelhante sobrinho. Abriram-lhe, pois, as portas do Paraíso. Chegou aqui e as suas primeiras palavras foram:

E as minhas duas mulheres?

Tem preferência por alguma delas?

Sim, tenho, e tomarei de muito boa vontade a Josefina.³⁶⁷

Foi-se ter imediatamente com Josefina:

É Napoleão que está aí, ele a reclama.

“Sinto imensamente, respondeu secamente Josefina; mas, depois do que se passou em 1809, nunca mais voltarei, nunca! nunca!

“Foram buscar a Maria Luísa,³⁶⁸ que pôs-se a exclamar:

“Eu, rever Napoleão! voltar para sua companhia, eu que vivo tão tranquilamente com o General.³⁶⁹ Não me falem em Napoleão. Ele que vá buscar a Josefina!

Nem uma, nem outra quis ceder. Napoleão conservava-se de parte, sozinho, um pouco vexado, quando chegou Madame de Staël:

“Napoleão? diz ela; dei-mo, encarrego-me dele.

E vivem em perfeita harmonia.”

³⁶⁵ Napoleão queria retomar o território episcopal, que havia sido doado por Carlos Magno. Em junho de 1809, Pio VII excomungou todos aqueles que haviam agido contra a Igreja, mas sem mencionar explicitamente o nome de Napoleão. Em 5 de julho desse mesmo ano, o papa é levado preso para Savone, sendo transferido depois para Fontainebleau, onde ficou de 20 de junho de 1812 a 23 de janeiro de 1814.

³⁶⁶ Napoleão III enviou tropas francesas para defender o papa, em Roma, e assegurar o Estado pontifício, ameaçado pelos italianos que queriam uma Itália unificada, ao contrário do que aconteceu com Napoleão Bonaparte, que, depois de sua coroação, teve um relacionamento conflituoso com o pontífice.

³⁶⁷ Josefina de Beauharnais (Martinica, 1763 – Castelo de Malmaison, Paris, 1814). Primeira esposa de Napoleão I, com quem se casou em 1796, sendo coroada imperatriz em 1804. Aceitou o divórcio em 1809 por não poder dar um herdeiro ao imperador.

³⁶⁸ Marië-Louise d’Autriche (Viena, 1791 – Barme, 1847). Arquiduquesa da Áustria, imperatriz dos franceses. Casou-se com Napoleão em 1º de abril de 1810. Em 20 de março de 1811, nasceu o primeiro herdeiro do casal, vindo a tornar-se Napoleão II.

³⁶⁹ Adão Adalberto von Neipperg (Viena, 8/4/1775 – Parma, 22/2/1829).

Neste momento S. Tomás foi interrompido por um grito que levantou-se entre a multidão dos bem-aventurados:

O Padre Eterno! O Padre Eterno!

Era, com efeito, o Padre Eterno; passava por acaso por ali, e tendo ouvido o rumor aproximava-se.

Um sonho, tudo isto é um sonho, não se esqueçam.

Inteiramente o Padre Eterno da escola italiana: envolto em uma grande nuvem pardacenta, uma longa barba branca, um ar admirável de indulgência e caridade, um Júpiter burguês e virtuoso.

Para e pergunta o que se passa; em poucas palavras contam-lhe o facto.

Pois bem, diz o Padre Eterno, nada mais simples. A senhora está aqui em recompensa de seu comportamento religioso e suas virtudes cristãs. Tem, pois, direito à mais perfeita felicidade. Decida ela, pois, a escolha entre estes dous senhores.

Mas o que será feito do rejeitado! pergunta Gastão.

Pois bem, respondeu o Padre Eterno, eu darei aquele dos dous que não foi escolhido uma das mulheres não reclamadas que existem no Paraíso. Vamos, senhora, não percamos tempo. Decida-se. Faça a sua escolha.

Silenciosa, imóvel, Joana conservava-se entre seus dous maridos; e ambos, Gastão e Raul, alternadamente, segundo o costume antigo, procuravam as palavras que deviam convencer a sua mulher.

Lembra-te, dizia Gastão, casei-me contigo, e tu não tinhas senão trezentos mil francos de dote.

E tu não tinhas um soldo quando eu por minha vez casei-me contigo. O teu dote havia sido gasto em trapos, e aqui o senhor tinha posto fora a sua fortuna no *baccarat* e nas corridas.

Tu não tinhas senão trezentos mil francos, e eu poderia ter-me casado com a pequena Branca de Simiane, que possuía um milhão.

Bem sei que teu pai disse-me: “Dou um novo dote de trezentos mil francos à minha filha;” mas ele deu-mo em ações de suas minas da Bolívia, cujas ações no fim de três meses valiam apenas quatorze mil francos em vez de trezentos mil.

É que eu pouco me importava com o dinheiro. Sempre havia dito: “Se me casar, quero ter a mulher mais bonita de Paris, e a mais bem-vestida.” E é por isso que te escolhi, minha Joaninha.

Quatorze mil francos!... E no entanto discuti algum dia as contas da tua costureira? E eram terríveis, essas contas. Lembro-me ainda de um dia em que paguei dezessete mil francos...

E eu! paguei contas de vinte e três mil francos. E no entanto não tinha, como este senhor, quatrocentas mil libras de renda; mas eu tinha tanto orgulho da tua beleza, Joana, e do barulho que essa beleza fazia na sociedade! Teu luxo era o meu grande orgulho; a minha preocupação única. Que de diamantes e rendas! Que carruagens! Que cavalos! Que *livrées*! E o teu quarto, Joaninha, teu quarto guarnecido de cetim cor de cereja!... E depois os camarotes! Camarotes em todas as primeiras representações. Trezentos francos paguei eu pela primeira representação da *Família Benoiton*.³⁷⁰

Os camarotes! ele fala nos camarotes! Mesmo antes de ser marido era eu que sempre os pagava. A primeira representação do *Petit Faust*³⁷¹ custou-me quatrocentos francos, e dei quinhentos francos em 1868 pelo benefício da Patti.³⁷²

E lembra-se da data! Mas o senhor jantava em minha casa cinco vezes por semana; o senhor estava sempre metido nos nossos camarotes dos Italianos³⁷³ e da Ópera, o senhor, que faz tanto barulho por causa de dous ou três miseráveis camarotes oferecidos a minha mulher!

Dous ou três!... mas na verdade esses pormenores são indignos!...

Sou da mesma opinião, diz o Padre Eterno, que começava a impacientar-se na sua nuvem. Apressem-se, senhores, vamos, e a senhora, tenha a bondade de tomar uma resolução.

Joana conservava-se impassível; e os dous maridos continuavam a discutir.

Lembra-te, dizia Gastão, por ti cortei a minha carreira. Dei a minha demissão de capitão de hussardos, porque não querias ir para o destacamento de Sarreguemines.³⁷⁴

E eu que abracei a causa do Império por amor de ti!... Este senhor tinha-te metido nas contradições ministeriais e nos bailes oficiais... Estas cousas divertiam-na. Não quis a senhora renunciar a elas e, com grande escândalo dos meus, consenti em ir às Tulherias,³⁷⁵ eu nas Tulherias, em casa de um Napoleão!

– Nada de política: gritou o Padre Eterno, e sobretudo nada de cousas desagradáveis para Napoleão III. Ele retiraria as suas tropas de Roma; o que seria então do Concílio?

370 Comédia em cinco atos de Victoriano Sardou.

371 Opereta escrita por Hervé em 1869.

372 Adelina Patti (Madri, 10/2/1843 – Bresson, 27/9/1919). Soprana italiana.

373 Provável referência ao Teatro dos Italianos.

374 Sarreguemines, cidade do nordeste da França, na região leste, no departamento de Mosela.

375 Residência oficial dos imperadores, construída em 1564 e destruída por um incêndio em maio de 1871.

– Seja, nada de política; além disso tenho palavras mais convincentes, continuou Gastão. Vamos, Joana, minha Joana, lembra-te do nosso amor!... O primeiro fui eu! o primeiro!... Os nossos longos passeios, à tarde, em casa de teu pai em Roches-Grises: íamos devagar, bem devagarinho, nas alamedas mais sombrias, a tua cabeça pousando-me no ombro... E depois, no dia do nosso casamento, às seis horas partimos, sozinhos, ambos em um carro de posta...

“Chegamos à minha casa, à meia-noite, com um frio terrível... Os campos estavam todos brancos, brancos de neve, lembras-te?”

“Que bom fogo encontramos no castelo! que silêncio conservávamos, em que enleio estávamos ambos!... lembras-te...”

– Na verdade, senhor, interrompeu Raul, tais recordações vêm muito fora de tempo!

– É muito possível, mas creio que me é permitido falar um pouco do meu amor e também da minha confiança. Oh! era admirável a minha confiança!

“Que de gente não veio perfidamente dizer-me: “– Tome sentido em Raul!” Raul, é este senhor!

“Tome sentido em Raul. Ele quer-lhe muito bem, é sabido; mas há uma pessoa a quem ele quer muito mais do que ao senhor, e essa pessoa é sua mulher!” E eu desprezei todos esses mexericos.

– Ah! eu também fui admirável no terreno da confiança; dei provas disso. Mais tarde, senhor, quando por minha vez eu fui o marido, as calúnias iam o seu caminho.

“Era do sr. de Séricourt que me falavam a mim; de Séricourt, meu melhor amigo, que absurdo!

Eu reparei que a encantadora Joana não pudera conter um sobressalto ao ouvir o nome de Séricourt. Reparei nisso; porém Raul não viu cousa alguma e continuou:

– E quando Séricourt foi morto no México, quando, ao receber essa notícia imprevista e terrível, a senhora, minha amiga, deixou-se prostrar por uma dor tão natural e legítima, eu recebi uma abominável carta anônima, assim concebida:

“A sua mulher tem mais lágrimas para o amigo do que teria para o marido!!!” Nunca te falei nesta carta. Desconfiar de ti! desconfiar do meu amigo, de Séricourt!”

– O que é este Séricourt, que chega agora na discussão, exclama o Padre Eterno. É um terceiro marido? Que confusão, é esta?! Quem é Séricourt? Acabem com isto!

– Uma palavra ainda, Padre Eterno, uma só. No dia do meu casamento aqui com a senhora, um excelente padre, em Santa Clotilde, declarou-me que a nossa união provisória na Terra seria seguida de uma união eterna no Céu.

– E a mim, Padre Eterno, explicou Gastão, no dia do meu casamento, na Madalena,³⁷⁶ um bispo – repare bem – não um padre, mas um bispo, fez-me nos mesmos termos a mesma promessa.

– Isto está se tornando muito complicado, murmurou o Padre Eterno, muito embaraçado. Os meus representantes na Terra às vezes fazem cousas sem refletir. “Mas vejamos, senhora, por que cala-se? Vamos, é à senhora que compete decidir.”

Então a viuvinha, toda comovida e toda corada, chegou-se ao Padre Eterno.

– Se fosse infinitamente bom, senhor, permitiria que eu me arranjassem com o sr. de Séricourt, que está lá escondido naquela nuvem à esquerda, e que há mais de um quarto de hora está a fazer-me sinais.

Voltei a cabeça, e, com efeito, distingui de Séricourt, que, na sua nuvenzinha à esquerda, executava uma pantomima das mais galantes e expressivas.

Era ainda um amigo, o de Séricourt! Aquela adorável viúva, repito ainda uma vez, fora destinada a contribuir, até na eternidade, neste mundo e no outro, para a felicidade dos meus amigos.

– Por que não falou logo no princípio: respondeu o Padre Eterno.

“Isto concebia tudo. Arranje-se com o sr. de Séricourt. O que desejo eu? Que a senhora seja feliz no Paraíso, já que foi tão boa cristã na Terra.”

... E nisto acordei sobressaltado, tão “fresca” me pareceu semelhante decisão da parte do Padre Eterno.

CORA CY.

³⁷⁶ Igreja em Paris consagrada a Santa Maria de Madalena e construída de 1764 a 1828.



1880³⁷⁷

Finda com o atual número da *Ilustração do Brazil* a série a que tem direito uma grande parte dos nossos assinantes.

Acreditamos causar-lhes uma surpresa agradável, honrando a nossa primeira página com o retrato de Sua Majestade a Imperatriz.

Quem não conhece o vulto simpático da soberana que, em país estrangeiro, longe da pátria, soube granjear o respeito e o afeto de um povo inteiro?

Teresa Maria Cristina,³⁷⁸ princesa da Real Casa de Bourbon, filha de Francisco I, rei das Duas Sicílias, nasceu a 14 de março de 1822.

A 30 de maio de 1843 casou-se por procuração com Sua Majestade o Imperador do Brasil; e a 4 de setembro do mesmo ano recebeu as bênçãos nupciais na cidade do Rio de Janeiro.

Mãe exemplar, esposa modelo, Sua Majestade tem sabido adornar o seu diadema de soberana com todas as virtudes que santificam a fronte da mulher.

Por toda a parte onde a miséria faz ouvir os seus gemidos, e a desgraça lança grito de socorro, a mão benfazeja da soberana brasileira estende-se, trazendo alívio e consolações aos infelizes que a imploram.

³⁷⁷ *Ilustração do Brazil*, 1880, ano 2, nova série, n. 16.

³⁷⁸ Nápoles, 14/3/1822 – Porto, 28/12/1880.

Praticando a caridade como manda o Evangelho praticar, não sabe a mão direita o que faz a mão esquerda.³⁷⁹

Quantos infortúnios, quantas misérias não têm sido socorridas a tempo sem que saibam donde lhes vêm o auxílio, e a quem talvez os discretos emissores da caridosa soberana saibam dizer quem é o anjo que as socorreu!

Sua Majestade a Imperatriz tem acompanhado o seu Augusto Esposo nas suas diversas viagens.

Por toda parte, em todos os países que visitou, na América do Norte, na Europa, no Egito, na Síria, o vulto simpático e bondoso da Imperatriz brasileira tem sido acolhido com respeito afetuoso, e a soberana tem deixado indeléveis recordações nos corações dos habitantes que honrou com sua presença.

Pois que não é só no seu país de adoção, no Brasil, que Sua Majestade pratica a mais santa das virtudes cristãs; que o digam os inúmeros desgraçados por ela socorridos, que o digam os asilos de caridade que protegeu nos países por ela visitados.

Dizem os poetas que as asas dos anjos deixam rastros luminosos por onde passam.

Sua Majestade é o Anjo da Caridade na Terra, e as suas asas também têm rastros luminosos, e mais brilhantes do que os sonhados pelos poetas, pois são formados pelas lágrimas de gratidão daqueles cujos prantos de desventura enxugou.

Mas, no árduo caminho que leva ao trono, Sua Majestade não encontrou somente flores; as urzes a seu turno feriram-na também.

O seu coração de mãe sangrou por diversas vezes, e ainda está vívida no coração dos brasileiros a lembrança da jovem princesa Leopoldina que faleceu em terras estrangeiras, deixando lá a tradição das virtudes que aprendera junto à soberana que fora sua mãe. Deus na sua infinita sabedoria manda a mágoa tanto ao rico como ao pobre, ao rei como ao proletário. O nome de Teresa Maria Cristina é hoje o símbolo da caridade em todo mundo cristão.

Acreditamos, pois, que o retrato da Imperatriz do Brasil será recebido pelos nossos assinantes com sumo prazer e será conservado como a imagem da Virtude exaltada ao alto posto que pode ocupar entre nós, ao trono.

Corinna Coaracy.

³⁷⁹ Evangelho de Mateus (6: 1-6, 16-18).

Essa coletânea reúne textos de Corina Coaraci vinculados ao periódico *Ilustração do Brasil*, jornal dirigido por seu pai, Carlos de Vivaldi, entre 1877 e 1880, sob diferentes assinaturas. Este é o terceiro livro a vir a público e faz parte do projeto *Corina Coaraci: resgate de uma obra*, cuja finalidade é reunir a produção da obra da escritora dispersa em periódicos.

O primeiro foi *Modos e modas; usos e costumes*, dedicado às crônicas escritas e publicadas no periódico *A Folha Nova*; o segundo reuniu as crônicas estampadas em *O Paiz*. Entregamos agora ao leitor este terceiro volume.

Nele, podemos observar que sua atividade literária não se limitava a simples comentários ou a notícias de *faits divers*. Corina fazia crítica de arte, escrevia artigos de ocasião e tomava parte nas tarefas comuns da redação. Entre os artigos aqui publicados, destacamos um longo ensaio sobre a origem e o sucesso financeiro da família Rothschild; um relato sobre sonambulismo, traduzido do livro *Un cas de somnambulisme par Dr. Croissant*, de Luigi Capuana; e traduções dos contos “Uma alma para nascer”, de Alexandre Dumas, e “A sereia”, de Hans Christian Andersen.

O próximo volume, a ser publicado, em breve, reunirá as crônicas publicadas no *Cidade do Rio*.